

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
VICE-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE DIREITO – BALNEÁRIO CAMBORIÚ
NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA - NPJ**

**MOVIMENTOS MASCULINISTAS E A DISSEMINAÇÃO DA
MISOGINIA, MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA E DE GÊNERO:
DESAFIOS DO PODER PUNITIVO, DAS CIÊNCIAS E
PERSPECTIVAS NA ERA DIGITAL**

ANNI KAROLINI CABRAL DIAS

Balneário Camboriú, outubro de 2023.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
VICE-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO DE DIREITO – BALNEÁRIO CAMBORIÚ
NÚCLEO DE PRÁTICA JURÍDICA - NPJ**

**MOVIMENTOS MASCULINISTAS E A DISSEMINAÇÃO DA
MISOGINIA, MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA E DE GÊNERO:
DESAFIOS DO PODER PUNITIVO, DAS CIÊNCIAS E
PERSPECTIVAS NA ERA DIGITAL**

ANNI KAROLINI CABRAL DIAS

Monografia submetida à Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Orientador: Professor Doutor Jonathan Cardoso Régis

Balneário Camboriú, outubro de 2023.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus, que traçou meu caminho e colocou pessoas especiais em minha vida, iluminando meu percurso e me concedendo sabedoria para enfrentar os desafios e usá-los como degraus rumo ao sucesso início e finalização deste curso.

Ao meu bebê, Anthony Gael, que desde quando nasceu esteve ao meu lado, compartilhando a jornada agitada e estressante da vida de estudante e estagiária, meu amado filho, Sua presença constantemente tem sido minha fonte inesgotável de força e inspiração, motivando-me diariamente a buscar o melhor para nós dois.

À minha família, destacando a minha mãe Marli, e irmãos Karine e Ricardo, cujo apoio foi inestimável ao longo dessa jornada. Em especial minha tia Ivonetti, que desde o início acreditou em mim e me incentivou.

Ao Joinei, pai do meu filho, por independente de tudo estar ao meu lado, sempre oferecendo seu apoio.

À plataforma Uber, que enriqueceu minha vida nas viagens onde pude ter experiências e histórias compartilhadas com meus passageiros, que inclusive impulsionou diretamente minha entrada na Universidade.

Aos cursos de Psicologia e Direito e a todos os professores incríveis que, mesmo quando trilhei caminhos distintos, desempenharam um papel fundamental em meu crescimento acadêmico, profissional e visão de mundo.

Aos meus colegas de curso, cuja solidariedade e amizade foram um pilar importante ao longo desta jornada. Especialmente, desejo agradecer às amigas

Roselli Trevisan Lenzi, Silvana Caetano Coelho, assim como minhas queridas colegas de curso Edna e Adriana, que não apenas me apoiaram, mas também me inspiraram a ser corajosa.

À minha psicóloga, Gabrielle Pressoto, cujas terapias me conduziram à conscientização e me proporcionaram o tema deste trabalho por qual me apaixonei, pela sua complexidade e por ser de extrema relevância para a sociedade.

À instituição de ensino UNIVALI, pela sua estrutura exemplar, professores de excelência e parcerias enriquecedoras que contribuíram significativamente para a construção e desenvolvimento da minha carreira profissional.

Aos estágios que me proporcionaram experiências excepcionais, bem como aos meus supervisores, tanto passados quanto atuais: Paulo da Justiça Federal, me orientou de forma esclarecedora, bem como os Juízes Dr. Charles cujas estratégias na resolução de conflitos em suas audiências foram uma inspiração constante e Dr. André que trouxe uma perspectiva valiosa para a evolução deste trabalho. Também à Dra. Advogada Viana Schmidt do Escritório Criminal, com o qual pude ver o dia a dia, adquirindo uma visão única do funcionamento do sistema legal e das perspectivas daqueles que são punidos e de quem atua na defesa. A todos, expresso minha profunda gratidão por compartilharem generosamente seu conhecimento, sabedoria e experiências comigo, pois contribuíram muito para a conclusão deste trabalho.

Aos meus alunos do Instituto, que não apenas me inspiraram, mas também me proporcionaram a oportunidade valiosa de ensinar e aprender em uma troca enriquecedora. A qual me ajudou a desenvolver minhas habilidades de comunicação e a buscar formas mais eficazes de transmitir conhecimento.

Ao meu estimado Professor e Orientador, Professor, Dr. Jonathan Cardoso Régis, cuja orientação foi fundamental para a realização deste trabalho. Sua abordagem objetiva e sistemática desempenhou um papel crucial no desenvolvimento deste projeto e como professor na minha formação acadêmica. Agradeço pela sua dedicação e orientação ao longo deste processo.

Minha sincera gratidão a todos vocês, que foram fundamentais em minha jornada. Suas contribuições inestimáveis moldaram minha jornada de maneira significativa.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os indivíduos, independentemente do gênero, que estão empenhados em construir novas reflexões e percorrer caminhos que contribuam para o progresso da sociedade como um todo. Que, amplie a consciência de que todos unidos, podemos trabalhar na busca pela conquista da igualdade em nossa sociedade, e por meio dessa caminhada encontraremos nossa evolução pessoal.

TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Declaro, para todos os fins de direito, que assumo total responsabilidade pelo aporte ideológico conferido ao presente trabalho, isentando a Universidade do Vale do Itajaí, a Coordenação do Curso de Direito, a Banca Examinadora e o Orientador de toda e qualquer responsabilidade acerca do mesmo.

Balneário Camboriú, SC, 17 de outubro de 2023.

**Anni Karolini Cabral Dias
Graduanda**

PÁGINA DE APROVAÇÃO

A presente Monografia de conclusão do Curso de Direito da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, elaborada pela graduanda Anni Karolini Cabral Dias, sob o título **“Movimentos Masculinistas e a disseminação da misoginia, manifestos de violência e de gênero: desafios do poder punitivo e das ciências e perspectivas na era digital”**, foi submetida em ____ de novembro de 2023 à Banca Examinadora composta pelos seguintes professores: Doutor, Jonathan Cardoso Régis, Orientador(a) e Presidente da Banca Examinadora, e, Mestre, Rogério Ristow, Avaliador(a), sendo a referida Monografia Aprovada.

Balneário Camboriú, SC, 07 de novembro de 2023.

**Professor Doutor Jonathan Cardoso Régis
Orientador(a) e Presidente da Banca Examinadora**

**Profa. MSc. Cláudia Regina Althoff Figueiredo
Coordenação da Monografia**

ROL DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Chans	Canais em espaços anônimos encontrados em sua maioria na deep web com regra de proibição da presença de mulheres
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COPYCAT	Imitação inspirado em um crime anterior que ocorre após a exposição de conteúdos midiáticos que retratam os referidos crimes
Deep Web	Páginas na internet que os mecanismos de pesquisa não conseguem identificar
Discord	Aplicativo para comunicações individuais ou em grupos
Dogolachan	Fórum online anônimo o qual foi utilizado para as comemorações do massacre em Suzano
Fórum Online	Plataforma Online onde pessoas com interesses semelhantes participam de discussões e compartilhamento de informações sobre tópicos específicos ou assuntos gerais
FreenNet	Plataforma peer-to-peer de comunicação anticensura
HeForShe	“Ele Para Ela” Campanha que defende os direitos das mulheres iniciada pela ONU
Homens Sanctos	Grupo Masculinista iniciado na era do Orkut
Incel	Membros de um movimento masculinista virtual que se definem como incapazes de encontrar uma parceira romântica ou sexual
i2p	Rede anônima invisível sobreposta e darknet que permite a troca de mensagens de forma segura sob pseudônimos
Manosfera/Machosfera	Movimento Masculinista que promovem crenças antifeministas e sexistas
MGDHB	Movimento Masculinista iniciado na comunidade do Orkut que tem como título “Mulher Gosta De Homem Babaca”
MIGTOW	Movimento Masculinista cujos mandamentos são: não casar; não coabitar com uma mulher; não engravidar uma mulher; não se relacionar com mulher que tenha filhos
OLODM	Movimento Masculinista iniciado na comunidade do Orkut que tem como título “O Lado Obscuro Das Mulheres”
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
Pick – up Artist	Movimento Masculinista que se intitulam como artistas da sedução cujo objetivo é seduzir e ter sucesso sexual com as mulheres
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
Red Pill	Movimento Masculinista que se opõe ao sistema que favorece as mulheres
SaferNet	Organização não governamental sem fins lucrativos que

	reúne cientistas da computação
Sufragista	Movimento feminista iniciado no século XIX que consistiu na luta ativa pela participação das mulheres do direito ao voto e de serem votadas
Surface Web	Sistema na internet de Anonimato
SUS	Sistema Único de Saúde
Timelens	Consultoria de dados

SUMÁRIO

RESUMO	15
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 RAÍZES E EVOLUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA: UM CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL	20
1.1 DESVENDANDO A HIERARQUIA MASCULINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS PERSPECTIVAS DA PSCINÁLISE E DA SOCIOLOGIA SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE.....	21
1.1.2 REESCRENDO A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA PRÉ-HISTÓRIA E A REDEFINIÇÃO DO PAPEL DAS MULHERES COMO LÍDERES E SERES DIVINOS	22
1.1.3 TECENDO A NARRATIVA FEMININA NA PRÉ-HISTÓRIA: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS, ANTROPOLÓGICAS E CULTURAIS SOBRE A IGUALDADE DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES PALEOLÍTICAS.....	23
1.1.4 A SUBJUGAÇÃO FEMININA NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS: UMA ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DE PODER PATRIARCAIS NAS SOCIEDADES MESOPOTÁMICA, EGÍPICIA E GREGA	26
1.1.5 A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA: O PAPEL DA IGREJA CRISTÃ NA PERPETUAÇÃO DO PATRIARCADO AO LONGO DA IDADE MÉDIA	27
1.1.6 LUTAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO CONTRA A HIERARQUIA MASCULINA NA ERA MODERNA: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES NA BUSCA PELOS DIREITOS DAS MULHERES DURANTE AS REVOLUÇÕES FRANCESA E AMERICANA	29
1.1.7 REVISANDO A NARRATIVA DA IGUALDADE DE GÊNERO EM SOCIEDADES PASSADAS: NOVAS PERSPECTIVAS A PARTIR DOS ANOS 1990 SOBRE O PAPEL DAS MULHERES E OS MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA AO LONGO DA HISTÓRIA.....	31
1.1.8 SURGE O CONCEITO DE SUBALTERNIDADE FEMININA: REFLEXÕES SOBRE A NATURALIZAÇÃO DAS NORMAS DE GÊNERO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	32

1.2 A DESCONSTRUÇÃO CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS DA CONSCIÊNCIA INTELECTUAL MASCULINA	34
1.3 TENDÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NA HIERARQUIA MASCULINA DESDE OS ANOS 1990: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, PODER E EVOLUÇÃO CULTURAL	36
1.4 O CONTEXTO DA CRISE MASCULINA: EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS DE GÊNERO E A REAVALIAÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA SEUS DESAFIOS E REFLEXÕES NA ERA PÓS-FEMINISTA	42
1.5 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO	46
CAPÍTULO 2	49
EXPLORANDO OS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E FEMINISTAS: ORIGENS, INFLUÊNCIA NA MISOGINIA, NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEU IMPACTO NA ERA DIGITAL	49
2.1 ANÁLISE CRÍTICA DAS MANIFESTAÇÕES DE MISOGINIA NA ERA DIGITAL: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO, CONTROLE DO FEMININO, EFEITOS DO PATRIARCADO E PADRÕES DE VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS – ANÁLISE DE DADOS	50
2.2 TRAÇANDO AS RAÍZES E EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS: ANALISANDO OS OBJETIVOS E REINVIDICAÇÕES CENTRAIS DESDE A DÉCADA 1970 PÓS-FEMINISTA ATÉ A ERA DO TECNOCENTRISMO.....	53
2.2.1 MOVIMENTOS MASCULINISTAS ALIADOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: PONTOS DE DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS, OBJETIVOS E O FOMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PRÓ-FEMINISTAS	55
2.2.2 MOVIMENTOS MASCULINISTAS: UM ESTUDO DE CASOS QUE ABORDAM PREOCUPAÇÕES SOBRE A MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO	56
2.3 MOVIMENTO SUFRAGISTA E AS ESTRUTURAS JURÍDICAS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: IMPULSIONANDO A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE DIREITOS NO CONTEXTO DO DIREITO AO VOTO, NA POLÍTICA E NO SISTEMA JURÍDICO	58
2.3.1 UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE OS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E O DESAFIO DA EQUIDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE	

CONTEMPORÂNEA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	60
2.4 SOB A SUPERFÍCIE: DESVENDANDO AS CONEXÕES ENTRE MISOGINIA, VIOLÊNCIA E A IDEOLOGIA DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS	61
2.4.1 DA MISOGINIA À DESCONSTRUÇÃO: A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA.....	62
2.4.2 ANÁLISE DE DISCURSOS E AÇÕES QUE DENOTAM MISOGINIA: DEBATES E CONTROVÉRSIAS RELACIONADAS AO TRATAMENTO DA MISOGINIA NESSES GRUPOS E OS PREJUÍZOS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO.....	63
2.4.3 DESVELANDO A MISOGINIA E VIOLÊNCIA: DA AVERSÃO AO FEMININO À EXPRESSÃO DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	65
2.5 ANÁLISE CRÍTICA DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E FEMINISMO RADICAL: POLÍTICAS PÚBLICAS E DESAFIOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	67
2.6 NAS PROFUNDEZAS DIGITAIS: O PODER E A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS NA DEEP WEB	69
2.7 ANÁLISE DAS LITERATURAS UTILIZADAS POR MOVIMENTOS MASCULINISTAS: SUAS RAMIFICAÇÕES NAS REINVIDICAÇÕES DE GÊNERO, INFLUÊNCIA NA MISOGINIA E NAS MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA	72
2.7.1 EXPLORANDO A ANÁLISE DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS MASCULINISTAS NA ERA DIGITAL DO BRASIL	76
2.7.2 ANALISANDO OUTROS GRUPOS MASCULINISTAS DE TENDÊNCIA MISÓGINA E IDEOLÓGICA: AS PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS AMBÍGUAS EM RELAÇÃO ÀS MULHERES.....	78
CAPÍTULO 3	79
A RESPONSABILIDADE DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS FRENTE À MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET E O ENFOQUE DO DIREITO PENAL BRASILEIRO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	79
3.1 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS DIVERSAS VERTENTES DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS: CONTRIBUIÇÕES DOS ENFOQUES	

SISTEMÁTICOS PARA UMA COMPREENSÃO ABRANGENTE DAS ABORDAGENS ADOTADAS PELOS GRUPOS	81
3.1.1 MISOGINIA COMO FENÔMENO POLÍTICO: CONTROLE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	83
3.2 CONTRIBUIÇÕES DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS PARA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E MISOGINIA NO CONTEXTO DIGITAL: DA NECESSIDADE DE COMBATE DAS MANIFESTAÇÕES DESSA PROBLEMÁTICA NOS DISCURSOS E ATIVIDADES DOS GRUPOS MASCULINISTAS E SEU IMPACTO NA PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO, NA SAÚDE DA MULHER E A ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE	85
3.2.1 MISOGINIA ONLINE: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS NA VIDA DAS MULHERES E A IMPERATIVA NECESSIDADE DE COMBATE.....	87
3.2.2 IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES E A NECESSIDADE DE ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NO SETOR DE SAÚDE INCLUINDO O PAPEL DO SUS	88
3.3 A INTERCONEXÃO ENTRE MISOGINIA NOS DISCURSOS MASCULINISTAS E A ESTRATÉGIA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM COMUNIDADES ONLINE COMO MANIFESTAÇÃO DE CONTROLE: UMA ANÁLISE DE MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA EM FÓRUMS ANÔNIMOS, PERFIL DOS MEMBROS, CASOS DE ÓDIO, FEMINICÍDIO E DA RESPONSABILIDADE DAS PLATAFORMAS DIGITAIS E DAS MÍDIAS NA DIVULGAÇÃO DE ATOS DE VIOLÊNCIA E NA POTENCIAL INFLUÊNCIA DO EFEITO COPYCAT	90
3.3.1 ESTUDO DE CASO: FEMINICÍDIO E SUA CONEXÃO COM A PARTICIPAÇÃO EM FÓRUMS ONLINE MASCULINISTAS	94
3.3.2 INVESTIGAÇÃO E DENÚNCIAS: PERFIL DOS USUÁRIOS DE FÓRUMS ONLINE ANÔNIMOS (CHANS) E CASOS DE CRIME DE ÓDIO	95
3.3.3 O EFEITO COPYCAT E A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA: OS RISCOS DA AMPLA DIVULGAÇÃO DE ATOS DE VIOLÊNCIA.....	97
3.4 ENFRENTANDO O DISCURSO DE ÓDIO E A VIOLÊNCIA ONLINE: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E INVESTIMENTOS PARA O COMBATE DA DISSEMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA	99
3.5 PROMOVENDO A IGUALDADE DE GÊNERO: O PAPEL DO ATIVISMO FEMINISTA E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE À MISOGINIA, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E OS MANIFESTOS DE ÓDIO	101
3.6 A LEI MARIA DA PENHA E SEU IMPACTO: ANÁLISE DA REAÇÃO MASCULINA E AS CONSEQUENTES AUMENTO DO FEMINICÍDIO.....	102

3.7 ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ANÁLISE DOS MECANISMOS LEGAIS, DA RESPONSABILIDADE DOS AGRESSORES E DA INEFICÁCIA DA LEI MARIA DA PENHA	107
3.7.1 PROTEÇÃO JURÍDICA DA MULHER NO AMBIENTE DIGITAL E COMBATE À MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A LEI LOLA E O PROJETO DE LEI 872/23	108
3.8 SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS PARA ENFRENTAMENTO DA MISOGINIA E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO MUNDO REAL: CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA	110
3.8.1 O IMPACTO DA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NA MITIGAÇÃO DA MISOGINIA, VIOLÊNCIA DE GÊNERO, MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA E NA PREVENÇÃO DO EFEITO COPYCAT	111
3.8.2 DA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PREVENINDO A MISOGINIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIA DAS FONTES CITADAS	120

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido visando estudar as questões cruciais relacionadas à misoginia, violência de gênero, massacres e a influência do papel dos movimentos masculinistas. Ao longo deste estudo, foi investigado como a misoginia tem raízes profundas na história da humanidade, desde os pré-historiadores que relataram sobre os primórdios da hierarquia masculina, que moldou as estruturas, relegando a mulher a um papel subalterno do poder até sua manifestação contemporânea na internet, esse contexto histórico forneceu base para as origens da misoginia. A partir disso, nos anos 2000, por meio da internet, deu-se o início dos movimentos masculinistas, onde foi investigado sua origem, ideologia e objetivos que promovem uma postura antifeminista, discursos misóginos e as implicações dos movimentos masculinistas, que desafiam as conquistas do feminismo, dentro disso abre oportunidades para a propagação da misoginia e da violência de gênero. Também foram analisados os movimentos feministas, suas origens, objetivos e a chegada do movimento feminista radical que provoca uma disputa entre o masculino e atrapalha a busca pela igualdade de gênero. Em síntese, destaca a complexidade da misoginia e da violência de gênero, destacando como os movimentos masculinistas desempenham um papel significativo nesse contexto. Reconhecendo que não basta só a responsabilidade penal, mas necessidade de uma abordagem abrangente, que inclua a responsabilidade das plataformas digitais, a assistência interdisciplinar na saúde e a promoção de intervenções multidisciplinares. Além disso, a importância de dismantlar as estruturas de poder patriarcais para verdadeiramente combater esses problemas sociais profundos. Para encetar a investigação foi utilizado o método indutivo a ser operacionalizado com as técnicas do referente, das categorias, dos conceitos operacionais e da pesquisa de fontes documentais, resultando em uma fonte de pesquisa para os operadores do Direito.

Palavras-chave: Movimentos Masculinistas. Relações de Gênero. Ódio. Violência. Misoginia.

INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem como objeto “Os atos de violência praticados no meio virtual pelos movimentos masculinistas.”

O seu objetivo *institucional*, produzir uma monografia para obtenção do grau de bacharel em Direito, pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI; *geral*, estudar a hierarquia masculina desde os tempos primórdios e a violência de gênero praticada no meio virtual; *específicos*, conhecer os movimentos masculinistas, assim como também os movimentos feministas, suas origens, buscas e desafios; verificar a busca pela igualdade de gênero e os pilares fundamentais da luta pelos direitos humanos nas últimas décadas; conceituar a persistência da misoginia e da violência de gênero na sociedade contemporânea e, analisar a possibilidade na responsabilidade dos movimentos masculinistas e na abordagem do Direito Penal Brasileiro e das políticas públicas.

Para a presente monografia foi levantados os seguintes **problemas**:

- a) Em que medida os movimentos masculinistas podem influenciar e contribuir para a propagação da misoginia, da violência de gênero e dos massacres?
- b) Qual é o estado da legislação brasileira e das políticas públicas no combate à misoginia e à violência de gênero online, e quais são suas limitações?
- c) Quais são as possíveis soluções e abordagens para enfrentar a misoginia e a violência de gênero online, considerando o papel dos movimentos masculinistas, do Direito Penal Brasileiro e das políticas públicas?

Com base nos problemas levantados, se apresentam as seguintes **hipóteses**:

- a) Os movimentos masculinistas podem desempenhar um papel significativo na disseminação da misoginia, da violência de gênero e no incentivo aos massacres.
- b) O Direito Penal Brasileiro e as políticas públicas relacionadas à misoginia online e à violência de gênero são insuficientes e carecem de medidas eficazes de prevenção e combate.
- c) Soluções eficazes para enfrentar a misoginia e a violência de gênero online requerem uma abordagem multidisciplinar que envolva a sociedade civil, as plataformas digitais, o sistema legal e políticas públicas mais abrangentes.

Visando buscar a confirmação ou não das hipóteses, o trabalho foi dividido em **3 capítulos**.

No **Capítulo 1**, foi analisado a histórica hierarquia masculina com raízes profundas na evolução da sociedade humana, desde os primeiros pré-historiadores relatando os primórdios da humanidade, da filosofia, da religião, a raiz cultural da sociedade até os dias atuais.

Neste capítulo é examinado como a concepção da mulher como ser secundário, subjugado ao homem, permeou as estruturas sociais, culturais e políticas, moldando relações de poder que ainda persistem em nossa sociedade. Servindo como base para compreender a origem e a persistência da misoginia.

No **Capítulo 2**, aborda sobre os movimentos masculinistas, que apresentam uma variedade de perspectivas e discursos relacionadas às questões de gênero, além disso, um breve relato sobre os movimentos feministas incluindo o feminismo radical que iniciou na segunda onda feminista.

Busca-se analisar de que forma esses movimentos podem influenciar as percepções sobre a masculinidade, a feminilidade e as relações entre

os gêneros, e como suas ações podem ter implicações na disseminação da misoginia e da violência de gênero, apoio aos massacres especialmente no ambiente online.

No **Capítulo 3**, foram unidos os fios condutores dos dois capítulos anteriores para examinar a responsabilidade dos movimentos masculinistas em relação à misoginia, à violência de gênero e os massacres no Brasil o qual se permeia pelos fóruns online, bem como o papel do Direito Penal Brasileiro e das políticas públicas no enfrentamento desse fenômeno.

Neste capítulo investigam-se ainda como esses movimentos moldam a narrativa de gênero e contribuem para a disseminação da misoginia em fóruns virtuais e redes sociais. Somado a isso, examina-se quanto as lacunas e desafios existentes no sistema legal brasileiro e nas políticas públicas para lidar eficazmente com a misoginia online e a violência de gênero.

O presente Relatório de Pesquisa se encerra com as Considerações Finais, nas quais são apresentados pontos conclusivos destacados, seguidos da estimulação à continuidade dos estudos e das reflexões sobre os movimentos masculinistas, feministas, disseminação da misoginia, violência de gênero que provoca uma disputa e prejuízos na busca pela igualdade de gênero.

Importa observar que as categorias fundamentais para a monografia, bem como os seus conceitos operacionais serão apresentados no decorrer da presente pesquisa.

Quanto à Metodologia empregada, registra-se que, na Fase de Investigação¹ foi utilizado o Método Indutivo², na Fase de Tratamento de Dados o Método Cartesiano³, e, o Relatório dos Resultados expresso na presente Monografia é composto na base lógica Indutiva.

¹PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. 13 ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2015. p. 87.

²PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica**: teoria e prática. p. 91.

³LEITE, Eduardo de oliveira. **A monografia jurídica**. 5 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001. p. 22-26.

Nas diversas fases da Pesquisa, foram acionadas as Técnicas do Referente⁴, da Categoria⁵, do Conceito Operacional⁶ e da Pesquisa Bibliográfica⁷.

⁴ PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática.** p. 58.

⁵ PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática.** p. 27.

⁶ PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática.** p. 39.

⁷ PASOLD, Cesar Luiz. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática.** p. 215.

Capítulo 1

RAÍZES E EVOLUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA: UM CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOCULTURAL

O conceito de Hierarquia Masculina é abordado de forma ampla e diversa pela história, sendo objeto de discussão em diferentes correntes do pensamento ao longo da história nas áreas do direito, filosofia, sociologia, psicologia e antropologia.⁸

Neste capítulo, será abordado realizada análise quanto a hierarquia masculina, a iniciar com uma investigação comparativa entre a psicanálise e a sociologia, permeando no complexo de Édipo⁹ e na influência da sociologia na construção da masculinidade, bem como acerca das evidências arqueológicas, antropológicas e culturais das mulheres nas sociedades paleolíticas.

Além disso, busca-se analisar quanto as estruturas de poder patriarcais em civilizações antigas, como as sociedades mesopotâmicas, egípcia e grega, destacando a subjugação das mulheres nesse contexto, assim como também a influência da religião na construção da hierarquia masculina, e seu papel significativo na forma como as normas de gênero foram estabelecidas e mantidas.

Diante disso, abordam-se ainda as lutas pela igualdade de gênero na era moderna e ainda no que se refere as raízes, evolução e os desafios enfrentados em relação à hierarquia masculina e suas dinâmicas de gênero.

⁸ SIQUEIRA, Silvia Marcia Alves. Entrevista com Silvia Marcia Alves Siqueira: apontamentos para o estudo das representações acerca do masculino e do feminino no Mundo Antigo. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 11, p. 10-19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/download/21815/14436>. Acesso em: 08 ago. 2023.

⁹ BIRMAN, Joel. Gramáticas do erotismo. Editora José Olympio, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nosBDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 ago. 2023.

1.1 DESVENDANDO A HIERARQUIA MASCULINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE E DA SOCIOLOGIA SOBRE O COMPLEXO DE ÉDIPO E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Para o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, o qual formulou teorias sobre a estrutura da mente humana e sua influência nos pensamentos inconscientes discutiu sobre a existência do complexo de Édipo sugerindo que os homens em sua infância passam por um processo de identificação com o pai sendo uma figura de autoridade o, qual leva o masculino a assumir uma posição superior em face do feminino limitando a percepção de poder, autoridade e hierarquia.¹⁰

Já para R. W. Connel, sociólogo conhecido por seu trabalho sobre masculinidades aborda a hierarquia masculina de forma crítica relatando as estruturas sociais e de poder que contribuem para a construção dessa hierarquia, analisando-se as características como virilidade, força competição ter um modelo valorizado, exaltado e outras características masculinas que são desprezados e subordinados entre as diversas personalidade masculina.¹¹

Assim, nesse padrão do que é ser masculino para se enquadrar nas normas culturais e sociais que influenciam essa hierarquia masculina. Deste modo, o conceito de hierarquia masculina baseia-se na superioridade dos homens sobre as mulheres de forma a induzir a soberania de poder e status social.¹²

Nesse contexto, será analisado a história e evolução das sociedades primitivas escrita pelos primeiros pré-historiadores e o estudo que trouxe a redefinição do papel da mulher.

¹⁰ BIRMAN, Joel. Gramáticas do erotismo. Editora José Olympio, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nosBDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹¹ CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hZ-wsnvTI2oC&oi=fnd&pg=PA5&dq=connel+masculinidades&ots=sdEMU9j37o&sig=IdLXnOtWSUgSd_nPsSyu3EKwW4OY#v=onepage&q=connel%20masculinidades&f=false. Acesso em: 08 ago. 2023.

¹² BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; BLOC, Lucas Guimarães; TEÓFILO, Magno César Carvalho. Os rituais da construção da subjetividade masculina. **O público e o privado**, v. 10, n. 19 jan. jun, p. 17-32, 2012. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2627>. Acesso em: 14 out. 2023.

1.1.2 REESCREVENDO A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA PRÉ-HISTÓRIA E A REDEFINIÇÃO DO PAPEL DAS MULHERES COMO LÍDERES E SERES DIVINOS

A leitura sobre o lugar das mulheres teve também seu início com os primeiros pré-historiadores ao centrarem seu objeto de estudo no modelo patriarcal do século XIX originando uma construção de mitos que inferiorizavam as mulheres nos tempos pré-históricos¹³.

De acordo com Oliveira e Heerdt¹⁴:

[...] o que se pode analisar é que existe um único modo de pensar o homem e a mulher na pré-história, um homem forte e habilidoso e uma mulher frágil, que precisa ser cuidada, mas que não esquece seu zelo maternal, repetem um discurso de verdade construída. A reprodução acrítica do discurso da dominação masculina e o autoritarismo apresentados em muitos episódios da evolução humana, naturalizam modelos de homens e mulheres, e contribuem para a construção e a manutenção de desigualdades sociais impostas.

Em contrapartida, Marylène¹⁵ traz uma releitura sobre a arqueologia trazendo indícios que as mulheres eram vistas como seres divinos ao poder dar à luz e seu corpo produzir alimento.

Visto que há elementos arqueológicos que evidenciam que a mulher era vista com apreço pelo fator maternal da graça de gerar a vida e seu corpo produzir alimento, a partir disso as mulheres teriam se evidenciado como líderes para organizar as tribos e posteriormente transmitiam o poder de mãe para filha.¹⁶

¹³ DE OLIVEIRA, Andréa do Carmo Bruel; HEERDT, Bettina. Discursos em relação a homens e mulheres da pré-história: possíveis implicações no ensino de Biologia. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 17, n. 38, p. 71-87, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8091870>. Acesso em: 22 jun. 2023.

¹⁴ DE OLIVEIRA, Andréa do Carmo Bruel; HEERDT, Bettina. Discursos em relação a homens e mulheres da pré-história: possíveis implicações no ensino de Biologia. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 17, n. 38, p. 71-87, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8091870>. Acesso em: 22 jun. 2023.

¹⁵ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020-. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

¹⁶ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020-. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

Nenhum argumento arqueológico reforça a hipótese de que no Paleolítico as mulheres tinham um status social inferior ao dos homens. Baseados na abundância de representações femininas, arqueólogos sugerem até mesmo que, estando no centro das crenças, elas tinham uma posição elevada nessas sociedades.¹⁷ Outros pesquisadores sustentam que, nesses tempos remotos, as sociedades eram matrilineares, ou até mesmo matriarcais.¹⁷

Por conseguinte, a história relatada de outro ângulo, por outro gênero, inclui uma visão divergente, admitindo a existência de uma arqueologia de gênero que deixava as mulheres invisíveis como um sujeito menor numa Pré-história escrita por homens.¹⁸

Dessa forma, é possível identificar que há dados que impulsionam o entendimento que na sociedade paleolítica era na forma matrilinear onde o poder era exercido pelas mães daquela comunidade.¹⁹

Diante disso, será investigado as evidências arqueológicas, antropológicas, culturais e a importância das mulheres nas sociedades paleolíticas.

1.1.3 TECENDO A NARRATIVA FEMININA NA PRÉ-HISTÓRIA: UMA INVESTIGAÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS, ANTROPOLÓGICAS E CULTURAIS SOBRE A IGUALDADE DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NAS SOCIEDADES PALEOLÍTICAS

Na Pré-História, no período Paleolítico, segundo indícios arqueológicos indicam que desde a época nas cavernas homens e mulheres saíam à caça sendo igualmente responsáveis pela tomada de decisões, obtenção de alimentos e o cuidado pelos filhos, sendo que de acordo com Lerner²⁰, a teoria de

¹⁷ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/> Acesso em: 06 jun. 2023.

¹⁸ DINIZ, Mariana. Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso. **Promotora, Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade do Algarve**, n. 4, p. 37-51, 2006. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/7136>. Acesso em: 22 jun. 2023.

¹⁹ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020- . Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/> Acesso em: 06 jun. 2023.

²⁰ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. BOD GmbH DE, 2019. p. 43-45 Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n8OpEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=%C3%A1+ca%C3%A7a+eram+para+homens+e+organiza%C3%A7%C3%A3o+para+mulheres&ots=jAJgxXqjCs&sig=YGEI75j3EIY5gvqessnWPmpydCE#v=onepage&q=%C3%A1%20ca%C3%A7a%20eram%20para%20homens%20e%20organiza>

que a supremacia masculina do homem é por ele vir da caça e da guerra e por alegações biológicas duvidosas de superioridade masculina contrapõe as evidências antropológicas das sociedades caçadores-coletores, que em sua maioria a caça de grandes animais era uma atividade auxiliar ficando para as mulheres e crianças o fornecimento dos principais alimentos que era a caça de pequenos animais.

Antropólogas feministas vêm contestando nos últimos tempos muitas das generalizações iniciais – segundo as quais a dominação masculina era praticamente universal em todas as sociedades conhecidas-, tratando-as como suposições patriarcais da parte etnógrafos e pesquisadores daquelas culturas. Quando antropólogas feministas revisaram os dados ou fizeram o próprio trabalho de campo, descobriram que a dominação masculina estava longe de ser universal. Encontraram sociedades nas quais a assimetria sexual não tinha conotação de dominação ou submissão. Em vez disso, as tarefas realizadas por ambos os sexos eram considerados “complementares”; seus papéis e status eram diferentes, mas nivelados.²¹

Diante das evidências arqueológicas as sociedades antigas se percebiam assimétricas sexualmente, porém, sem a dominação masculina.

Com o surgimento da agricultura, o modo de vida das sociedades mudou, com a domesticação de animais e o cultivo das plantas permitindo o excesso de alimentos, possibilitando a criação de exércitos e a concentração de poder em poucas pessoas.²²

Durante todo o Paleolítico, em relação à divisão de tarefas, assim como ocorre entre os primatas, é bem provável que existisse um critério sexual de divisão: as mulheres permaneciam com o restante do grupo, coletando pequenos alimentos nas redondezas, ao mesmo tempo que se dedicavam às crianças, idosos e doentes; enquanto que os homens saíam para caçar. As viagens de caça podiam levar dias e às vezes semanas (BANDINTER, 1986). O ambiente extremamente hostil para humanos armados apenas com lanças de

%C3%A7%C3%A3o%20para%20mulheres&f=false. Acesso em: 26 jun. 2023.

²¹ LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. BOD GmbH DE, 2019. p. 43-45 Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n8OpEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=%C3%A1+ca%C3%A7a+eram+para+homens+e+organiza%C3%A7%C3%A3o+para+mulheres&ots=jAJgxXqjCs&sig=YGEI75j3EIY5gvqessnWPmpydCE#v=onepage&q=%C3%A1%20ca%C3%A7a%20eram%20para%20homens%20e%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20para%20mulheres&f=false>. Acesso em: 26 jun. 2023.

²² ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na Pré-História: Genealogia da violência. **Revista Ártemis**, PUC/Campinas. pp. 27-36, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5c298df115cab775685e5cd80cfcda1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 01 jun. 2023.

gravetos e pedaços de paus era outro agravante. As mulheres tinham que se acostumar com a ausência dos homens.²³

No período paleolítico, vestígios históricos revelam uma realidade em que a hegemonia política era detida pelas mulheres. As evidências arqueológicas desse período indicam que o papel feminino ocupava uma posição central e primordial na organização das sociedades. Mulheres desempenhavam funções de mediação e resolução de conflitos, bem como a responsabilidade pela administração dos clãs, tanto na vida quanto na morte. A figura da mulher estava intrinsecamente ligada à crença predominante daquela época, em que a divindade cultuada era a Grande Deusa-Mãe. Essa Deusa representava uma figura central na espiritualidade e na organização social, refletindo a relevância do feminino na sociedade paleolítica.²⁴

Segundo Adaid²⁵, desde os tempos primitivos já faziam uma separação de tarefas conforme o sexo e faixa etária. Mas há indícios que as mulheres nessa época eram cultuadas por dar à luz e seu corpo produzir alimento, transformando-as em grandes líderes de tribos.

Nesse período, a arte rupestre demonstra muito mais do que representações sem sentido da vida primitiva. Do ponto de vista religioso, este é o período em que se datam mais objetos que simbolizam o feminino, o que demonstra que os primitivos cultuavam a figura da mulher, possivelmente por sua capacidade de gerar a vida. São inúmeras estatuetas esculpidas em ossos e pedra que simbolizam a mulher. Enquanto que, no mesmo período, quase não se encontram qualquer vestígio de simbolização masculina. Desenhados nas paredes das cavernas, inúmeros desenhos e ranhuras representam vulvas, mulheres grávidas, partos e o aleitamento.²⁶

²³ ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na Pré-História: Genealogia da violência. **Revista Ártemis**, PUC/Campinas. pp. 27-36, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5c298df115cab775685e5cd80cfcda1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁴ DA SILVA, Vinícios; LONDERO, Josirene Candido. DO MATRIARCALISMO AO PATRIARCALISMO: formas de controle e opressão das mulheres. 2011. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31484>. Acesso em: 16 out. 2023.

²⁵ ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na Pré-História: Genealogia da violência. **Revista Ártemis**, PUC/Campinas. pp. 27-36, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5c298df115cab775685e5cd80cfcda1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁶ ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na Pré-História: Genealogia da violência. **Revista Ártemis**, PUC/Campinas. pp. 27-36, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5c298df115cab775685e5cd80cfcda1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>.

As pinturas rupestres simbolizam a valorização do feminino, nessas pinturas foi demonstrado que as mulheres participavam das tomadas de decisões dos grupos, garantia de alimentação básica, coleta de frutas verduras e caça de animais pequenos.²⁷

Dessa forma, conectando a pesquisa sobre a igualdade de gênero nas sociedades paleolíticas com a subsequente análise das estruturas de poder patriarcais nas civilizações antigas, destaca-se adiante quanto a transição de sociedades mais igualitárias para aquelas caracterizadas pela subjugação do feminino.

1.1.4 A SUBJUGAÇÃO FEMININA NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS: UMA ANÁLISE DAS ESTRUTURAS DE PODER PATRIARCAIS NAS SOCIEDADES MESOPO-TÂMICA, EGÍPCIA E GREGA.

Nas civilizações antigas, os estudos demonstram serem demasiadamente patriarcais como as sociedades mesopotâmica, egípcia e grega. As mulheres eram subordinadas aos homens, não tinham direito de voto ou direitos políticos, não possuíam propriedades e o poder econômico e político participava exclusivamente os homens.²⁸

O poder repousava em mãos masculinas que ocupavam grandes cargos públicos e recebiam uma renda em cereais e outros bens, enquanto as mulheres estavam praticamente excluídas da burocracia e da possibilidade de participarem dos ganhos provenientes desta. Documentos oriundos de Deir el-Medina mostram que, apesar dos casos em que observamos mulheres envolvidas na gerência de bens, egípcias presentes em transações financeiras eram minoria²⁹.

[origsite=gscholar&cbl=4708196](#). Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁷ BUCO, Cristiane et al. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Pi, Brasil. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 23, p. 245-273, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/19220> Acesso em: 27 jun. 2023.

²⁸ DE SOUZA, Aline Fernandes. "O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão.". In: ST 70 – Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar, 2008, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: PPGH – UFF, 2008. p. 1-04 E-book. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-papel-das-mulheres-na-sociedade-faraonica-a-igualdade/9159208/> Acesso em: 01 jun. 2023.

²⁹ DE SOUZA, Aline Fernandes. "O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão.". In: ST 70 – Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar, 2008, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: PPGH – UFF, 2008. p. 1-04 E-book. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-papel-das-mulheres-na-sociedade-faraonica-a-igualdade/9159208/> Acesso em: 01 jun. 2023.

As civilidades antigas muitas delas eram patriarcais, em especial as mulheres pobres eram tratadas diferentes não podendo ir à escola e os casamentos eram arranjados, as ricas aprendiam a ler e escrever em casa, não tinham direito a propriedade³⁰, os homens detinham o poder político, econômico e social já as mulheres tinham poucas oportunidades na política e nos negócios, não tinham direitos como o voto ou ocupar cargos públicos³¹, ou seja, em uma hierarquia de subordinação ao masculino reflete a realidade das civilizações antigas, em que o patriarcado era predominante e as mulheres relegadas a subordinação.³²

Esse contexto de subjugação feminina nas civilizações antigas estabelece uma base importante para a análise da influência da religião na construção da hierarquia masculina.

1.1.5 A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA: O PAPEL DA IGREJA CRISTÃ NA PERPETUAÇÃO DO PATRIARCADO AO LONGO DA IDADE MÉDIA

A religião desempenhou uma importante construção da hierarquia masculina, sendo Deus o criador simbolizado como homem, enquanto a representação da deusa é permeada por um papel dispensável. O patriarcado da igreja cristã acreditava que as mulheres tinham a posição na sociedade como sendo pecadoras, crença que contribuiu para a perpetuação da hierarquia masculina ao longo da Idade Média.³³

³⁰ DA SILVA GOMES, Fábio. Vivência sexual de algumas civilizações antigas ocidentais: gregos, romanos, povos nativos da América Portuguesa e de partes da África. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, n. 9, p. 27-49, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11007> Acesso em: 16 out. 2023.

³¹ DE SOUZA, Aline Fernandes. "O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão.". In: ST 70 – Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar, 2008, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: PPGH – UFF, 2008. p. 1-04 E-book. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-papel-das-mulheres-na-sociedade-faraonica-a-igualdade/9159208/> Acesso em: 01 jun. 2023.

³² RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo A. **Subjetividades antigas e modernas**. Annablume, 2008.APA Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ui16xXlwtLQC&oi=fnd&pg=PA5&dq=HIERARQUIA+MASCULINA+NAS+CIVILIZA%C3%87%C3%95ES+ANTIGAS&ots=0pkfD6oDVg&sig=yfrF22hvjXHUuxuvMOJ1Po9szX8#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 08 Out. 2023.

³³ ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia. pp. 93-97, jun. 2008. Disponível em: <https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:07KvC3bqZFfYJ:scholar.google.com/+ECCO,+Cl%C3%B3vis.+A+fun%C3%A7%C3%A3o+da+religi%C3%A3o+na+constru%C3%A7%C3%A3o+>

Portanto, por representação, a masculinidade se sente co-participante da criação. (...) A imagem de toda a masculinidade reside nos arquétipos de um Deus que é homem e todo Poderoso, de quem deriva toda a paternidade, tanto no céu como na terra. A família e a paternidade reforçam a hierarquia social da masculinidade.³⁴

A participação da igreja na perpetuação da hierarquia masculina é uma ferramenta para manter o poder nas mãos dos homens e limitar o acesso das mulheres a oportunidades e recursos advindo da religião.³⁵

A religião em seu aspecto institucional, tradicionalmente antifeminista, que através de seus pilares tem a dominação masculina mesmo com a intensa participação das mulheres na Igreja, sendo elas o principal público, constituindo sua base de sustentação³⁶ e, ainda assim, a influência da religião na construção da hierarquia masculina tem moldado significativamente a sociedade ao longo da história o qual desempenhou um papel fundamental na legitimação e perpetuação das estruturas de poder patriarcais.

Deste modo, esse contexto serve como trampolim natural para a análise das lutas pela igualdade de gênero contra a hierarquia masculina na era moderna, objeto de reflexão adiante.

1.1.6 LUTAS PELA IGUALDADE DE GÊNERO CONTRA A HIERARQUIA MASCULINA NA ERA MODERNA: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES NA BUSCA PELOS

social+da+masculinidade.+Revista+da+Abordagem+Gest%C3%A1tica:+Phenomenological+Studies,+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 01 jun. 2023.

³⁴ ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia. pp. 93-97, jun. 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:07KvC3bqZfYJ:scholar.google.com/+ECCO,+CI%C3%B3vis.+A+fun%C3%A7%C3%A3o+da+religi%C3%A3o+na+constru%C3%A7%C3%A3o+social+da+masculinidade.+Revista+da+Abordagem+Gest%C3%A1tica:+Phenomenological+Studies,+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 01 jun. 2023.

³⁵ ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia. pp. 93-97, jun. 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:07KvC3bqZfYJ:scholar.google.com/+ECCO,+CI%C3%B3vis.+A+fun%C3%A7%C3%A3o+da+religi%C3%A3o+na+constru%C3%A7%C3%A3o+social+da+masculinidade.+Revista+da+Abordagem+Gest%C3%A1tica:+Phenomenological+Studies,+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 01 jun. 2023.

³⁶ SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. **Rev Estudos da Religião**, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:psxj82eb7hkJ:scholar.google.com/+hierarquia+masculina+na+religi%C3%A3o&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 16 out. 2023.

DIREITOS DAS MULHERES DURANTE AS REVOLUÇÕES FRANCESA E AMERICANA

No início das revoluções francesa e americana na era moderna, iniciou uma geração de luta pelos direitos das mulheres para exigir igualdade de direitos incluindo o de cargos igualitários no trabalho e o direito ao voto na esfera política.³⁷

Na revolução Francesa houve duas categorias de feminismo um aristocrático sustentado por mulheres ricas e um popular, sendo que a líder feminista Marie Olympe de Gouges foi uma das atuantes líderes do feminismo agindo com intuito de sensibilizar líderes revolucionários a aplicarem às mulheres o princípio da igualdade jurídica proclamada pela Revolução.³⁸

Desde a Revolução Francesa, as reivindicações de cidadania das mulheres foram negadas com a construção do argumento de que as mulheres, "naturalmente frágeis", deveriam viver protegidas no espaço doméstico, infantilizadas como crianças e tuteladas pelos seus maridos. Por isso, a confusão entre a mulher empírica e o feminino - confusão que Lévinas também faz, apesar de todas as suas ressalvas - leva ao questionamento das proposições do autor sobre a mulher, cuja posição secundária se confunde com submissão, subordinação e ausência de direitos. A outra questão tem a ver com a aproximação que se pode fazer entre o feminino pensado dentro da tradição judaica e um ideal de essência feminina que estaria ligada às características biológicas das mulheres.³⁹

A Revolução Francesa trouxe muitas mudanças, e apesar de as mulheres terem participado ativamente da revolução sofriam pela desigualdade mesmo quando suas demandas eram semelhantes às dos homens, como demonstra Carla Rodrigues⁴⁰:

³⁷ RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas.. **Revista Estudos Feministas**, PUC/Rio de Janeiro. p. 371-387, Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tcCJz9p9hFjzHhC5XqbspGp/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

³⁸ DE SOUZA, Itamar. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. **Revista Uni-RN**, v. 2, n. 2, p. 111-111, 2003. Disponível em: <http://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/view/81/93> Acesso em: 16 out. 2023.

³⁹ RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas.. **Revista Estudos Feministas**, PUC/Rio de Janeiro. p. 371-387, Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tcCJz9p9hFjzHhC5XqbspGp/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

⁴⁰ RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas.. **Revista Estudos Feministas**, PUC/Rio de Janeiro. p. 371-387, Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tcCJz9p9hFjzHhC5XqbspGp/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

Quem resume esse debate é Carole Pateman. Ela mostra que desde a Revolução Francesa as mulheres tomaram dois caminhos distintos na luta para se tornarem cidadãs. O primeiro exige que o ideal de cidadania alcançado pelos homens seja estendido às mulheres, de tal forma que a sociedade seja "neutra em termos de gênero". O segundo, chamado por ela de "Dilema de Wollstonecraft", defende que as mulheres têm capacidades, talentos, necessidades e preocupações específicas, que devem ser levados em conta na sua cidadania. No entanto, a lógica da sociedade patriarcal sustentaria esses dois caminhos como incompatíveis porque o patriarcado permite apenas que se opte entre duas alternativas: tornar-se mulher "como homens", e assim sujeito de direitos, ou afirmar a especificidade das mulheres, o que não confere nenhum valor às mulheres para torná-las cidadãs.

Mesmo mulheres líderes da revolução, como a militante feminista Olympe de Gouges⁴¹ que escreveu livros sobre a desigualdade entre homens e mulheres, não foi suficiente para uma transformação, ressoando na sociedade atual a hierarquia masculina, conforme o preâmbulo escrito por ela a seguir:

Considerando que a ignorância, o esquecimento ou o menosprezo dos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolveram expor, em uma declaração solene, os direitos naturais inalienáveis e sagrados da mulher.

Mariana Pombo⁴² relata que houve a revolta antiautoritária na “Revolução dos costumes sexuais” ocorrida na revolução francesa, que contribuiu para o termo autoridade paterna por autoridade parental, mãe e pai.

Nesse sentido, na era moderna, o movimento ganhou força, com ativistas feministas e defensores dos direitos das mulheres liderando lutas corajosas por igualdade de gênero, sendo que tais lutas resultaram em avanços significativos em direção a uma sociedade mais justa e equitativa, sendo um ponto

⁴¹ GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos. Tradução de Cristian Brayner. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada>. Acesso em 06 jun. 2023

⁴² POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**. p. 447-470. Set-Dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 jun. 2023.

de transição para as mudanças e novas perspectivas que emergiram na compreensão das dinâmicas de gênero⁴³.

Diante disso, será explorado adiante de que maneira essas perspectivas evoluíram a partir dos anos 1990, bem como continuam a influenciar a compreensão das relações de gênero e poder.

1.1.7 REVISANDO A NARRATIVA DA IGUALDADE DE GÊNERO EM SOCIEDADES PASSADAS: NOVAS PERSPECTIVAS A PARTIR DOS ANOS 1990 SOBRE O PAPEL DAS MULHERES E OS MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DA HIERARQUIA MASCULINA AO LONGO DA HISTÓRIA

Por conseguinte, nos anos 1990, historiadoras sustentaram que as culturas pré-históricas eram mais igualitárias e menos hierarquizadas que as sociedades patriarcais, porém, é refutado.⁴⁴ por vários pesquisadores.⁴⁵

Durante mais de um século e meio, as interpretações feitas dos vestígios arqueológicos contribuíram fortemente para tornar as mulheres pré-históricas invisíveis, em especial diminuindo sua importância na economia. As novas descobertas trazem um olhar novo sobre elas, cujo papel na evolução se revela tão importante quanto o dos homens.⁴⁶

Essa narrativa, de que a mulher tinha um papel tão importante quanto o dos homens, foi evoluindo temporalmente, incluindo a influência de fatores

⁴³ POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**. p. 447-470. Set-Dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁴⁴ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020-. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁴⁵ **Robert Briffault**: escritor e estudioso britânico, escreveu sobre as origens da família e da propriedade em seu livro "The Mothers", argumentando que, em algumas sociedades antigas, as mulheres eram subordinadas aos homens e que a propriedade privada desempenhou um papel na criação dessa hierarquia. **Lewis Henry Morgan**, antropólogo americano do século XIX, propôs uma teoria evolutiva das sociedades humanas em seu trabalho "Ancient Society", aduzindo que as sociedades pré-históricas passaram por estágios de desenvolvimento, com o estágio mais antigo sendo o "estágio de selvageria", no qual a família era matrilinear. **Johann Jakob Bachofen**: jurista e historiador suíço do século XIX, é conhecido por suas teorias sobre as fases de evolução da família e da sociedade, o qual traz à tona que nas sociedades antigas, as mulheres desempenhavam um papel mais proeminente e que uma fase matriarcal precedeu a fase patriarcal.

⁴⁶ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020-. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

como economia, cultura, crenças, política e religião na construção e manutenção da hierarquia masculina.⁴⁷

Observa-se através de estudos que o grupo é definido a partir de características físicas, comportamentais e sociais classificando-se socialmente como uma hierarquia da masculinidade, intervindo nas relações sociais entre homens por meio da competição entre si por status e poder e entre homens e mulheres, inserindo estereótipos da masculinidade e feminilidade reforçados desde o início que se tem conhecimento sobre a organização da humanidade até atualmente através de publicidades, eventos esportivos como também as mídias sociais⁴⁸.

Nessa revisão crítica da história das relações de gênero, buscou-se analisar quanto o florescimento de novas abordagens e perspectivas que desafiaram e enriqueceram o entendimento sobre a hierarquia masculina e a subalternidade feminina temporal.

Nesse contexto de evolução e inovação, a seguir será examinado como a noção de subalternidade feminina impacta a sociedade contemporânea para uma compreensão mais profunda dos movimentos que seguem em direção a uma sociedade mais igualitária de gênero.

1.1.8 SURGE O CONCEITO DE SUBALTERNIDADE FEMININA: REFLEXÕES SOBRE A NATURALIZAÇÃO DAS NORMAS DE GÊNERO E SEU IMPACTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Diante disso, surge o conceito da subalternidade feminina onde passou a ser naturalizada a ponto de se tornar uma personalidade dominante do que é ser feminina como característica natural e universal, do mesmo modo a natureza

⁴⁷ LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020-. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁴⁸ HEILBORN. Maria Luiza, RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. Net, Rio de Janeiro, out. 2018. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/download/4547/3591>. Acesso em: 31 maio. 2023.

masculina ser dominante de modo que homens sensíveis que não se enquadram nesse padrão também estão fadados a censura social.⁴⁹

Escrito em 1949, *O segundo sexo* (1949 [2009]) marcaria o início da reflexão sobre a subalternidade feminina, que anos depois foi encampado pelos que se passou a chamar de “estudos de gênero”, caracterizado pela defesa da ideia de que a biologia não pode ser o fator determinante na diferenciação entre homens e mulheres. “Na humanidade, as ‘possibilidades’ individuais dependem da situação econômica e social”, escreve Beauvoir, que apresenta, a partir do que entende que seja uma construção social, uma visão de que a hierarquia entre masculino e feminino está fundamentada na cultura, começando na experiência familiar, passando pela educação nas escolas, pela tradição e pela religião. Beauvoir parte da premissa de que a hierarquia entre masculino/feminino está dada pela mesma oposição cultura/natureza, estando o masculino e a cultura na parte privilegiada dessa hierarquia, e o feminino e a natureza na parte inferior.⁵⁰

Joseana Stringini da Rosa⁵¹, afirma que subalternidade feminina põe a mulher como segundo plano ao homem, é visto na sociedade que tem um sistema vigente o patriarcado, trazendo prejuízos a mulher como opressão, submissão, silenciamento, violência simbólica e de gênero.

Contudo, a hierarquia masculina se inicia pelo desejo de poder e controle pelo outro, permeando suas raízes profundas desde a Pré-História e se desenvolvendo ao longo do tempo que levou a uma construção social do obsessivo masculino como parâmetro do comportamento socialmente legítimo em relação ao que é ser um homem e como este se relaciona com o feminino⁵².

A seguir, passa-se a discorrer um pouco mais sobre a hierarquia masculina relatada na filosofia.

⁴⁹ MARTINS, Tattiussa Costa et al. Sob à luz dos holofotes: percursos da masculinidade hegemônica e subalternidade feminina na História. 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12686>. Acesso em: 08 ago. 2023.

⁵⁰ HEILBORN, Maria Luiza, RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. Net, Rio de Janeiro, out. 2018. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/download/4547/3591>. Acesso em: 31 maio. 2023.

⁵¹ DA ROSA, Joseana Stringini. Subalternidade Feminina: Violência contra a mulher em o outro pé da sereia, de Mia Couto. **Revista Entre Parênteses**, UFSM/PPGL. ISSN 2238-4502. Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/795>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁵² MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2001. Disponível em: <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000713777>. Acesso em: 09 ago. 2023.

1.2 A DESCONSTRUÇÃO CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS DA CONSCIÊNCIA INTELECTUAL MASCULINA

No âmbito intelectual da filosofia a mulher é vista como um ser impensante, sendo-lhe impedido desenvolver sua capacidade racional e intelectual, não era permitido participar de política com o motivo de que não possuía sua racionalidade como os homens.⁵³

Schopenhauer, citado por Rodrigues⁵⁴, destaca que as mulheres inferiores aos homens, incapazes em todos os aspectos sendo elas esbanjadoras e oportunistas, tolas e imaturas, em suas palavras as mulheres não são destinadas aos grandes trabalhos materiais, pagando sua dívida a vida através das dores da maternidade, aos cuidados dos inquietantes da infância, que devem obedecer aos homens, pois não é feita nem para os grandes esforços, nem para dores ou prazeres excessivos, que a vida para a mulher pode ocorrer mais silenciosa, mais insignificante que a do homem.

Aristóteles sustentava que as mulheres possuíam um cérebro menor, afirmando que o corpo feminino está impedido de desenvolver sua capacidade racional e intelectual. Demonstrando desde então que a aceitação do triunfo entre as mulheres como seres pensantes no meio social continua sendo uma austeridade para as relações de gênero. Considerando esse ponto de vista nota-se que a construção social para a representação de um indivíduo está submetida ao corpo e de seu lugar no mundo.⁵⁵

Na trajetória histórica, especialmente na filosofia, percebe-se uma tendência de abordar o corpo da mulher em contextos permeados por

⁵³ RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO. **Revista Docentes**, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁵⁴ RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO?. **Revista Docentes**, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁵⁵ RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO?. **Revista Docentes**, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

preconceitos, refletindo uma visão que sugere uma inerente inferioridade feminina. Esses escritos, predominantemente produzidos por homens, articulavam a ideia de que a construção do conhecimento esvaziava as capacidades intelectuais da mulher.⁵⁶

Diante disso, pode-se afirmar que a visão negativa do “ser feminino” baseia-se no entendimento, segundo o qual, as “deficiências”, “limitações” e a própria inferioridade da mulher decorrem de sua própria natureza, ou seja, a condição inferior da mulher é vista como algo natural e, portanto, imutável. Esta visão do “feminino” esteve presente na história da filosofia e continua sendo um desafio para as mulheres filósofas. Enquanto ser humano, a mulher é dotada de razão, mas o uso pleno e adequado ainda está reservado, majoritariamente, ao ser masculino.⁵⁷

Afirmavam que as deficiências, limitações e a inferioridade da mulher decorre de sua própria natureza. Contudo, é possível identificar que hoje ainda move o discurso filosófico de um ideal feminino somente ligado ao corpo, transformando as mulheres em “belo sexo” como construção cultural que teve como objetivo principal afastar as mulheres do conhecimento, já que a consciência era considerada algo intelectual e oposto ao corpo.⁵⁸

Nesse contexto, é evidente que a filosofia examinou as relações entre a consciência intelectual masculina e o corpo feminino, caracterizando este último com conceitos negativos e subvalorizando sua capacidade intelectual. Isso resultou na centralização da consciência intelectual masculina na concepção do conhecimento, enquanto o feminino foi associado a uma posição de subordinação.⁵⁹

⁵⁶ ANDRIOLI, Liria Ângela. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Ijuí: UNIJUÍ, 2006. p.1-4 E-book. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/13018>. Acesso em: 24 maio. 2023.

⁵⁷ ANDRIOLI, Liria Ângela. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Ijuí: UNIJUÍ, 2006. p.1-4 E-book. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/13018>. Acesso em: 24 maio. 2023.

⁵⁸ ANDRIOLI, Liria Ângela. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Ijuí: UNIJUÍ, 2006. p.1-4 E-book. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/13018>. Acesso em: 24 maio. 2023.

⁵⁹ RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA

Desta forma, dando continuidade a essa análise, adiante se busca discorrer quanto a hierarquia masculina a partir dos anos 1990 trazendo algumas mudanças sociais, como o movimento feminista reivindicando igualdade de direitos, passando a masculinidade ser vista como algo moldado social e culturalmente e não como uma essência fixa e imutável, desafiando as mulheres a abrir caminhos e questionamentos para explorar de forma crítica a complexidade das relações entre o masculino e o feminino.

1.3 TENDÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NA HIERARQUIA MASCULINA DESDE OS ANOS 1990: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE, PODER, E EVOLUÇÃO CULTURAL

Desde a década de 1990, a hierarquia masculina passou por transformações em várias esferas da sociedade. Nesse cenário, as teorias de Connell⁶⁰ sobre a masculinidade hegemônica e a abordagem de Messerschmidt sobre a masculinidade estrutural oferecem insights cruciais sobre as dinâmicas de poder e as representações de gênero. Além disso, as obras de estudiosos que exploram a evolução das concepções de masculinidade também desempenham papel fundamental.

As pesquisas sobre o universo masculino passaram por uma modernização significativa a partir dos anos 1990, resultando em uma crítica ao conceito de masculinidade. Connell e Messerschmidt⁶¹ argumentam que o emprego do termo não deve ser essencialista, destacando a confusão conceitual presente em áreas como a psicologia, movimentos masculinistas e interpretações jornalísticas, especialmente em relação às diferenças biológicas e sexuais.

O que distancia o conceito do essencialismo é o fato de que pesquisadores exploraram as masculinidades postas em ato por

FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO?. Revista Docentes, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁶⁰ CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hZ-wsnvTI2oC&oi=fnd&pg=PA5&dq=connel+masculinidades&ots=sdEMU9j37o&sig=IdLXnOtWSUgSdnPsSyu3EKwW4OY#v=onepage&q=connel%20masculinidades&f=false>. Acesso em: 08 ago. 2023.

⁶¹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282. Abr. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

peças com corpos femininos.⁷⁶ A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular.

Seguindo os autores, a multidisciplinaridade das construções sociais distancia o conceito do essencialismo, pois muitos dos atos foram postos por ativistas mulheres e vindo do feminismo.⁶²

A hierarquia masculina pode ser observada em muitas sociedades ao redor do mundo, além de ser relatado desde os primórdios da reflexão humana e na filosofia somente na década de 1960 com o movimento feminista as mulheres começaram a se fazer ouvir e a lutar por igualdade de direitos, oportunidades e uma sociedade ampliada.⁶³

Os primeiros passos para a construção de estudos feministas estavam sendo dados. Novas frentes de luta foram surgindo, trabalhando com reivindicações, voltadas à desigualdade das mulheres frente aos homens, no exercício de direitos civis/político/trabalhistas. Com isso, se passou a questionar as raízes culturais responsáveis por estas desigualdades, considerando-as como resultado de construções sociais baseadas nas diferenças entre o masculino e o feminino.⁶⁴

Essa luta feminista passou a destacar as causas sobre igualdade de gênero, dando origem ao movimento de libertação das mulheres e obras que idealizavam essa igualdade.⁶⁵

A hierarquia masculina, na década de 1990, ainda prevalecia em todos os níveis da sociedade, o que acarretava uma desvantagem tangível na

⁶² CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282. Abr. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

⁶³ DINIZ, Carmen Regina Bauer. Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais-21 a**, v. 26, p. 1541-1555. Set. 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/anais. Acesso em: 09 jun. 2023

⁶⁴ DINIZ, Carmen Regina Bauer. Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais-21 a**, v. 26, p. 1541-1555. Set. 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/anais. Acesso em: 09 jun. 2023

⁶⁵ DINIZ, Carmen Regina Bauer. Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais-21 a**, v. 26, p. 1541-1555. Set. 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/anais. Acesso em: 09 jun. 2023

carreira profissional das mulheres. Muitas empresas conduziram entrevistas e recrutamentos que favoreceu os homens em detrimento das mulheres. Além disso, muitos empregadores e colegas de trabalho achavam que as mulheres eram incapazes de lidar com tarefas administrativas e tomar decisões importantes.⁶⁶

Na sociedade cabila, a diferença masculino/feminino inscreve-se em uma série de oposições homólogas, tais como alto/baixo, frente/trás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole, claro/escuro, fora/dentro, ativo/passivo, etc., cujos termos são diferentemente valorados. Deste modo, a constatação objetiva da diferença biológica entre os sexos transforma-se em discurso simbólico que justifica, subjetiva e implicitamente, a dominação masculina.⁶⁷

Débora Breder⁶⁸ retrata que nos fins dos anos 1990 houve o conceito versando sobre a construção hierárquica e a diferença entre masculino e feminino, nesta época também houve autores masculinos onde anunciaram em suas obras o apagamento dessas diferenças, onde os autores entre si, traz uma convergência de perspectivas, pois tais escritores consideram também o fato social da dominação masculina.

A hierarquia masculina, como um problema social, traz a hegemonia masculina abordando a valoração de característica destinada ao homem em detrimento da mulher estabelece essa relação hierárquica em que o masculino possui vantagem, essa desigualdade de gênero é uma das explicações para a violência contra a mulher, considerado um grave problema social⁶⁹, a qual moveu muitas mulheres a serem subordinadas e desvalorizadas em várias situações. Com isso, a autoestima e a autoconfiança das mulheres também caíram, razão pela qual elas internalizaram o baixo valor que a sociedade atribui a si mesmas.⁷⁰

⁶⁶ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo**. São Paulo. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁶⁷ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo**. São Paulo. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁶⁸ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo**. São Paulo. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁶⁹ DE OLIVEIRA GUIMARÃES, Carolina. Percepções sobre masculinidade e violência. 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/130982>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁷⁰ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo**. São Paulo. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

Na época era fortemente associado ao gênero os papéis atribuídos, diferenciando os cargos para mulheres e homens, limitando a confiança das mulheres em cargos de liderança, empreendedorismo, etc.⁷¹

[...] As mulheres apresentam uma falta de confiança nas suas próprias capacidades como empreendedoras quando comparadas com os homens. Uma vez estabelecidas num negócio, as mulheres relacionam-se menos com o empreendedorismo do que os homens e não se sentem confortáveis a autodenominarem-se de empreendedoras.⁷²

Apesar de em 1990 as mulheres se encontrar em cargos antes ditos masculinos, sentia-se a desigualdade de gênero em muitas áreas de trabalho, principalmente nos cargos tradicionalmente masculinos enfrentando barreiras e preconceitos enfrentando desafios para mostrar competência e liderança.⁷³

A disparidade salarial entre homens e mulheres é outro ponto da hierarquia masculina na sociedade. Na década de 1990, a diferença salarial era ainda maior, pois as mulheres ganhavam muito menos que os homens, embora fizessem o mesmo trabalho.⁷⁴

Apesar do notável avanço na participação no mercado de trabalho e da redução na diferença de rendimentos entre homens e mulheres, as mulheres ainda enfrentam muitas barreiras. Embora declinante, o diferencial é ainda elevado no Brasil. Os homens ganham, em média, 60% a mais do que as mulheres.⁷⁵

⁷¹ GOMES, Magda Soraia da Costa. Desafios e metaestereótipos no percurso empreendedor: crenças de autoeficácia e autoconfiança em mulheres fundadoras de startups. Portugal: UCP, 2019. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30037>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁷² GOMES, Magda Soraia da Costa. Desafios e metaestereótipos no percurso empreendedor: crenças de autoeficácia e autoconfiança em mulheres fundadoras de startups. Portugal: UCP, 2019. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30037>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁷³ GOMES, Magda Soraia da Costa. Desafios e metaestereótipos no percurso empreendedor: crenças de autoeficácia e autoconfiança em mulheres fundadoras de startups. Portugal: UCP, 2019. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30037>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁷⁴ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. **Jun.** 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

⁷⁵ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. **Jun.** 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

Embora já existissem muitas leis contra a discriminação salarial na década de 1990. As mulheres ganhavam significativamente menos do que indivíduos masculinos em muitas áreas do mercado de trabalho.⁷⁶

Ainda que fosse crescente a participação das mulheres na atividade econômica havia uma enorme desigualdade de gênero no trabalho remunerado se manifestando em salários inferiores, ocupações de menor prestígio social e menos direitos trabalhistas e previdenciários, além de que havia uma continuidade das obrigações e responsabilidades das mulheres na família não havendo a repartição dos afazeres domésticos, promovendo implicações ao desenvolvimento da mulher na carreira em um modelo que o homem tem disponibilidade plena para se dedicar a carreira, reproduzindo as diferenças da sociedade.⁷⁷

A hierarquia masculina trouxe alguns problemas, dentro deles o preconceito de gênero que ficou ainda mais evidente nessa época. Enfatizando a necessidade de lutar pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres:

[...] em um estudo recente sobre o diferencial de salário por sexo em 22 países, no período de 1985-1994, destacaram outras variáveis que podem influenciar essa desigualdade e observaram que esta é menor se a estrutura salarial masculina for mais comprimida e se a provisão de trabalho feminina for menor. Além disso, constataram aqueles autores que a extensão da cobertura da barganha coletiva em cada país é relacionada negativamente com o diferencial de salário por sexo.⁷⁸

Os efeitos negativos nas carreiras das mulheres de acordo com os estudos sobre a hierarquia masculina demonstram que na década de 1990 se construiu a base de uma estrutura de pensamentos de caráter simbólico sobre a

⁷⁶ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. **Jun.** 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

⁷⁷ LEONE, Eugenia Troncoso; BALTAR, Paulo. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. **Revista Brasileira de Estudos de população**, v. 23, p. 355-367, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/VQG4bzGkXzqJdVFKWSVWsLB/?format=html&lang=pt> Acesso em: 10 set. 2023.

⁷⁸ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. **Jun.** 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

diferença hierárquica entre o masculino e feminino, abrindo caminho para discussões sobre a reflexão de um conceito fundamental: a hierarquia masculina.⁷⁹

A estrutura salarial era influenciada por características pessoais, abrangendo aspectos demográficos e produtivos que impactavam o nível salarial atribuído. As características demográficas incluíam gênero, em que os homens tinham maior relevância salarial, e cor, em que a brancura era um fator relevante. A idade também desempenhava um papel, com a experiência e anos de estudo sendo determinantes. No entanto, essas características eram sujeitas a discriminação, resultando em disparidades salariais, mesmo quando a produtividade era semelhante. Fatores como capacidade e habilidades adquiridas para o trabalho era negligenciado, contribuindo para essas discrepâncias salariais.⁸⁰

Era reiterado práticas de segregação de gênero no ambiente de trabalho e as consequências sociais negativas, como o enfraquecimento da autoestima e autoconfiança das mulheres.⁸¹

Diante disso, a criação hierárquica e a diferença entre o masculino e o feminino se dita através de uma manipulação representativa de dados biológicos:

A construção hierárquica da diferença masculino/feminino constituiria uma manipulação simbólica de dados biológicos: transcritas numa linguagem binária cujos termos são diferentemente marcados, as diferenças sexuais, de ordem fisiológica e anatômica, transformam-se em valores, sendo inseridas em um sistema de relações de sentido que ordena o mundo e qualifica quem o habita. Assim, a relação orientada e hierarquizada entre o masculino e o feminino, relação ideológica, traduzir-se-ia por uma desigualdade evidenciada cotidianamente nas práticas sociais.⁸²

⁷⁹ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. Jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

⁸⁰ MARCONI, Nelson. A evolução do perfil da força de trabalho e das remunerações nos setores público e privado ao longo da década de 1990. 2003. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/1432> Acesso em: 10 set. 2023.

⁸¹ MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. Jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023.

⁸² BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo**. São Paulo. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

Na década de 1990, a hierarquia masculina estava ainda presente na sociedade e principalmente nos locais de trabalho e na política. Apesar disso era possível verificar percentuais significativos para o aumento da presença feminina em algumas áreas. Ainda assim mulheres encontravam certo preconceito e discriminação em algumas áreas ditas masculinas.⁸³

Embora seja visto nas sociedades modernas que nas últimas décadas as mulheres estejam alcançando lugares de êxito e conquistas renomadas, é analisado que a idealização hierárquica masculina prossegue seu curso, pois a cada nova conquista feminina é alcançado uma constante recomposição de domínios exclusivamente masculinos.⁸⁴

A dominação do masculino como fato social se dá desde os primórdios da humanidade acerca das representações do corpo e da diferença sexual. Em 1990, o conceito de hierarquia masculina na sociedade já estava consolidado como a ideia predominante de que os homens eram naturalmente superiores às mulheres em esferas da vida como força física, raciocínio lógico e liderança, haja vista aquela representação na política que carecia do feminino, em cargos de chefia em multinacionais, tornando a mulher alvo de discriminação e levando a estereótipos do corpo.⁸⁵

Contudo, desde então houve uma mudança cultural após os avanços femininos advindos dos movimentos feministas que continuou com força na década de 1990 pressionando pela igualdade de salários entre homens e mulheres, com a intenção de uma maior igualdade de gênero.⁸⁶

⁸³ BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de prestígio. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 01-02, p. 09-24, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11950>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁸⁴ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo. São Paulo**. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁸⁵ BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo. São Paulo**. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁸⁶ BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de prestígio. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 01-02, p. 09-24, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11950>. Acesso em: 09 ago. 2023.

Diante disso é possível notar um desconforto masculino que será abordado a seguir.

1.4 O CONTEXTO DA CRISE MASCULINA: EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS DE GÊNERO E A REAVALIAÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA SEUS DESAFIOS E REFLEXÕES NA ERA PÓS-FEMINISTA

A hierarquia masculina é um conceito que existe em muitas sociedades ao redor do mundo, é relatado desde os primórdios, na filosofia e no mundo atual, sendo que a partir de 1970, após os movimentos feministas passaram a ser observado sinais de uma suposta crise masculina, pois havia um movimento de criação de clubes de recuperação da masculinidade, grupos de discussão e de psicoterapia exclusivamente para homens, como o “*Men’s Studies*” que em seu conteúdo era inclinado ao despertar de uma consciência dos homens.⁸⁷

Esses estudos passaram a considerar que como o feminino a masculinidade também é construída historicamente, produzindo discursos deturpados colocando o homem como vítimas de sua própria condição estabelecendo a percepção de crise⁸⁸

Silva citado por Voks⁸⁹ expõe que:

[...] a definição do que era ser homem encerrava-se numa polaridade negativa (não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.) e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc.) na constituição dos traços e papéis sociais. As possibilidades descritivas encerravam-se também numa relação de “ter” (força, dinheiro, músculos, um corpo definido, um pênis, um

⁸⁷ VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

⁸⁸ VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

⁸⁹ SILVA, Sérgio Gomes. 2006. “A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista”. *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol.26, nº 1, p.118-131. VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021. Apud Silva. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023.

cromossomo Y, um lar, um filho homem, controle das emoções, emprego fixo e tantas mulheres quanto fosse possível durante sua vida sexual ativa) e “poder executar tarefas”, tais como “fazer um filho”, “manter relações sexuais com várias mulheres”, “sair de situações difíceis”, “servir à pátria”, “sustentar a família”, entre outros, ou seja, querendo ou não, os ideais tradicionais de masculinidade vão se reportar sempre ao dado anátomo-fisiológico, bem como aos aspectos psicológicos que hierarquicamente estabeleceram e mantiveram o domínio dos homens sobre as mulheres.

A crítica a corrente de Silva⁹⁰ se inclinou a uma vertente de valor e atitude determinada, ou seja, ser homem corresponde a um comportamento baseado na razão e menos na emoção, além de definir um padrão masculino, não podendo mostrar as vulnerabilidades e instabilidades que acontecem normalmente na vida humana, vindo a apresentar uma postura agressiva, e possuindo uma conduta desrespeitosa com a esposa no sentido de sua sexualidade ser explorada com o máximo de mulheres que puder, sendo que esse padrão de comportamento trouxe inúmeros problemas e questionamentos feministas⁹¹, refletindo a luta pela emancipação das mulheres que problematiza o modelo hadrocêntrico de ciência e de direito.

Pela análise de Vanderlei Machado⁹² apresenta que desde os anos 1990 essa análise crítica pelos estudos sobre masculinidades vem crescendo, nesse texto ele reflete sobre os questionamentos e críticas feministas que trouxe uma instabilidade nas representações masculinas:

A partir dos anos 1990, no Brasil, vem crescendo o interesse pelos estudos sobre masculinidades. Durante muito tempo a masculinidade foi descrita como possuindo características universalizantes e a-históricas em que se sobressaía o modelo de homem empreendedor, guerreiro, provedor, entre outros. Porém, o olhar das/dos pesquisadores, neste limiar do século XXI, tem se voltado para outras formas de ver e analisar a masculinidade. Diante das transformações operadas em nossa sociedade, principalmente com a conquista das mulheres por uma maior participação na esfera pública, a partir das décadas de 1960 e 1970, e com os questionamentos elaborados pela crítica feminista, ocorreu uma

⁹⁰ SILVA, Sérgio Gomes. 2006. “A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista”. *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol.26, nº 1, p.118-131.

⁹¹ VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

⁹² MACHADO, Vanderlei. As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis. **Revista Estudos Feministas**. UFSC/Florianópolis. p. 196-199. Ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100017>. Acesso em: 07 jun. 2023.

desestabilização nas representações do gênero masculino e emerge a questão: “O que é ser homem?”.

O interesse em estudar “o que é ser homem” emerge após o crescimento das reivindicações dos grupos feministas para ocupar espaços antes dito masculino, e com a ampliação dos direitos das mulheres houve a introdução de um conceito que reflete os homens em crise, representando mudança no papel e na percepção dos homens na sociedade, desde então, o homem era o ser dominante na família e na sociedade. Isso se refere à ideia de que os homens têm mais poder e autoridade do que as mulheres porque são vistos como mais capazes e competentes.⁹³

Com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho veio as mudanças econômicas e culturais, contribuindo para a reflexão sobre qual é o papel do homem na sociedade. Sérgio Gomes Da Silva⁹⁴ reitera sobre a identificação do homem como ser hegemônico, e que a pluralidade de papéis e identidades sexuais trazendo uma redefinição no papel de pai, trouxe a discussão sobre a crise da masculinidade:

Nos últimos anos, tem se discutido acerca da atual crise da masculinidade. O “novo homem” estaria em crise porque não encontraria modelos identitários hegemônicos para descrever sua nova condição masculina. Os reflexos dessa crise se devem à maior participação das mulheres no campo do trabalho, do avanço da tecnologia no campo da sexualidade, na pluralidade de papéis e identidades sexuais, na redefinição do papel de pai, na maior preocupação com o corpo e com a estética e a tentativa de manter e sustentar um modelo hegemônico único no papel masculino.

A crise da masculinidade hegemônica traz a luz uma reflexão sobre homens que se encontram em diferentes posições sociais e culturais. Se caracteriza por um ideal de um modelo de masculinidade sendo ele dominante,

⁹³ MACHADO, Bruna Farias. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos, de Fabrício Carpinejar. **Mosaico**, v. 7, n. 11, p. 49-63, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/64777/62713>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁹⁴ DA SILVA, Sergio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 26 p. 118-131. **Jan-mar**. 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-480547>. Acesso em: 09 jun. 2023.

sustentado por um fundamento patriarcal e heterossexualista reforçando a superioridade masculina e subordinação feminina.⁹⁵

Essa crise da hierarquia masculina encenou em um início para importantes discussões sobre a igualdade de gênero na internet, sendo então levantada a denúncia de supostas opressões aos homens, sustentando o antifeminismo que articula como sendo um contramovimento de oposição as feministas e ao feminismo, embora possua relação com a misoginia, machismo e sexismo, no que concerne a violência contra a mulher.⁹⁶

A supervalorização dos problemas e as reivindicações dos homens desencadearam os movimentos masculinistas, no entanto, em comparação com outros grupos historicamente oprimidos como as mulheres, negros, pessoas com deficiência e LGBTQI+ há uma discussão da legitimidade, pois essa construção da masculinidade evidencia que a diferença sexual é transformada em hierarquia e desigualdade de gênero.⁹⁷

A crise da masculinidade traz luz a reflexão sobre a masculinidade hegemônica e a violência, sendo a crise masculina uma reação as mudanças culturais e socioeconômicas que afeta as relações de gênero e desencadeado a reconfiguração das expectativas em relação ao o que é ser homem.

Diante dessas controvérsias, importante ressaltar que o assunto sobre a crise masculina levantada nos grupos masculinistas se faz necessário analisar com cautela para considerar a possível influência de movimentos reacionários e antifeministas que podem originar em misoginia e

⁹⁵ DA SILVA, Sergio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 26 p. 118-131. Jan-mar. 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/portal/resource/pt/lil-480547>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁹⁶ ROMIO, Caroline Matos; ROSO, Adriane. TENTATIVAS DE SILENCIAR MULHERES FEMINISTAS: REVISÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ANTIFEMINISMO NA INTERNET. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1992-2001, 2023. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1167/985>. Acesso em: 09 ago. 2023.

⁹⁷ ROMIO, Caroline Matos; ROSO, Adriane. TENTATIVAS DE SILENCIAR MULHERES FEMINISTAS: REVISÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ANTIFEMINISMO NA INTERNET. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1992-2001, 2023. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1167/985>. Acesso em: 09 ago. 2023.

violência contra a mulher e, deste, modo, analisar-se-á sobre a relação entre a masculinidade hegemônica e a violência.

1.5 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

A Masculinidade hegemônica como conceito representa a dominação masculina, sendo um padrão de práticas dos homens sobre as mulheres cunhado por Raewyn Connel⁹⁸ relata que “[...] a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

Nesse sentido, a masculinidade é caracterizada pela força, agressividade, controle emocional, rejeição ao feminino e homofobia, e outras personalidades que se refere ao padrão idealizado de ser homem no arquétipo patriarcado, sendo que “a hegemonia, nesse sentido, envolve um jogo de poder, tanto em relação às mulheres, como em relação às demais masculinidades as quais subordina [...]”⁹⁹

A hegemonia masculina envolve um jogo de poder sendo ele não apenas política ou econômico, mas também uma falha cultural e discursivo na criação de valores, normas, crenças e representações.¹⁰⁰

Por outro lado, há críticas sobre o conceito masculinidade hegemônica, para Connell e Messerschmidt¹⁰¹ este deve ser melhorado com ajuda dos recentes modelos psicológicos.

Para Thisotene¹⁰² a masculinidade representa várias formas e não pode ser confundida com a expressão estabelecida historicamente:

⁹⁸ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282. Abr. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

⁹⁹ FRANÇOIA, Carla Regina et al. Configurações de Masculinidade (s) e Bem-estar Psicológico dos Homens. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 98-133, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37790/26371>. Acesso em: 20 jun. 2023.

¹⁰⁰ FRANÇOIA, Carla Regina et al. Configurações de Masculinidade (s) e Bem-estar Psicológico dos Homens. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 98-133, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37790/26371>. Acesso em: 20 jun. 2023..

¹⁰¹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282. Abr. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

¹⁰² THISOTENE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA

masculinidade hegemônica sendo uma das formas de expressão que representa como um homem deve se portar.

No âmbito familiar, Oliveira e Gomes¹⁰³ relatam que os estudos relacionados ao grupo masculinidade hegemônica estabelecem que a motivação para a violência dos homens é a dominação masculina:

Uma das argumentações mais consistentes para examinar a dominação masculina é a de Saffiotti e Almeida³⁶, ao cunharem o termo “síndrome do pequeno poder”. Esta seria a reação masculina de se colocar superior às mulheres com as quais eles convivem, de forma a compensar a sensação de impotência a que são submetidos nos outros tipos de ordenamento das relações sociais – em especial no eixo de classe social e de raça/etnia –, ou para não perder a importância social que já alcançaram nos espaços públicos ou comunitários.

A síndrome do pequeno poder se refere a pessoa que se sente desvalorizado em sua vida cotidiana, mas encontra um lugar em que pode exercer categoria de poder ou autoridade sobre o outro. Essa situação leva o chefe de família cometer violência doméstica contra a mulher, visto que “parece que a violência vem mais frequentemente da incapacidade para experimentar a impotência, o que tem sido chamado de síndrome do pequeno poder”.¹⁰⁴

Observa-se em alguns homens a Síndrome do Pequeno Poder, onde eles exercem sua autoridade ou influência limitada com uma abordagem abusiva e desproporcional. Esse comportamento resulta em danos aos que os cercam, causando sofrimento psíquico.¹⁰⁵

MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

¹⁰³ OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2401-2413, Jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2011.v16n5/2401-2413>. Acesso: 21 Jun. 2023

¹⁰⁴ STREY, Marlene Neves. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. *Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*, p. 47-69, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EgaegHUfNJMC&oi=fnd&pg=PA51&dq=sindrome+do+pequeno+poder+e+violencia&ots=Xumqd4Nzkk&sig=qCAOfjbfytr9h8Bz6MUehPiTQho#v=onepage&q=sindrome%20do%20pequeno%20poder%20e%20violencia&f=false> Acesso: 22 Jun. 2023

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2401-2413, Jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/v16n5/a09v16n5.pdf> Acesso: 21 Jun. 2023

Segundo os autores, os homens mantêm um domínio de poder nas relações de gênero, embora não consigam alterar o poder de classe preponderante. Assim, o poder de gênero é empregado como uma forma de compensar a dominação em outras esferas, resultando na síndrome do pequeno poder, uma experiência marcada pela sensação de impotência. Além disso, esse problema estabelece uma dinâmica de dependência e domínio sobre o outro, configurando-se como uma forma de opressão.¹⁰⁶

Contudo, é possível notar que a construção social da masculinidade hegemônica está presente nos movimentos masculinistas. Os discursos presentes nesses movimentos que chegam com tamanha facilidade nas mídias sociais, reforçam a ideia da violência como fator determinante para virilidade, contribuindo para o aumento da violência contra as mulheres.¹⁰⁷

Diante disso, no segundo capítulo será abordado sobre os movimentos masculinistas seu desenvolvimento, temas discutidos e se há relação desses grupos na influência e se incentivam a misoginia e violência contra as mulheres.

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2401-2413, Jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/v16n5/a09v16n5.pdf> Acesso: 21 Jun. 2023

¹⁰⁷ THISOTEINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021 Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

Capítulo 2

EXPLORANDO OS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E FEMINISTAS: ORIGENS, INFLUÊNCIA NA MISOGINIA, NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SEU IMPACTO NA ERA DIGITAL

Busca-se dar seguimento quanto a análise da hierarquia masculina e como se deu a introdução à misoginia e violência.

Destaca-se que no primeiro capítulo foi explorado sobre a construção social de poder e hierarquia masculina, bem como breve análise na sua influência na perpetuação da desigualdade de gênero.

Deste modo, no presente capítulo, a atenção estará voltada a investigação será nos grupos dos movimentos masculinistas, examinando o papel que desempenham na difusão ou desmistificação da misoginia e violência de gênero presente na cultura e como na atualidade foi introduzida pelas redes sociais.

Para uma melhor compreensão dessa relação entre os movimentos masculinistas, misoginia e violência, será abordado uma contextualização do conceito e a perspectiva cultural, que já foi analisado é marcada por normativas de gênero estereotipadas e expectativas socialmente construídas sobre o papel do feminino e masculino contribuiu para a perpetuação de discriminação e opressão aos grupos vulneráveis.

A relevância de analisar a misoginia e a sua relação com a violência de gênero, a qual resulta em inúmeras tragédias familiares e prejuízos para a saúde pública, é compreender essa interconexão para desenvolver abordagens efetivas de prevenção e intervenção.¹⁰⁸

Neste contexto, a divulgação dos movimentos masculinistas se tornaram cada vez mais visíveis nas redes sociais, e a importância de se analisar se

¹⁰⁸DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

estes movimentos têm um objetivo misógino ou se estão engajados apenas para uma luta justa pelos direitos masculinos sem promover a discriminação de gênero.¹⁰⁹

Sendo assim, será investigado se há a presença de discursos e práticas misóginas nos movimentos masculinistas e como isso influencia na cultura da hierarquia masculina trazendo a violência e a violência doméstica, trazendo uma conclusão baseada em evidências empíricas e uma análise crítica dos fatos, fornecendo uma investigação imparcial e fundamentada sobre a relação entre os movimentos masculinistas e a influência deles, na cultura da misoginia e nas violências, visando contribuir para o desenvolvimento de estratégias que promovam a igualdade de gênero.

Por fim, será realizado uma investigação em fontes documentais e publicações de ativistas e teóricos que abordam conteúdos que os movimentos masculinistas utilizam como doutrina para seguir e representá-los.

2.1 ANÁLISE CRÍTICA DAS MANIFESTAÇÕES DE MISOGINIA NA ERA DIGITAL: CONSTRUÇÕES DE GÊNERO, CONTROLE DO FEMININO, EFEITOS DO PATRIARCADO E PADRÕES DE VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS — ANÁLISE DE DADOS

A violência de gênero vem alcançando grande notoriedade midiática que segue a história das mulheres desde os primórdios, sendo uma categoria de abuso sob a proteção de uma ideologia patriarcal que se manifesta atualmente no alto nível de tecnocentrismo através dos grupos masculinistas marcados pela hegemonia do gênero masculino.¹¹⁰

A estrutura patriarcal presente na sociedade resulta em um controle sobre o feminino, relegando as mulheres a uma posição de não cidadãs ou mesmo não humanas, sujeitas a sofrer violências. Esse processo de desumanização

¹⁰⁹SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 28 Set. 2023

¹¹⁰FLORES, Paula; BROWNE, Rodrigo. Jóvenes y patriarcado en la sociedad TIC: Una reflexión desde la violencia simbólica de género en redes sociales. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 15, n. 1, p. 147-160, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2017000100009. Acesso: 22 Jun. 2023

é intensificado para aquelas que não se encaixam no padrão social burguês, considerando aspectos como cor de pele, orientação sexual, transgeneridade e classe. Tais interseccionalidades acentuam os processos de exclusão social, prejudicando significativamente o acesso a direitos.¹¹¹

A violência é um problema para a sociedade, demonstra ausência de diálogo e de uma visão crítica de quem assiste e de quem vivencia, atingindo não somente a integridade física, mas também a psíquica e emocional das mulheres que atualmente se estendeu e potencializou nas plataformas online.¹¹²

Começando pelo termo violência em que o sujeito no on-line sendo qualquer pessoa para qualquer situação, é possível perceber conforme a estatística de um crescimento em 2020 de 1.639,54%, sendo o discurso de ódio, e misoginia.¹¹³

Sendo assim, abrange qualquer pessoa em qualquer situação no mundo virtual, e as estatísticas revelam um aumento significativo.

Segundo o PNAD — Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios, o aumento da violência virtual através da linguagem opressora e do discurso de ódio entende-se que parte da problemática visa a dominação sobre o outro.¹¹⁴

Conforme os dados divulgados pela SaferNET, que atua na defesa dos direitos humanos em ambientes virtuais em parceria com o Ministério Público Federal, apontaram que as denúncias de crimes ligados à violência contra a

¹¹¹RIBEIRO, Nathália Belluzzi; DE SOUZA, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes. Reflexões sobre as redes sociais de suporte de mulheres que sofreram violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo: considerações sobre a percepção do corpo e da sexualidade das mulheres. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 32, n. 1-3, p. e203875-e203875, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/203875/189759> Acesso: 21 Ago. 2023

¹¹²ROCHA, Telma Brito et al. VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NAS REDES SOCIAIS: O CASO ELAINE PEREZ CAPARRÓZ. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 2, p. 67-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7716/3781> Acesso: 21 Ago. 2023

¹¹³ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. Revista Iberoamericana de Psicologia, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577/1534> Acesso: 05 Out. 2023

¹¹⁴ROCHA, Telma Brito et al. VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NAS REDES SOCIAIS: O CASO ELAINE PEREZ CAPARRÓZ. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 2, p. 67-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7716/3781> Acesso: 21 Ago. 2023

mulher na internet, misoginia, cresceu 184% (cento e oitenta e quatro por cento) no ano de 2022 em relação ao ano de 2021.¹¹⁵

Destaca-se que a violência de gênero tem ganhado grande destaque midiático e encontra-se intrinsecamente relacionada à história das mulheres desde os primórdios, representando abuso perpetuado sob a égide de uma ideologia patriarcal, manifestando-se na contemporaneidade com a ampliação da era digital, especialmente através de grupos masculinistas que se caracterizam pela hegemonia do gênero masculino¹¹⁶.

Nesse contexto, abre caminho para as novas gerações permanecerem com as teorias da hierarquia masculina em suas interações da web para reafirmação de identidade abrindo caminho para estereótipos de violência de gênero dando continuidade a essa construção de pensamento do patriarcado, nesse sentido será analisado como surgiu os movimentos masculinistas.

2.2 TRAÇANDO AS RAÍZES E EVOLUÇÃO DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS: ANALISANDO OS OBJETIVOS E REIVINDICAÇÕES CENTRAIS DESDE A DÉCADA 1970 PÓS-FEMINISTA ATÉ A ERA DO TECNOCENTRISMO

Os movimentos masculinistas são conjuntos de grupos que buscam promover e defender os direitos e interesses dos homens. Embora existam organizações centradas no homem ao longo da história, os movimentos masculinistas surgiram mais proeminentemente após o fortalecimento dos movimentos feministas na década de 1970 e, nesse contexto, alguns movimentos masculinistas foram iniciados com o objetivo de reafirmar a posição dos homens na sociedade, introduzindo novos valores.

Ademais, no contexto pós-feminista quando os movimentos haviam conquistado vitórias importantes na luta pelos direitos das mulheres, os

¹¹⁵ OLIVEIRA, Marcelo. Xenofobia, intolerância religiosa e misoginia foram os crimes denunciados à Safernet que mais cresceram nas eleições. **Revista SaferNet**, 2022. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/xenofobia-intolerancia-religiosa-e-misoginia-foram-os-crimes-denunciados-a-safernet-que-mais-cresceram-nas-eleicoes#mobile>. Acesso: 21 Ago. 2023

¹¹⁶ MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2007-2016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3kCPCWfBzqh8mzBnMhxmYj/?format=html> Acesso: 02 Out. 2023

movimentos masculinistas começaram a emergir como resposta a essas mudanças sociais.¹¹⁷

Na sociedade contemporânea destacam-se as relações digitais, não apenas um fenômeno virtual, mas como uma expressão de gênero masculino, onde os movimentos masculinistas se reúnem e une forças, denominado também como MGTOW associado a termos como “Movimento pelos Direitos dos Homens”, “Red Pill” entre outros.¹¹⁸

Demonstram radicalismo para afirmar suas masculinidades, incentivando o distanciamento de relações afetivas com mulheres para preservar seu patrimônio financeiro e seu status social o qual são questões centrais no discurso dos grupos masculinistas, pois o papel do homem é destacar-se por sua condição financeira, entretanto discorda que tais recursos sejam destinados a mulheres e filhos não configurando o tradicional homem provedor além de desacreditar em qualquer relação institucional seja ela com o Estado como pagador de imposto, ou de trabalhador CLT, até o matrimônio, constituir família, ter filhos pois, acreditam que o posicionamento social feminino luta contra a sociedade patriarcal que defendem.¹¹⁹

A interseção entre as reivindicações dos movimentos masculinistas, suas preocupações e argumentos apresentados que buscam abordar questões que afetam os homens nas dinâmicas de gênero, também tem outras abordagens em resposta ao feminismo, mas também como eles continuam a influenciar as discussões de gênero na era do tecnocentrismo, especialmente nas plataformas digitais onde as interações online desempenham um papel significativo na disseminação de suas ideologias.¹²⁰

¹¹⁷ SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 28 Set. 2023

¹¹⁸ THISOTEINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

¹¹⁹ THISOTEINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

¹²⁰ VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais

Nesse sentido, adiante será analisado quanto os movimentos masculinistas que se aliam com as lutas feministas para promover uma sociedade mais igualitária.

2.2.1 MOVIMENTOS MASCULINISTAS ALIADOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: PONTOS DE DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS, OBJETIVOS E O FOMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PRÓ-FEMINISTAS

No contexto atual, alguns movimentos adotam abordagens variadas, com alguns reconhecendo as desigualdades de gênero e alinhando-se ao movimento feminista em busca da equidade, assim como vale destacar que tais movimentos identificam áreas em que os homens também enfrentam desafios decorrentes das normas de gênero tradicionais, buscando soluções que promovam um equilíbrio entre os sexos¹²¹.

Ademais, áreas de convergência incluem preocupações com a saúde mental masculina, a promoção da paternidade ativa e a desconstrução de estereótipos de gênero prejudiciais, sendo que, porém, esses movimentos não têm a participação exclusivamente de homens, e a participação deles é a minoria.¹²²

Ressalta-se ainda que os primeiros movimentos masculinistas, surgidos nas décadas de 1970 e 1980, foram, em parte, pró-feministas, seguidos por reações que reivindicavam direitos percebidos como perdidos para as mulheres, vindo, inicialmente pequenos e com maior participação feminina, esses movimentos evoluíram ao afastar o foco do apoio às mulheres para a defesa dos direitos masculinos, tornando-se mais formalizados e diversificados na década de 1990.¹²³

masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

¹²¹SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 01 Out. 2023

¹²²SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 01 Out. 2023

¹²³SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 28 Set. 2023

Embora haja pontos de convergência entre os movimentos masculinistas e o feminismo, alguns grupos masculinistas são pró-feminismo, apoiando a luta feminista e a igualdade de gênero. Exemplos notáveis incluem o Programa da ONU "HeForShe", que promove a ideia de que a igualdade de gênero é uma luta de todos e uma questão de direitos humanos.¹²⁴

Denota-se ainda figuras públicas como o ex-primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, desempenham um papel ativo na promoção de políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero.¹²⁵

Destaca-se também o Movimento Laço Branco, originário do Canadá em resposta ao massacre na Escola Politécnica em 1989, enfatiza homens não violentos, benevolentes sendo uma minoria que expressava ideologias paternalistas à sociedade.¹²⁶

Nesse sentido, ao ser analisado que alguns movimentos masculinistas buscam aliar seus objetivos à promoção da igualdade de gênero¹²⁷, destaca a complexidade do diálogo sobre as relações de gênero demonstrando que a busca não é um esforço unilateral, mas um objetivo compartilhado.

Diante disso, será destacado a variabilidade das abordagens dos movimentos masculinistas bem como seu impacto nas dinâmicas de gênero contemporâneas e suas áreas de divergência.

¹²⁴VIEIRA, Leonardo de Araújo. He for she: uma análise hermenêutica do discurso de lançamento do programa da ONU mulher pelo engajamento masculino na luta pela igualdade de gênero. 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/16515> Acesso: 26 Set. 2023

¹²⁵TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou" o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹²⁶TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou" o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹²⁷MORA LÓPEZ, Óscar Gabriel; OROPEZA ZORRILLA, María Cristina. La política exterior feminista (PEF) de Canadá, 2015-2019. Evaluación y lecciones para México. **Foro internacional**, v. 61, n. 3, p. 767-798, 2021. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2758> Acesso: 26 Set. 2023

2.2.2 MOVIMENTOS MASCULINISTAS: UM ESTUDO DE CASOS QUE ABORDAM PREOCUPAÇÕES SOBRE A MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

O ataque perpetrado por Marc Lépine, utilizando uma metralhadora contra a Universidade de Montreal, evidenciou uma manifestação extrema de misoginia, direcionada especialmente contra as estudantes, sob a acusação de serem feministas. Esse ato violento, que resultou na perda de vidas inocentes, teve como motivação a rejeição de Lépine na faculdade de gênios que passava por mudanças significativas, admitindo mais mulheres em cursos tradicionalmente dominados por homens¹²⁸.

Importa observar que o manifesto deixado por Lépine revela sua percepção de que espaços historicamente masculinos estavam sendo ocupados pelas mulheres, o que, segundo ele, representava uma ameaça à posição dos homens em instituições como faculdades, exército, polícia e bombeiros, sendo que esse evento trágico marcou o início de uma hostilidade aberta contra o feminismo no Canadá, evidenciando a resistência à ascensão das mulheres em diferentes esferas.¹²⁹

Atualmente, observa-se uma oposição sistemática às lutas das mulheres, manifestada através de movimentos masculinistas que ganham força não apenas por meio de ativistas nas redes sociais, buscando silenciar as mulheres e restringir a diversidade de vozes online, mas também como movimentos políticos estrategicamente posicionados para manter o poder entre os homens.¹³⁰

No campo do Direito da Família, por exemplo, alguns homens buscam intimidar o poder público, impedindo a consideração das demandas por igualdade das mulheres, tem-se ainda, na esfera política, expor que esses movimentos buscam minar as conquistas das mulheres em direção a direitos iguais,

¹²⁸TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹²⁹TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹³⁰ROMIO, Caroline Matos; ROSO, Adriane. TENTATIVAS DE SILENCIAR MULHERES FEMINISTAS: REVISÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ANTIFEMINISMO NA INTERNET. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 11, n. 2, p. 1992-2001, 2023. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1167> Acesso: 26 Set. 2023

não violência, equidade na distribuição de responsabilidades domésticas, paternidade ativa, pensão alimentícia justa, entre outras reivindicações e, para isso, encontram apoio em setores políticos, jurídicos e empresariais, contrapondo-se a medidas de igualdade salarial e resistindo a avanços nas pautas feministas¹³¹.

Ademais, essa resistência também se estende ao âmbito religioso, onde se opõem à legalização do aborto e, historicamente, eram contrários ao divórcio, vindo, tais movimentos, portanto, representar uma ameaça persistente às conquistas das mulheres e destacam a necessidade contínua de combater a desigualdade de gênero em todas as esferas da sociedade.¹³²

Nesse sentido, entender as diferentes abordagens e perspectivas dos movimentos masculinistas em relação às questões de gênero e a complexa dinâmica que envolve essas discussões, é ponderado analisar o papel das instituições jurídicas, políticas públicas e os movimentos históricos como o sufrágismo na promoção pela igualdade de gênero.

2.3 MOVIMENTO SUFRAGISTA E AS ESTRUTURAS JURÍDICAS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: IMPULSIONANDO A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE DIREITOS NO CONTEXTO DO DIREITO AO VOTO, NA POLÍTICA E NO SISTEMA JURÍDICO

As contribuições das mulheres ao longo da história nas esferas política, econômica, cultural e social na luta das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos, tanto no Brasil como no mundo, persiste até os dias atuais. No Brasil, desde o momento do descobrimento, as mulheres enfrentaram uma série de condições desfavoráveis na sociedade, chegavam quase à nulidade em um sistema patriarcal que preconizava a submissão feminina ao poder masculino.¹³³

¹³¹TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹³²TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

¹³³MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço

No período do Brasil Colônia, a mulher era tratada como incapaz, dependente da tutela de seus pais ou familiares, e, no caso do casamento, de seus cônjuges. Infelizmente, essas condições perduraram ao longo do Brasil Império e mesmo com a chegada do Brasil Republicano, marcado pela Revolução Industrial, que possibilitou a inserção das mulheres no mercado de trabalho, que continuaram a ser submetidas a condições precárias e sempre inferiorizadas em relação aos homens. Diante disso, mesmo após décadas de manifestações incansáveis, o Código Civil Brasileiro de 1916 ainda considerava as mulheres casadas como incapazes de exercer certos direitos civis, como o direito ao voto.¹³⁴

No cenário jurídico, a busca pela igualdade de direitos ganhou impulso por meio do movimento sufragista, uma expressiva manifestação das mulheres na demanda pelo direito ao voto.¹³⁵

Originado na Inglaterra no século XIX e estendendo-se globalmente ao longo do século XX, o sufrágio feminino foi oficialmente concedido na Inglaterra em 1918 para mulheres com mais de 30 anos, sendo posteriormente ampliado em 1928 para mulheres maiores de 21 anos. No Brasil, esse marco histórico foi alcançado graças ao ativismo incansável de figuras como Leolinda de Figueiredo Daltro e Bertha Lutz. Em 1932, o Novo Código Eleitoral consolidou a conquista do direito ao voto para as mulheres no país, marcando um avanço significativo em direção à equidade de gênero no exercício dos direitos políticos.¹³⁶

Atualmente amparado no discurso jurídico igualitário e liberal que considera as pessoas como autônomas e enfatiza valores como igualdade e

público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. *Direito e desenvolvimento*, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 17 out. 2023

¹³⁴ MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. *Direito e desenvolvimento*, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 17 out. 2023

¹³⁵ SOUZA, Thiago. Entenda o Movimento Sufragista: sua história e principais lideranças. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-sufragista/>. Acesso em: 27 set. 2023

¹³⁶ SOUZA, Thiago. Entenda o Movimento Sufragista: sua história e principais lideranças. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-sufragista/>. Acesso em: 27 set. 2023

racionalidade, sendo os homens e as mulheres igualmente dotados de razão e devem ter as mesmas oportunidades e direitos iguais.¹³⁷

No final do século XIX o primeiro movimento feminista surgiu entre mulheres de classe média em busca por direitos jurídicos e políticos, reivindicando o direito de voto e participação no trabalho fora de casa, na política e economia do país, protestavam pelo direito à educação, ao contrato, à propriedade, ao divórcio, à igualdade de salário, etc.¹³⁸

No Brasil a chegada dos movimentos feministas iniciou no final dos anos 70 contra a Ditadura Militar no Brasil, se espalhando por várias cidades, na televisão através de debates relacionados a sexualidade feminina, a violência contra a mulher, a equiparação de salários, etc., sendo que no século XXI o resultado desses movimentos foi a Lei Maria da Penha em 2006¹³⁹

O movimento feminino contemporâneo se configura como uma expressão multifacetada, abrangendo dimensões sociais, políticas e filosóficas com o propósito fundamental de alcançar a igualdade de direitos entre mulheres e homens por meio do empoderamento feminino, tendo sua origem à Revolução Francesa de 1789, marcada pela redação da "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão". Dois anos depois, Olympe de Gouges circulou pela cidade a "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", desafiando a sociedade a reconhecer os direitos iguais das mulheres, inclusive sua participação na formulação das leis e na política. A execução de Gouges gerou manifestações e revoltas pelo país, dando origem a diversos movimentos feministas ao redor do mundo.¹⁴⁰

Importante destacar em 1944, as mulheres conquistaram o direito ao voto na França.¹⁴¹

¹³⁷VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ASUHL> Acesso: 21 Ago. 2023

¹³⁸MENDONÇA, Camila. Movimento social em apoio às mulheres. **Revista Educa mais Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo> Acesso: 20 Ago. 2023

¹³⁹MENDONÇA, Camila. Movimento social em apoio às mulheres. **Revista Educa mais Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo> Acesso: 20 Ago. 2023

¹⁴⁰MENDONÇA, Camila. Movimento social em apoio às mulheres. **Revista Educa mais Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo> Acesso: 20 Ago. 2023

¹⁴¹SOUZA, Thiago. Entenda o Movimento Sufragista: sua história e principais lideranças. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-sufragista/>. Acesso em:

Ao considerar as estruturas jurídicas, políticas públicas e movimentos históricos, como o sufrágismo, que buscaram direitos e oportunidades equitativas entre os gêneros, é crucial examinar as complexidades das questões de gênero na sociedade contemporânea.

Deste modo, destaca-se que tal circunstância inclui desafios relacionados à desconstrução de estereótipos de gênero e a análise da contribuição dos movimentos masculinistas para influenciar a equidade de gênero.

2.3.1 UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE OS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E O DESAFIO DA EQUIDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Em uma era em que a igualdade de gênero é cada vez mais reconhecida como um objetivo social essencial, os movimentos masculinistas surgem como atores importantes, vindo a se apresentar como defensores dos direitos dos homens em um contexto de transformações nos papéis de gênero.¹⁴²

Em contrapartida, é importante deixar claro que os termos como movimentos masculinistas, hierarquia masculina e patriarcado sendo notoriamente sinalizados como problemáticos e opostos a busca por igualdade entre os gêneros, não podem ser condenados ao associar a todos os homens como os grandes vilões e destruidores das mulheres. Esses termos corretamente associados a um sistema de dominação haja visto que formalmente há igualdade jurídica declarada na Constituição.¹⁴³

No final das contas, se nota uma pequena parcela de grupos masculinistas pró-feministas¹⁴⁴, e apesar de os outros grupos masculinistas serem

27 set. 2023

¹⁴²VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ASUHQ> Acesso: 21 Ago. 2023

¹⁴³VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ASUHQ> Acesso: 21 Ago. 2023

¹⁴⁴TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

antifeministas terem seus atos ilegais, eles encontram uma plateia naturalmente complacente nas mídias sociais.

Ao mesmo tempo, os movimentos masculinistas enfrentam críticas em relação às suas abordagens, sendo que alguns desses movimentos podem adotar uma retórica antifeminista e misógina, o que prejudica sua credibilidade como defensores da equidade de gênero.¹⁴⁵

Assim, faz-se imprescindível uma análise crítica para distinguir entre movimentos masculinistas que verdadeiramente almejam a igualdade de gênero e aqueles que adotam uma perspectiva mais conservadora e prejudicial. Diante desse contexto, será aprofundada a análise sobre a relação desses movimentos masculinistas extremos com a misoginia e a violência.

2.4 SOB A SUPERFÍCIE: DESVENDANDO AS CONEXÕES ENTRE MISOGINIA, VIOLÊNCIA E A IDEOLOGIA DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS

A origem da misoginia, ou seja, ódio e aversão a mulher, é antigo e também introduzido na bíblia e na religião, começando por Adão e Eva onde a mulher é a introdutora ao pecado no mundo e envolve o homem a trair. Religiosos, filósofos, pré-historiadores mostra a visão misógina e de inferioridade da natureza feminina, como patrocinadoras do pecado, bruxas criminosas, deves por natureza, suscetíveis aos propósitos do diabo.¹⁴⁶

Reconhecendo como a misoginia, enraizada em narrativas religiosas¹⁴⁷, filosóficas¹⁴⁸ e culturais antigas¹⁴⁹ contribuiu para a presente

¹⁴⁵ DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁴⁶ BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁴⁷ ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia. pp. 93-97, jun. 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:07KvC3bqZfYJ:scholar.google.com/+ECCO,+CI%C3%B3vis.+A+fun%C3%A7%C3%A3o+da+religi%C3%A3o+na+constru%C3%A7%C3%A3o+social+da+masculinidade.+Revista+da+Abordagem+Gest%C3%A1tica:+Phenomenological+Studies,+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁴⁸ RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO. **Revista Docentes**, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023.

perpetuação de estereótipos de gêneros prejudiciais e justificação da violência de gênero.

Nesse sentido, a seguir será examinado os desafios contemporâneos que surgiram a partir dessa herança de misoginia, aliando as conexões entre os movimentos masculinistas, a misoginia e a violência, na desconstrução dessas ideologias e no progresso em direção a uma sociedade em busca da equidade de gênero.

2.4.1 DA MISOGINIA À DESCONSTRUÇÃO: A INFLUÊNCIA DA VIOLÊNCIA NOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA

Analisando o conceito de misoginia e entendendo sua origem para levar a uma pauta que é de emergência pública consistente em desestruturar a família com agressões físicas, psicológicas e feminicídio: a influência da violência nos movimentos masculinistas.¹⁵⁰

A misoginia iniciou após o questionamento da cultura do poder masculino, a partir daí apresentou-se como sendo um dos prejuízos mais antigo do mundo, sendo ele a construção e disseminação de ódio, violência, opressão e a dominação contra a tudo que possui este questionamento.¹⁵¹

Contudo, é sabido que não existe o „fora do poder“, mas uma relação de forças desiguais entre os diferentes grupos sociais. Logo, o grupo que detém os poderes econômicos, políticos e sociais tenta sobrepujar econômica, ideológica, social e culturalmente os grupos menos favorecidos, e estes, por sua vez, resistem e/ou (re)existem

Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹⁴⁹DE SOUZA, Aline Fernandes. “O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão.”. In: ST 70 – Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar, 2008, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: PPGH – UFF, 2008. p. 1-04 E-book. Disponível em: <https://www.doccity.com/pt/o-papel-das-mulheres-na-sociedade-faraonica-a-igualdade/9159208/> Acesso em: 01 jun. 2023.

¹⁵⁰DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁵¹DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

visando à inserção no sistema de forma equânime e/ou a transformação do próprio sistema.¹⁵²

No cenário atual, se nota que a misoginia está presente nos discursos na internet por meio das redes sociais, sites, blogs, fóruns anônimos denominados de chans¹⁵³ e também por meio da Deep Web.

As interações entre a misoginia, a violência e os movimentos masculinistas teve um impacto significativo na ideologia dos grupos masculinistas e na forma como abordam as questões de gênero, alocando homens em um lugar privilegiado e a mulher em situação de subjugação.¹⁵⁴

Essas interações têm uma dimensão cultural enraizada na sociedade e que configura um efeito de violência, sendo, que deste modo, será analisado as implicações dessas ideologias e como elas afetam a busca pela igualdade de gênero.

2.4.2 ANÁLISE DE DISCURSOS E AÇÕES QUE DENOTAM MISOGINIA: DEBATES E CONTROVÉRSIAS RELACIONADAS AO TRATAMENTO DA MISOGINIA NOS GRUPOS MASCULINISTAS E OS PREJÚZOS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO

A análise crítica de conteúdos online as declarações públicas e ações realizadas pelos membros dos grupos masculinistas se manifestam de formas diferentes. Pode-se ainda denotar que a misoginia pode se manifestar desde discursos que desvalorizam as mulheres e promovem estereótipos prejudiciais até ações concretas que prejudicam os direitos e a igualdade de gênero e promovem a violência, sendo que a análise dos discursos e ações ajuda a identificar padrões,

¹⁵²DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁵³BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. II **COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁵⁴DE OLIVEIRA, Rosane Cristina; DA SILVA, Renato. 122. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl., p. 1609-25, 2021. Disponível em: <https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/988> Acesso: 16 Out. 2023

tendências e pontos de convergência ou divergência nos movimentos masculinistas¹⁵⁵

Ao examinar como a misoginia é tratada nos grupos masculinistas, é possível destacar debates e controvérsias que surgem em relação a essa questão, destacando-se que alguns grupos podem rejeitar qualquer acusação de misoginia¹⁵⁶, enquanto outros podem abraçar essa ideologia como parte central de suas crenças, sendo que esses debates podem oferecer insights valiosos sobre os objetivos dos movimentos masculinistas¹⁵⁷.

Analisando até aqui, nota-se que há grupos menos favorecidos na sociedade, e que há um padrão estipulado para o poder na hierarquia masculina onde também através da política, constrói técnicas e abordagens atuais para a implantação deste pensamento nas novas gerações, contudo os estudos demonstram que o que existe é uma relação de forças desiguais e que não existe o “fora de poder”. A persistência desse pensamento na sociedade traz prejuízos devastadores, como a violência e o feminicídio. Assim, se busca a ruptura desta construção histórica e permeada ainda atualmente, de subordinação e de violência contra a mulher.¹⁵⁸

Do exposto, desperta quanto ao processo que leva ao cenário lastimoso que é a motivação da violência e os altos índices de feminicídio, através da misoginia, esta reação surge após a tentativa das mulheres alcançar sua igualdade, destacando que “vale destacar que a violência aqui tratada é a de gênero

¹⁵⁵VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

¹⁵⁶MORA LÓPEZ, Óscar Gabriel; OROPEZA ZORRILLA, María Cristina. La política exterior feminista (PEF) de Canadá, 2015-2019. Evaluación y lecciones para México. **Foro internacional**, v. 61, n. 3, p. 767-798, 2021. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2758> Acesso: 26 Set. 2023

¹⁵⁷CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-incele-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contr-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

¹⁵⁸DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

e doméstica, que pode ser relacionada a laços de intimidade pelas tradições culturais (patriarcado) e à desigualdade entre homem/mulher.”¹⁵⁹

As implicações da misoginia nos movimentos masculinistas, destacando os debates e controvérsias em torno do tratamento dessa questão sensível.

Diante disso, será analisado as formas pelas quais a misoginia é manifestada.

2.4.3 DESVELANDO A MISOGINIA E VIOLÊNCIA: DA AVERSÃO AO FEMININO À EXPRESSÃO DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

É crucial destacar a distinção entre misoginia e violência. Misoginia refere-se ao ódio ou aversão ao feminino, podendo manifestar-se de diversas formas, incluindo violência física, psicológica, discriminação, humilhação, marginalização, depreciação e objetificação da mulher. Em resumo, a misoginia não se limita apenas a atitudes extremas, mas também abrange aquelas que, à primeira vista, parecem inofensivas.¹⁶⁰

A misoginia e o machismo estão relacionados, pois este ódio às mulheres é um aspecto central do preconceito sexista, servindo como base para a opressão de mulheres em sociedades patriarcais, que colocam o sexo feminino em posições subordinadas e sem poder de decisão.¹⁶¹

Uma das teorias mais amplamente aceitas em estudos sugere que a misoginia, a violência e formas extremas que resultam em morte podem estar relacionadas à resistência dos homens diante das iniciativas revolucionárias das mulheres em busca de sua liberdade.¹⁶²

¹⁵⁹DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁶⁰BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶¹BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶²DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. AS ORIGENS E O COTIDIANO DA MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO. Disponível em:

Outra perspectiva considera a influência da construção social dos papéis tradicionalmente atribuídos aos comportamentos femininos e masculinos, destacando que "a violência de gênero impacta de forma mais significativa o sexo feminino, abrangendo diversas faixas etárias, desde crianças e adolescentes até mulheres jovens, adultas e idosas."¹⁶³

No contexto brasileiro, a violência baseada no gênero, se configura historicamente desde o “descobrimento” do país, onde as mulheres foram sujeitadas as violências físicas e sexuais, psicológicas, ao trabalho forçado, escravidão, torturas e maus-tratos, casamentos arranjados, ao cárcere privado, negligências, violências intrafamiliares ou causadas por desconhecidos. Esses aspectos, perpetrados ao longo de séculos, permanecem no cotidiano das mulheres em todas as regiões do país.¹⁶⁴

O contexto em torno da misoginia se deu início ao novo papel da mulher na sociedade, reconhecê-lo fomenta sentimento controverso, sendo o feminicídio o ápice desta oposição, visto que o preconceito contra a mulher reflete diretamente nas taxas de violência.¹⁶⁵

A definição de violência contra a mulher é formulada como qualquer ato ou comportamento fundamentado no gênero, que resulte em morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para a mulher, tanto no âmbito público quanto no privado.¹⁶⁶

Tal conceito começou a ser delineado por autores na década de 1950 e, inicialmente referido como violência intradomiciliar, após passou a ser

http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:jyAh7wCmYtsJ:scholar.google.com/+AS+ORIGENS+E+O+COTIDIANO+DA+MISOGINIA+E+VIOL%C3%8ANCIA+DE+G%C3%8ANERO&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 28 Ago. 2023

¹⁶³ CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Gênero e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpma.mp.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶⁴ CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Gênero e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpma.mp.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶⁵ DE JESUS, Fabrício Veloso. Identificação e Classificação Automática de Misoginia em Redes Sociais. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:cA4_BVpxEMEJ:scholar.google.com/+definir%C3%A7%C3%A3o+de+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶⁶ CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Gênero e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpma.mp.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

reconhecido como violência contra a mulher, sendo que na década de 1980, passou a ser denominado como violência doméstica, e nos anos 90, os estudos passaram a abordar as dinâmicas de poder entre homens e mulheres na sociedade, ampliando a compreensão da violência de gênero como um fenômeno que afeta mulheres de todas as faixas etárias.¹⁶⁷

Diante disso, foi possível examinar e entender a seriedade do problema e sua relevância, a misoginia pode evoluir para manifestações prejudiciais e até violentas na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, adiante será explorado os movimentos feministas, seus desafios e problemas relacionados a misoginia e violência de gênero, e qual o prejuízo dos movimentos radicais feministas para a busca por igualdade de gênero.

2.5 ANÁLISE CRÍTICA DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS E FEMINISMO RADICAL: POLÍTICAS PÚBLICAS E DESAFIOS NA BUSCA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Movimentos organizados de mulheres, como a Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, têm dedicado seus esforços ao estudo das violências contra a mulher, sendo que desde 2002, políticas públicas têm sido implementadas no Brasil para a defesa dos direitos das mulheres¹⁶⁸.

Nesse sentido, os movimentos sociais são grupos com necessidades comuns inconformados com as condições de dominação e repressão na sociedade. Assim há o movimento feminista, “sufragistas, ciberativistas, entre outros que lutam pela liberdade e igualdade de condições entre homens e mulheres”

¹⁶⁷CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Gênero e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpma.mp.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

¹⁶⁸CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Gênero e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpma.mp.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

e os movimentos masculinistas que tem o intuito de manter e influenciar a cultura machista¹⁶⁹.

[...] movimentos coletivos masculinos de prevenção à sua própria toxicidade, que buscam tratar o machismo em si (a cultura e o pensamento machistas) e fora de si (a ação machista). Dois importantes coletivos que surgem com esse propósito são o coletivo “Ressignificação Masculinidade” e o Brotherhood¹⁷⁰, que se reúnem para discutir e resistir semanalmente as práticas machistas reproduzidas propositadamente ou não.¹⁷⁰

Esses grupos masculinistas têm como propósito ser resistência na luta contra a igualdade de gênero. Os grupos: Ressignificando masculinidade e o Brotherhood são alguns exemplos destes movimentos.

No Brasil, no século XIX, as mulheres enfrentavam profundas barreiras impostas por preconceitos enraizados. Foi somente com o pioneirismo de Nísia Floresta, nascida no Rio Grande do Norte, que as primeiras fissuras foram abertas nas restrições ao acesso à educação e à escrita, domínios até então exclusivamente masculinos. Em 1832, ela publicou a obra “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”, uma tradução da obra de Mary Wollstonecraft. À medida que o século XX se iniciava, um movimento crescente e incansável começava a tomar forma, buscando o direito ao voto, a entrada nos cursos superiores e a expansão das oportunidades de trabalho para as mulheres.¹⁷¹

A segunda onda do movimento feminista ocorreu a partir dos anos 1960, voltado para a libertação das mulheres, luta por direitos e combate a violências como estupro, violência doméstica e o assédio sexual no mercado de trabalho. Na terceira onda em 1988 já havia uma mudança cultural: “as mulheres podiam praticar esportes, ter vida sexual de forma normalizada, trabalhar fora de casa, etc.”. O movimento da quarta onda que começou a partir de 2008, o qual foi utilizado o meio online para campanhas nas redes sociais e plataformas online

¹⁶⁹DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁷⁰DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

¹⁷¹DA SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical—pensamento e movimento. Textura, v. 3, n. 1, p. 24-34, 2008. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/251> Acesso: 06 Out. 2023

informatizando assuntos como “aborto, igualdade de direitos, assédio em vias públicas, assédio no ambiente de trabalho, cultura do estupro, violência sexual nos campos universitários, assassinatos de mulheres, entre outros”.¹⁷²

Uma vertente distinta do feminismo é o feminismo radical, que sustenta a ideia de que os homens desempenham um papel central na opressão das mulheres. Essa abordagem argumenta que o patriarcado se mantém através da diferenciação sexual. Nesse contexto, o feminismo radical destaca as distinções entre homens e mulheres, concentrando-se no essencialismo de gênero para abordar as complexidades das questões de identidade de gênero.¹⁷³

Outro fato negativo é a rejeição de parcerias, essa vertente do feminismo, argumenta que os homens são inerentemente opressores trazendo uma abordagem que pode alienar potenciais alianças pela luta da igualdade de gênero.¹⁷⁴

O foco exclusivo no patriarcado tende a ver todas as desigualdades de gênero como uma extensão direta dessa cultura, negligenciando outras formas de opressão, como o racismo, a homofobia e a interseccionalidade de identidades.¹⁷⁵

Dessa forma, o feminismo radical falha em reconhecer as mudanças significativas, sendo que nessa perspectiva, as mulheres são incentivadas a se unirem na luta contra o homem e não ao sistema patriarcal, embora esse argumento seja objeto de críticas por parte de outras correntes

¹⁷²DO AMARAL MOTA, Taciane Cavalcanti. ENTENDENDO A MISOGINA ONLINE: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS. Publicações, 2023. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/70/79> Acesso: 02 Out. 2023

¹⁷³DA SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical–pensamento e movimento. Textura, v. 3, n. 1, p. 24-34, 2008. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/251> Acesso: 06 Out. 2023

¹⁷⁴MALDONADO MANZANO, Rosa Leonor et al. Análise do feminismo radical na sociedade segundo o Método Geral de Resolução de Problemas e o Diagrama de Ishikawa. Dilemas contemporâneos: educação, política e valores, v. 8, não. SPE3, 2021. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2007-78902021000500006&script=sci_arttext Acesso: 16 Out. 2023

¹⁷⁵BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pelo significado da mulher no feminismo. 2019. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/70/79https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1090697> Acesso: 16 Out. 2023

feministas, que o veem como potencialmente alimentador de conflitos de gênero, por vezes denominados como a “Guerra dos Sexos”.¹⁷⁶

Diante do exposto, a seguir, busca-se analisar quanto o conteúdo e o avanço desses movimentos na internet.

2.6 NAS PROFUNDEZAS DIGITAIS: O PODER E A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS NA DEEP WEB

A concepção de virilidade nos discursos masculinistas ganhou destaque em 1980 na revista Playboy, marcando o surgimento de uma nova visão masculina conhecida como "Novo Homem". Esse conceito visava estabelecer um novo padrão de masculinidade, sendo apresentado como uma resposta necessária às conquistas do movimento feminista na época.¹⁷⁷

A ideia de virilidade é uma construção social e se relaciona com as relações de poder que são exercidos pro um grupo sobre outros e composto por relações de forças desiguais, onde estão as disputas de várias masculinidades ou virilidades, nesse sentido os estudos feministas foram fundamentais para o questionar e observar com olhar crítico a dominação masculina, pois ao ser confrontada a masculinidade automaticamente é desconfigurada o modelo imutável intensificando a crise, pois os questionamentos femininos abalaram as certezas dos homens.¹⁷⁸

¹⁷⁶DA SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical–pensamento e movimento. Textura, v. 3, n. 1, p. 24-34, 2008. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/251> Acesso: 06 Out. 2023

¹⁷⁷VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁷⁸VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

Nesse sentido, a cultura masculinista se apresenta como controle social sobre o gênero feminino, e não difere nas redes sociais¹⁷⁹:

De acordo com a Comissão de Banda Larga da ONU, em um relatório de 2015, “73% das mulheres já foram expostas ou sofreram alguma forma de violência online, no que ainda deve ser considerado uma tecnologia relativamente nova e crescente”² (UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 2, tradução livre).¹⁸⁰

Conforme o relatório da Comissão de Banda Larga da ONU, mulheres corre maiores riscos de exposição a violência cibernética e de serem vítimas de assédio. As mídias sociais levam a uma democratização desenfreada criando oportunidades para a criação e divulgação de conteúdos misóginos e de violência contra as mulheres, como, por exemplo o grupo masculinista “Manosfera”, que se unem em ambientes virtuais para ridicularizar e ameaçar em discursos que abordam questões de gênero e feminismo, acreditam que as mulheres são favorecidas e que, portanto são eles: “brancos, heterossexuais, cisgêneros, os violentados e discriminados socialmente”.¹⁸¹

Através da internet grupos masculinistas atuantes na deep web, nas redes TOR, i2p e FreenNet com a intenção de manter negócios e ilicitudes que geram dinheiro e renda em suas relações comunicacionais que pregam a supremacia dos homens sobre as mulheres e o ódio ao movimento feminista.¹⁸²

Os grupos masculinistas radicais utilizam a surface e a deep web para comunicação, está relatado que dois grandes fóruns masculinistas

¹⁷⁹ BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸⁰ BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸¹ BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸² DE AZEVEDO, Janaina Leite. NAS SOMBRAS DA INTERNET E DO NÃO-ESTADO: REFLEXÕES SOBRE A ASCENSÃO DE GRUPOS EXTREMISTAS NA DEEP WEB NO BRASIL. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:1vL8O_DF3MIJ:scholar.google.com/+movimentos+masculinistas+na+deep+web&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 29 Set. 2023

antifeministas MascusBR e HomensdeBEMBR se encontra o perfil do atirador de Realengo 2011 que o mantêm como herói.¹⁸³

Nesse sentido, os conteúdos misóginos nesses grupos estão levando a uma situação de violência real não só contra mulheres, mas as crianças também, sendo que alguns fóruns anônimos celebram os últimos ataques, do ano de 2021 e massacres nas creches.¹⁸⁴

Segundo Lola Aronovich (2021, online), muitos fóruns anônimos – também conhecidos como chans – têm reivindicado a autoria do massacre que ocorreu na cidade de Saudades, em Santa Catarina, em maio de 2021. Fabiano Kipper Mai, de 18 anos, que tentou suicídio após assassinar três crianças e duas mulheres em uma creche, fazia parte, segundo outros masculinistas, de comunidades da manosphere.¹⁸⁵

Esses atos de violência se dissemina na era digital como também na forma interestadual sem prejuízo do tempo.¹⁸⁶ Em outro estado, segundo a professora da Universidade Federal do Ceará, recebeu ameaças de morte vinda de grupo masculinista, e ainda relata que nesses fóruns virtuais chamados de “chans” os quais são situados na deep web, sendo esta plataforma anônima de qualquer lugar do Brasil e do mundo acessível com ferramentas específicas, Fabiano é celebrado como herói.¹⁸⁷

Aronovich, que é professora de Literatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Ceará (UFC) e autora do blog feminista Escreva, Lola, Escreva20, conta que recebeu, desde o massacre,

¹⁸³DE AZEVEDO, Janaina Leite. NAS SOMBRAS DA INTERNET E DO NÃO-ESTADO: REFLEXÕES SOBRE A ASCENSÃO DE GRUPOS EXTREMISTAS NA DEEP WEB NO BRASIL. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:1vL8O_DF3MIJ:scholar.google.com/+movimentos+masculinistas+na+deep+web&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 29 Set. 2023

¹⁸⁴BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸⁵BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸⁶MEIRA, Luís Antônio Alves. Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio. 2021. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15176/clc_ppglimiar_me_Luis_AAM.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸⁷BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

três ameaças de morte vindas de masculinistas²¹, os quais ainda disseram que “os chans celebram a chacina na creche e saúdam Fabiano como novo herói”.¹⁸⁸

As manifestações anteriores aos atos de violências e massacres são veiculadas nos fóruns virtuais anônimos “chans”, segundo os estudos os atos veiculados nos chans funcionam como um terrorismo que surge através dos discursos e incentivo indireto, não tem ordens diretas e poder acontecer de qualquer lugar, é como um jogar dados: “os resultados possíveis são conhecidos, porém, não previsíveis a cada lance.”¹⁸⁹

Isto posto, fica claro que a presença dos movimentos masculinistas na deep web em fóruns virtuais são disseminados para ideologias e discussões criminosas e de grande impacto negativo para a sociedade em geral, sendo que a seguir serão analisados os livros utilizados pelos grupos masculinistas e se há conteúdos misóginos e de violência contra as mulheres.

2.7 ANÁLISE DAS LITERATURAS UTILIZADAS POR MOVIMENTOS MASCULINISTAS: SUAS RAMIFICAÇÕES NAS REIVINDICAÇÕES DE GÊNERO, INFLUÊNCIA NA MISOGINIA E NAS MANIFESTAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Por todo o exposto até aqui, no âmbito das discussões sobre os movimentos masculinistas e a origem de suas influências, é imprescindível a análise das literaturas que embasem de forma ideológica e que sustenta suas reivindicações desses grupos masculinistas.

Sendo assim, a análise das literaturas utilizadas pelos grupos masculinistas permitirá uma investigação detalhada das discussões e do ideal argumentativo promovido nesses grupos, identificando as reinterpretações e de quais maneiras a misoginia e as manifestações de violência podem ser implícita ou explicitamente incorporadas nessas obras.

¹⁸⁸ BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

¹⁸⁹ MEIRA, Luís Antônio Alves. Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio. 2021. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15176/clc_ppglimiar_me_Luis_AAM.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 31 Ago. 2023

Em suma, a importância de examinar a relevância e o impacto que essas literaturas carregam, analisando de maneira crítica as conexões entre o conteúdo empoderador masculino e a perpetuação de influência de atitudes misóginas e agressivas, com o intuito de promover um debate contrário a esses ideais que infiltram a sociedade e as novas gerações através da tecnologia.¹⁹⁰

Diante disso, foi percebido que a linha de aconselhamentos desses grupos, incluindo modo de falar, vocabulário e léxico próprio é de maneira *sui generis* com propósito de marcar relações de apoio e criar regimes de afetos em suas falas que tem uma visão de mundo misógina e observado o ódio de gênero.¹⁹¹

Nesse contexto, Nessahan Alita¹⁹², cujas suas obras são frequentemente citadas e discutidas nos círculos dos movimentos masculinistas, tem como temas em suas literaturas que abordam sobre relacionamentos, sexualidade e identidade masculina.

Ao analisar a obra "A Guerra da Paixão: As Artimanhas e os Truques Arditos das Mulheres no Amor", com especial destaque ao subtítulo "O Perfil Masculino Ideal"¹⁹³, tem-se que é explorada a orientação sobre como os homens devem se comportar em relação às mulheres, destacando o autor uma dicotomia entre o "macho superior" e os "débeis", sugerindo que o homem superior não apenas comanda a mulher, mas também a contradiz, sem se preocupar com possíveis reprovações ou desapontamentos. Em outras palavras, essa abordagem visa a impressionar a mulher por uma postura que não busca agradar, mas sim impactá-la.

¹⁹⁰SILVA, Sérgio Gomes. 2006. "A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista". Psicologia Ciência e Profissão. Vol.26, nº 1, p.118-131. VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um "novo homem" para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021. Apud Silva. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023.

¹⁹¹MIGUEL, Vinicius Machado; PRIORI, Lucas. Seja Misógino e Fique Rico. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:hDQsluwTtXAJ:scholar.google.com/+nessahan+alita&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 30 Set. 2023

¹⁹²MIGUEL, Vinicius Machado; PRIORI, Lucas. Seja Misógino e Fique Rico. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:hDQsluwTtXAJ:scholar.google.com/+nessahan+alita&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 30 Set. 2023

¹⁹³ALITA, Nessahan. A guerra da Paixão. As artimanhas e os truques arditos das mulheres no amor. 1ª edição. 2005. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

O autor denuncia comportamentos e personalidades de mulheres de forma geral, tudo começou quando homens com experiências similares entraram em contato e perceberam haver um modelo de comportamento para a conduta feminina e a compreendê-la, sendo assim a meta do autor ao lançar seus livros na web era iniciar sementes para grupos masculinistas, o qual a meta foi alcançada desde a época, havia comunidades: “Mulher Gosta De Homem Babaca (MGDHB)”, “O Lado Obscuro Das Mulheres (OLODM)”, entre outros na plataforma Orkut que se inspiravam nos livros de Nassahan Alita¹⁹⁴

Em sua segunda Obra, intitulada “Como lidar com mulheres, apontamentos sobre o perfil comportamental feminino nas relações com o homem”, Nessahan Alita¹⁹⁵ reproduz um manual onde generaliza o comportamento da mulher e associa de forma generalizada seus comportamentos, sentimentos e quereres no relacionamento com o homem, em diversas partes do seu livro ensina como os homens devem se comportar e ensina a induzir as mulheres ao erro:

O homem exclusivamente afetuoso torna-se repulsivo e a mulher passa a considera-lo pegajoso. Por outro lado, a distância e a indiferença prolongadas esfriam a relação¹. Logo, temos que alternar nossa conduta, deixando-a confusa, sem saber o que realmente sentimos, exatamente como ela faz conosco. Cultive a friza do Budismo Zen aliada ao calor do Kama Sutra.

De acordo com o mencionado autor, as mulheres repudiam homens afetuosos, e ensina o homem a alternar sua conduta para deixar a mulher confusa. Essa forma contraditória de agir em um relacionamento amoroso pode levar ao enlouquecimento e confusão, o autor ensina para consideráveis homens que seguem suas doutrinas ao erro de agir de forma completamente primitiva e imatura que poderá trazer somatizações e problemas nas relações levando ao sadomasoquista ou perverso narcísicas.¹⁹⁶

¹⁹⁴CRUZ, Charis D. A História da Real. Blog. 2016. Virtual independente. Disponível em: <http://charisdacruz.blogspot.com/2016/06/a-historia-da-real.html> Acesso: 30 Set. 2023

¹⁹⁵ALITA, Nessahan. Como lidar com mulheres, apontamentos sobre o perfil comportamental feminino nas relações com o homem. 1ª edição. 2004. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

¹⁹⁶LEVY, Lúcia; GOMES, Isabel Cristina. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 163-172, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/s9h6jTnp7LyMcG5GPVdJg8h/> Acesso: 01 Set. 2023

Amparar as dificuldades que todo casal apresentar na sua dinâmica e em suas individualidades por consistirem ser dois indivíduos com dois desejos, duas inserções no mundo em um manual que ensina a como trazer mais sadismo e desgastes emocionais pode parecer inicialmente fáceis de resolver, mas a longo prazo, segundo análises de estudos entre casais e teorias psicanalíticas abordadas, os casais que conseguem permanecer juntos está diretamente relacionado ao modo como conseguem transformar suas dimensões individuais e conjugal para efetuar mudanças na interação em conjunto em busca de crescimento.¹⁹⁷

Alita¹⁹⁸ divulga em seu site independente, acompanhado de suas obras, as publicações de outros autores, como as do Homem Honrado de Travis Bickle, a comunidade que iniciou no ORKUT (OLODM), Silvio Koerich e The Truth que em seu blog traz como tema o Keynesianismo feminista, o autor relata sobre a busca por igualdade de emprego e salários das mulheres e que ao utilizarem seus corpos para conseguir cargos, utilizaram esse “poder” para exigir ainda mais do homem, como seus cargos, salários, trazendo desigualdade social para o Brasil.

Assim, mulheres que já eram sexistas por causa do uso abusivo do poder de atração do próprio corpo, poderão usar esse poder extra pra exigir ainda mais e sufocar ainda mais os homens com exigências. Isso poderá resultar resultados desastrosos num país como o Brasil na qual as relações afetivas são o reflexo da desigualdade social. Se isso continuar acontecendo, é provável que no futuro os homens sustentem as mulheres com o dinheiro dos impostos. Ou seja, seria uma versão feminista do homem provedor. A diferença é que o homem vai trabalhar pra sustentar o emprego da mulher e não mais a mulher em casa!¹⁹⁹

Alita também divulga a literatura de Travis Bickle²⁰⁰ que afirma em suas considerações finais, no Guia do homem Honrado para auxiliar no processo

¹⁹⁷FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, p. 379-394, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WGzgV8McnFxCvXdy3wndy4F/> Acesso: 01 Set. 2023

¹⁹⁸ALITA, Nessahan. Toda a verdade sobre os relacionamentos modernos que as mulheres não querem que você saiba. 2004. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

¹⁹⁹TRUTH, The. O keynesianismo Feminista. Blog Questionando o Feminino. 2010. Virtual independente. Disponível em: <http://questionandofeminino.blogspot.com/> Acesso: 01 Out. 2023

²⁰⁰BICKLE, Travis. Guia do homem honrado. Fênix Realista. Virtual independente. Disponível em: <https://fenixrealista.wordpress.com/2015/10/12/guia-do-homem-honrado-parte-03-falsas-amizades/>

de desenvolvimento pessoal masculino frente aos movimentos feministas, uma de suas frases misóginas em sua literatura é desprezar o homem que confia em uma mulher que não seja a sua mãe.

E o principal: Jamais confie em outra mulher que não seja a sua mãe. NENHUMA outra mulher é totalmente confiável. Não seja um miguxo, um tolo, um bosta assexuado. Muitas mulheres são sádicas, são sociopatas, são lobos em pele de cordeiro. Jamais pense que elas querem o seu bem.²⁰¹

Sendo assim, é possível observar que as literaturas utilizadas e amplamente divulgadas nos grupos masculinistas desempenham uma influência significativa na propagação de ideias relacionadas à misoginia e à violência de gênero.

Diante disso, será investigado com enfoque na era digital, como os grupos masculinistas por meio da tecnologia influencia na disseminação de suas ideias e reivindicações especialmente no contexto Brasileiro.

2.7.1 EXPLORANDO A ANÁLISE DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS MASCULINISTAS NA ERA DIGITAL DO BRASIL

A literatura que generaliza e demoniza as mulheres acabam influenciando muitos homens que direcionam seus discursos à misoginia, à vista disso o fórum Homens Honrados que representa o Movimento Realista que se subintende fazer parte dos grupos masculinistas, o qual foi criado por um dos membros desde a época das comunidades MGDHB e OLODM do orkut²⁰², aderiu a uma enquete no mês de junho de 2019 para votação para o “maior realista” os concorrentes da lista que ficaram entre os primeiros da votação.²⁰³

Acesso: 01 Out. 2023

²⁰¹BICKLE, Travis. Guia do homem honrado. Fênix Realista. Virtual independente. Disponível em: <https://fenixrealista.wordpress.com/2015/10/12/guia-do-homem-honrado-parte-03-falsas-amizades/> Acesso: 01 Out. 2023

²⁰²CRUZ, Charis D. A História da Real. Blog. 2016. Virtual independente. Disponível em: <http://charisdacruz.blogspot.com/2016/06/a-historia-da-real.html> Acesso: 30 Set. 2023

²⁰³LIBERTADOR, Administrador. Enquete: Qual é o maior realista de todos os tempos?. Legado Realista. **Homem Honrado**. 2019. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/showthread.php?tid=3939> Acesso: 01 Out. 2023

Os autores mais proeminentes, eleitos por uma análise de votos no fórum online que promove discursos misóginos, intolerantes e cheios de ódio, incluem: Nessahan Alita autor de livros: *A guerra da Paixão*; *Como Lidar com mulheres*; *O magnetismo nas relações*; *O profano feminino*; *Reflexões Masculinas*, etc.²⁰⁴

Barão Kageyama chefe do blog “Canal do Búfalo” que desmoraliza e repudia as mulheres como donas de um “lado obscuro” que “joga com sentimento dos homens”²⁰⁵, em um de seus artigos compara mulheres com chimpanzés: “é o fato que as fêmeas manipulam, enganam, e jogam com seus machos (...) Há muitas áreas em comum sobre o comportamento feminino que são observadas quando se estuda o comportamento dos chimpanzés.”²⁰⁶

Silvio Koerich²⁰⁷, que teve a apropriação do seu pseudônimo por 2 homens que participava dos fóruns e que inclusive foi deflagrado em 2011 pela Polícia Federal na “Operação Intolerância” o qual se deu a investigação dos autores do site que continha mensagens de apologia à violência, sobretudo contra as mulheres, negros, homossexuais, nordestinos, judeus, incitação do abuso sexual de menores, e além de apoiarem o massacre de crianças em uma escola do Rio de Janeiro em 2011 praticado por um atirador.

Cabe ressaltar o conteúdo do site Silvio Koerich, que será abordado detalhadamente no Terceiro Capítulo, o qual, em seu blog oficial, observa uma reiteração de misoginia e desrespeito em relação às mulheres por declarações intolerantes que as inferiorizam, ou seja, o discurso misógino começa ao abordar as escolhas profissionais das mulheres na área militar e temas correlatos²⁰⁸.

²⁰⁴ ALITA, Nessahan. *A guerra da Paixão. As artimanhas e os truques ardilosos das mulheres no amor*. 1ª edição. 2005. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

²⁰⁵ BARÃOZIN. Bem-vindo ao deserto do real. **Canal Do Búfalo**. 2011. Disponível em: <http://canal.bufalo.info/chegando-agora/> Acesso: 01 Set. 2023

²⁰⁶ HARRY, Angry. Mulheres e chimpanzés – Parte 1. **Canal Do Búfalo**. 2011. Disponível em: <http://canal.bufalo.info/2011/12/mulheres-e-chimpanzes-parte-1/> Acesso: 01 Set. 2023

²⁰⁷ KOERICH, Silvio. O Perdedor Mais Foda Do Mundo. 2007. Disponível em: <https://www.mediafire.com/?p6pohrm971h9wj1> Acesso: 01 Out. 2023

²⁰⁸ VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

Deste modo, ressalta-se que o conteúdo integral do blog consiste em listas que categorizam as mulheres a serem evitadas em relacionamentos, associando, por exemplo, o hábito de fumar a promiscuidade ou criticando mães adolescentes solteiras como "esse tipo de cocô humano necessita de um post diferente"²⁰⁹ entre outras expressões desrespeitosas. Em fóruns anônimos, vários relatos de homens culpam as mulheres como um todo pelo suposto fracasso em atingir seu potencial, ignorando a natureza falaciosa e misógina desse pensamento.²¹⁰

Assim, compreender de que forma os movimentos masculinistas contemporâneos, especialmente no contexto digital com o uso da tecnologia, fóruns online, mídias sociais desempenham um papel fundamental na disseminação de ideias e estratégias com tendência misógina, cabendo ainda analisar outros grupos masculinistas com a ideologia e nuances que afetam as relações de gênero e as percepções sobre as mulheres na sociedade.

2.7.2 ANALISANDO OUTROS GRUPOS MASCULINISTAS DE TENDÊNCIA MISÓGINA E IDEOLÓGICA: AS PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS AMBÍGUAS EM RELAÇÃO ÀS MULHERES

Conforme demonstrado, as mulheres ocupam lugares ambíguos e de aspecto negativo nas percepções dos indivíduos dos grupos masculinistas sendo repudiadas e desejadas variando de adjetivos que as desqualificam como possuidoras de um intelecto inferior, inaptas a exercer cargos importantes na política, no militar entre outros, e, por outro lado é ressaltado “suposto aspecto de esperteza, oportunismo e astúcia, além da hipersexualidade e sedução”²¹¹

²⁰⁹VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²¹⁰LIBERTADOR, Administrador. Enquete: Qual é o maior realista de todos os tempos?. Legado Realista. **Homem Honrado**. 2019. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/showthread.php?tid=3939> Acesso: 01 Out. 2023

²¹¹SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: <https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vIK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%8>

Há diversas vertentes nos grupos masculinistas, cada uma com enfoques, doutrinas e apoios distintos, entre elas, destacam-se o MGTOW, composto por homens que optam por se abster de relacionamentos com mulheres visando o autodesenvolvimento; o INCEL, formado por homens que buscam relacionamentos, mas frequentemente experimentam sentimentos de rejeição; e os PICK-UP ARTISTS, que desenvolvem técnicas de persuasão para manipular e assediar mulheres.²¹²

É possível identificar conteúdos misóginos que depreciam, pregam a intolerância ao feminino e difunde ódio e aversão a mulher de forma visivelmente antifeminista, utilizando termos “vadia” quando se fala da mulher entre outros.²¹³

Analisando a violência de gênero e sua construção histórica, sendo ela cultural, sustentada socialmente e utilizada para estabelecer controle, estas literaturas demonstram a ideologia por trás destes movimentos masculinistas que visa a dominação masculina e sua perpetuação difundindo misoginia, violência e opressão contra as mulheres.²¹⁴

No próximo capítulo, será investigado os sistemas de classificação dos movimentos masculinistas, bem como sua implicação no contexto do Direito Penal Brasileiro e das políticas públicas e ainda uma análise crucial para uma melhor compreensão do impacto desses conteúdos na violência e seu prejuízo na igualdade de gênero.

0%9Ctrash+talk%E2%80%9D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

²¹²SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vlK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%80%9Ctrash+talk%E2%80%9D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

²¹³LEYKIS, Tom. Sobrevivência no mundo vaginante. Legado Realista. **Homem Honrado**. 2022. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/forumdisplay.php?fid=87> Acesso: 01 Out. 2023

²¹⁴FERNANDES, Nathaly Cristina; DA NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino. A naturalização da violência contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/17903/14503> Acesso: 01 Set. 2023

Capítulo 3

A RESPONSABILIDADE DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS FRENTA À MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA INTERNET E O ENFOQUE DO DIREITO PENAL BRASILEIRO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Neste capítulo, que culmina na conclusão deste trabalho, tem como foco a análise complexa da responsabilidade dos movimentos masculinistas em relação à presença cultural da misoginia frente as mídias sociais em suas ações e discursos que será abordado de forma científica e crítica como esses movimentos são percebidos e como se posicionam diante da misoginia e violência de gênero que permeiam esses espaços digitais.

No capítulo anterior foi explorado a origem e os propósitos dos movimentos masculinistas, identificando que surgiram como resposta a preocupações percebidas pelos homens após o avanço dos movimentos feministas. Essas preocupações estão relacionadas ao papel do homem na sociedade contemporânea, à desconstrução dos estereótipos de masculinidade, à crescente presença das mulheres no mercado de trabalho e na esfera pública²¹⁵, bem como às questões ligadas ao divórcio, guarda dos filhos e direitos parentais.²¹⁶

Constatou-se que nas declarações e posicionamentos oficiais dos movimentos masculinistas é possível identificar manifestações de misoginia e violência de gênero. Essas manifestações incluem a disseminação de estereótipos negativos sobre as mulheres, a minimização de questões relacionadas à violência

²¹⁵SILVA, Sérgio Gomes. 2006. "A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista". *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol.26, nº 1, p.118-131. VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um "novo homem" para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 2021. Apud Silva. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023.

²¹⁶TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

de gênero e a oposição às políticas de igualdade de gênero.²¹⁷ Essas atitudes exercem um impacto substancial na igualdade de gênero, podendo desencadear retrocessos nas conquistas dos direitos das mulheres.²¹⁸

Diante do cenário exposto, torna-se essencial que este capítulo explore a forma como o sistema jurídico e as políticas públicas abordam as manifestações de misoginia e violência de gênero associada aos movimentos masculinistas. Investigando a aplicação das leis de discurso de ódio e analisando o impacto dessas abordagens na busca pela igualdade de gênero. Por meio dessa análise crítica, espera contribuir para uma compreensão mais profunda das complexas relações entre movimentos masculinistas, misoginia e a resposta do Direito Penal Brasileiro e das Políticas Públicas diante dessa problemática.

3.1 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS DIVERSAS VERTENTES DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS: CONTRIBUIÇÕES DOS ENFOQUES SISTEMÁTICOS PARA UMA COMPREENSÃO ABRANGENTE DAS ABORDAGENS ADOTAS PELOS GRUPOS

A fim de obter uma compreensão abrangente e aprofundada das diversas abordagens adotadas pelos grupos masculinistas, é fundamental realizar uma classificação e análise detalhada das diferentes vertentes existentes dentro desse movimento.

Ademais, tal análise sistemática visa identificar as contribuições e perspectivas exclusivas de cada vertente. As vertentes dos movimentos masculinistas podem variar amplamente em suas crenças, objetivos e abordagens.

Alguns grupos podem se concentrar na promoção de questões específicas relacionadas aos direitos dos homens, como questões de paternidade ou

²¹⁷ ALITA, Nessahan. A guerra da Paixão. As artimanhas e os truques ardilosos das mulheres no amor. 1ª edição. 2005. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

²¹⁸ TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou "o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023

alegações de viés de gênero no sistema legal²¹⁹, outros podem adotar uma postura mais antifeminista, enfatizando a oposição às políticas de igualdade de gênero e ao feminismo em geral, sendo que a análise sistemática dessas vertentes permite identificar tendências, semelhanças e diferenças entre os grupos²²⁰.

Aprofundando a compreensão dos sistemas de classificação dos movimentos masculinistas, este segmento do estudo busca examinar as categorias de análise que delineiam suas diversas vertentes. Através dessa análise, procura-se investigar as abordagens variadas adotadas pelos grupos e entender as implicações dessas abordagens no contexto mais amplo das discussões de gênero.²²¹

Utilizando o potencial da realidade virtual para comunicações e disseminação de conteúdo, esses movimentos operam em uma rede complexa de ramificações, cada uma com seu próprio enfoque e objetivos. Algumas dessas vertentes buscam otimisticamente promover a justiça social, propagar a solidariedade e criar discursos construtivos. No entanto, outras adotam uma perspectiva mais sombria, fomentando discursos de ódio, misoginia e até mesmo violência.²²²

No intuito de melhor compreender as diferentes vertentes presentes nos grupos masculinistas, é fundamental realizar classificações que auxilie a categorizar suas abordagens e perspectivas, sendo que entre essas vertentes, foi analisado:

[...]

²¹⁹DA SILVA, Sergio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 26 p. 118-131. Jan-mar. 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/lil-480547>. Acesso em: 09 jun. 2023.

²²⁰THISOTINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

²²¹PONCIANO, Jéssica Kurak et al. O Zeitgeist Hipermoderno e a “Real Masculinista”: Um Estudo de Caso de um Blog da Web. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 166-184, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/13365> Acesso: 01 Out. 2023

²²²PONCIANO, Jéssica Kurak et al. O Zeitgeist Hipermoderno e a “Real Masculinista”: Um Estudo de Caso de um Blog da Web. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 166-184, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/13365> Acesso: 01 Out. 2023

1 – Aqueles que buscam reformular os padrões de masculinidade hegemônica, com o propósito de promover relações de gênero mais igualitárias. 2 – Há também aqueles que defendem a superação das categorias tradicionais de gênero. 3 – Além disso, existem grupos que se concentram na promoção de uma iconografia da virilidade. 4 – Enquanto outros oferecem conteúdo explicativo e didático relacionado ao desenvolvimento pessoal. 5 – Outra vertente importante é aquela voltada para a integração dos pais na paternidade, enfatizando o crescimento pessoal nesse contexto. 6 – Por fim, há grupos que se dedicam a analisar as dinâmicas dos relacionamentos amorosos, especialmente os heteronormativos.²²³

No entanto, o enfoque principal neste capítulo recai sobre aqueles grupos que adotam uma visão antifeminista e interpretam os comportamentos femininos como estratégias de manipulação. Muitos desses grupos optam por uma abordagem de separação quase radical entre os gêneros, e alguns não priorizam relacionamentos com mulheres, decidem trilhar seu próprio caminho. Eles costumam desenvolver manuais e técnicas específicas com estratégias incluindo jogos emocionais. Acreditam que a sociedade é estruturalmente misândrica e controlada por valores feministas²²⁴, o que frequentemente se manifesta em misoginia, zombarias, menosprezo, objetificação e generalizações em relação às mulheres. Além disso, sustentam a crença de que os homens são oprimidos pelas mulheres em nossa sociedade.²²⁵

Essa análise abrangente ajudará a compreender melhor a diversidade de perspectivas e abordagens adotadas pelos movimentos masculinistas, bem como seus impactos na discussão de gênero e nas dinâmicas sociais.

²²³SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 01 Out. 2023

²²⁴ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. **Revista Iberoamericana de Psicologia**, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577> Acesso: 03 Out. 2023

²²⁵SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 01 Out. 2023

3.1.1 MISOGINIA COMO FENÔMENO POLÍTICO: CONTROLE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.

A misoginia é um fenômeno que merece ser inicialmente abordado como um problema político, visto que seus perpetradores buscam a negação, a exclusão, o afastamento e, em casos extremos, a aniquilação de mulheres, constituindo assim um crime de ódio direcionado a um grupo historicamente vulnerável.²²⁶

Ao longo da História, a misoginia é uma estratégia de controle das mulheres. Desde os tempos medievais em que “bruxas” eram queimadas na fogueira, até os dias atuais, a misoginia online representa uma tentativa de impedir a participação das mulheres nos espaços públicos, no mercado de trabalho e se manifesta na forma de violência de gênero, causando danos ao corpo e a saúde psíquica das mulheres de diversas maneiras.²²⁷

Portanto, a misoginia como um fenômeno político contemporâneo, destacando suas raízes históricas e manifestações atuais como uma estratégia de controle e violência de gênero, que afeta profundamente as mulheres em sociedade. Esta forma cotidiana e política de violência de gênero visa manter as mulheres confinadas a papéis tradicionais, enquanto reforça a noção depreciativa de que a ausência das mulheres nos espaços de discussão e decisão não é algo natural.²²⁸

Foi possível perceber a complexa relação entre a misoginia e a esfera política na sociedade contemporânea, notando a evidência que as questões

²²⁶ LOPES, Amanda Rezende. Misoginia nas comunicações on-line: crimes de ódio entre relações de poder¹². Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:3io9bsU9V2EJ:scholar.google.com/+Misoginia+nas+comunica%C3%A7%C3%B5es+on-line:+crimes+de+%C3%B3dio+entre+rela%C3%A7%C3%B5es+de+poder12&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

²²⁷ TRASFERETTI, José Antonio. Misoginia e a Violência Contra a Mulher. **Teologia em Questão**, n. 35, p. 92-109, 2019. Disponível em: <http://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/262/223> Acesso: 02 Out. 2023

²²⁸ LOPES, Amanda Rezende. Misoginia e poder: investigando o ódio contra as mulheres na política¹² Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:3-fq5cGCrvoJ:scholar.google.com/+misoginia+como+um+fenomeno+politico&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

de gênero tem ramificações significativas em contextos políticos e ações que afetam a vida das pessoas de todos os gêneros.

No contexto digital será analisado a influência dos movimentos masculinistas sobre as manifestações desses problemas, bem como seu impacto na perpetuação da violência de gênero na sociedade atual.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS PARA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E MISOGINIA NO CONTEXTO DIGITAL: DA NECESSIDADE DE COMBATE DAS MANIFESTAÇÕES DESSA PROBLEMÁTICA NOS DISCURSOS E ATIVIDADES DOS GRUPOS MASCULINISTAS E SEU IMPACTO NA PERPETUAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO, NA SAÚDE DA MULHER E A ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Os grupos masculinistas, através de seus discursos e atividades online, muitas vezes promovem estereótipos prejudiciais sobre as mulheres e questões de gênero, sendo que no ambiente digital, esses grupos têm um alcance significativo, alcançando uma audiência global²²⁹.

Destaca-se ainda que os discursos misóginos e as manifestações de violência de gênero disseminados por esses grupos podem perpetuar estereótipos prejudiciais e reforçar ideias de superioridade masculina, sendo que isso pode ter sérias consequências na vida das mulheres, incluindo impactos na saúde emocional, bem como psicológica e, desta forma, a necessidade de combater essas manifestações problemáticas é evidente.²³⁰

As plataformas online desempenham um papel fundamental na promoção de ambientes seguros e respeitosos, enfatizando-se que a regulamentação e moderação adequadas são cruciais para combater discursos de ódio, misoginia e violência de gênero na internet²³¹.

²²⁹CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-incel-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contr-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

²³⁰CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-incel-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contr-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

²³¹SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências

Somado a isso, a abordagem multidisciplinar na saúde é fundamental para lidar com as consequências dessas manifestações de violência de gênero. Isso envolve a promoção de serviços de saúde mental, apoio psicológico e estratégias de prevenção.²³²

Desde o início desta pesquisa, fica evidente que as estruturas culturais, filosóficas, sociais e de poder desempenham uma contribuição significativa na construção e perpetuação da hierarquia masculina²³³.

Nesse contexto, os movimentos masculinistas surgiram em grupos com o objetivo de promover a superioridade masculina. No entanto, ao analisar suas versões radicais, torna-se claro que esses movimentos não apenas endossam a violência, mas também lançam ataques à sociedade através de manifestos de violência.²³⁴

Além disso, as ideias difundidas nos grupos masculinistas, de cunho ideológico defendem a solidariedade masculina em prol de seus direitos. Essas ideias frequentemente criticam o feminismo, interpretando erroneamente as conquistas das mulheres como privilégios, o que, objetiva ou subjetivamente, alimenta a misoginia. Essa abordagem também promove visões depreciativas das mulheres, limitando seu valor à sua função reprodutiva, entre outras atitudes que reforçam a desigualdade de gênero.²³⁵

-
- qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vIK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%80%999Trash+talk%E2%80%999D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023
- ²³² SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vIK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%80%999Trash+talk%E2%80%999D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023
- ²³³ CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hZ-wsnvTI2oC&oi=fnd&pg=PA5&dq=conel+masculinidades&ots=sdEMU9j37o&sig=ldLXnOtWSUgSdnPsSyu3EKwW4OY#v=onepage&q=conel%20masculinidades&f=false> 08 ago. 2023.
- ²³⁴ BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023
- ²³⁵ DE OLIVEIRA, Rosane Cristina; DA SILVA, Renato. 122. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl., p. 1609-25, 2021. Disponível em: <https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/988> Acesso: 24 Set. 2023

A importância de examinar como os movimentos masculinistas influenciam a misoginia e a violência de gênero no ambiente digital leva a uma análise nas repercussões que esses comportamentos têm na saúde mental e no bem-estar das mulheres e a importância de promover um ambiente digital mais seguro e inclusivo.

3.2.1 MISOGINIA ONLINE: IMPACTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS NA VIDA DAS MULHERES E A IMPERATIVA NECESSIDADE DE COMBATE

Os impactos psicológicos da misoginia são profundos. Mulheres que são alvo desse comportamento enfrentam estresse, ansiedade, depressão e, em casos extremos, pode desenvolver transtorno de estresse pós-traumático e levar ao suicídio, dado que a constante exposição a comentários misóginos e ameaças pode criar um ambiente tóxico que mina a saúde mental das mulheres.²³⁶

Embora o termo misoginia não necessariamente represente atos violentos, ele inflige danos psicológicos, profissionais, e prejudica a reputação das mulheres, entre outros aspectos, isso cria desafios significativos no cotidiano online das mulheres.²³⁷

Em fóruns online organizados por grupos masculinistas, é possível observar discursos que buscam humilhar, controlar, ameaçar ou até mesmo incitar atos de violência. Dessa forma o ódio expresso nesses discursos se traduz em violência contra a mulher, tornado-se uma questão que afeta tanto a esfera pública quanto a privada. Essa realidade confina o feminino a aspecto limitador baseado em suposições generalizadas sobre o comportamento apropriado das mulheres. Estão presentes práticas como “censuras, deslegitimações, abusos,

²³⁶DOS SANTOS ESTEVES, Natacha; DOS SANTOS COQUEIRO, Wilma. “A CURA NÃO EXISTE”: DEPRESSÃO, MELANCOLIA E SUICÍDIO NO ROMANCE O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEL. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 17, p. 107-116, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829> Acesso: 16 Out. 2023

²³⁷SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vIK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%80%909Ctrash+talk%E2%80%9D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

assédios sexuais, xingamentos, ameaças de estupro, discursos de ódio e atos de violência em geral”²³⁸

Nesse contexto, a sociedade contemporânea está imersa em uma guerra cultural que coloca em disputa várias dimensões, incluindo classes, gêneros e raças. Grupos que se organizam como movimentos de direitos dos homens e antifeministas reconhecem e perpetuam a desigualdade como uma ordem natural. Essa dinâmica é notável em diversas comunidades e fóruns online.²³⁹

Os impactos significativos da misoginia online sobretudo na saúde mental das mulheres demonstra os efeitos da violência de gênero e a ameaça a segurança e ao bem-estar das mulheres, causando danos psicológicos e sociais.

Nesse sentido, se faz necessário analisar formas de abordagens multidisciplinares no setor da saúde como respostas necessárias para mitigar esses impactos.

3.2.2 IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES E A NECESSIDADE DE ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NO SETOR DE SAÚDE INCLUINDO O PAPEL DO SUS

As consequências de todas as formas de violência contra a mulher reverberam nos serviços públicos de Saúde, resultando em “sequelas físicas, distúrbios alimentares, problemas sexuais, estresse pós-traumático e depressão.”²⁴⁰ Abordar a saúde mental nesse contexto é uma tarefa complexa, exigindo a colaboração de profissionais de diversas áreas da saúde, desde especialistas em ciências biológicas, como psiquiatras e neurologistas, psicólogos até especialistas

²³⁸ LOPES, Amanda Rezende. Misoginia nas comunicações on-line: crimes de ódio entre relações de poder. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:3io9bsU9V2EJ:scholar.google.com/+Misoginia+nas+comunica%C3%A7%C3%B5es+on-line:+crimes+de+%C3%B3dio+entre+rela%C3%A7%C3%B5es+de+poder12&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

²³⁹ VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. Revista Eco-Pós, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703 Acesso: 02 Out. 2023

²⁴⁰ MACHADO, Evelyn Cláudio Ruvieri et al. MISOGINIA: O DISCURSO DE ÓDIO E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA MULHER. TCC-Psicologia, 2022. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1455> Acesso: 02 Out. 2023

em ciências sociais, como sociólogos e antropólogos. A saúde mental vai além da psicopatologia, englobando uma ampla gama de multiprofissionais ²⁴¹

A violência de gênero tem um impacto significativo na saúde, causando mortes, lesões, traumas físicos e mentais, resultando em uma diminuição na qualidade de vida das vítimas. Isso gera novos desafios para os serviços de saúde e para o Sistema Único de Saúde (SUS), evidenciando uma necessidade de uma abordagem multidisciplinar na prevenção e tratamento. No entanto, a compreensão desse tema emergiu tardiamente no contexto de práticas de saúde. No Brasil, a violência foi incluída na pauta do setor de saúde somente em 2001, quando o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência (PNRMAV), 13 anos após da instituição do SUS e cinco anos após a Organização Mundial de Saúde (OMS) colocar essa questão como prioridade no setor, durante a Assembleia Mundial de 1996.²⁴²

É crucial destacar que a violência contra as mulheres é significativamente mais prevalente do que contra os homens, com taxas que podem chegar a ser até 6,5 vezes superiores. Especificamente, no âmbito da violência psicológica, a discrepância de gênero é ainda mais acentuada, apresentando uma taxa 5 vezes maior no sexo feminino. No que diz respeito à tortura e ao abuso financeiro/econômico, ambos registram uma incidência 4 vezes maior no sexo feminino em comparação ao masculino. Esses dados, do período de 2001 a 2015²⁴³, destacam a urgência de uma abordagem abrangente e multidisciplinar na promoção da saúde e no enfrentamento da violência de gênero.

Cabe analisar as problemáticas que a falta de responsabilidades das plataformas online, bem como a divulgação de atos de violência pela mídia implica a continuidade e perpetuação da violência de gênero e

²⁴¹MARQUES, Jaliane; PINA, Natália; SILVA, Nicolay. O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES/INFLUENCERS USUÁRIAS DO INSTAGRAM. TCC-Psicologia, 2023. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:LFS9L8wsMEIJ:scholar.google.com/+miso+ginia+na+internet+e+saude+mental&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

²⁴²MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2007-2016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3kCPCWfBzqh8mzBnMhxmYj/?format=html> Acesso: 02 Out. 2023

²⁴³MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2007-2016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3kCPCWfBzqh8mzBnMhxmYj/?format=html> Acesso: 02 Out. 2023

na influência nos casos de feminicídio, e também nos manifestos de violência²⁴⁴ tanto offline como no online.

Buscou-se analisar quanto a importância crucial de compreender os efeitos devastadores da violência de gênero na saúde mental das mulheres, necessitando uma abordagem multidisciplinar no setor de saúde e na oferta e suporte dos serviços adequados do SUS. Diante disso cabe examinar a interconexão entre misoginia nos discursos masculinistas.

3.3 A INTERCONEXÃO ENTRE MISOGINIA NOS DISCURSOS MASCULINISTAS E A ESTRATÉGIA DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM COMUNIDADES ONLINE COMO MANIFESTAÇÃO DE CONTROLE: UMA ANÁLISE DE MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA EM FÓRUNS ANÔNIMOS, PERFIL DOS MEMBROS, CASOS DE ÓDIO, FEMINICÍDIO E DA RESPONSABILIDADE DAS PLATAFORMAS DIGITAIS E DAS MÍDIAS NA DIVULGAÇÃO DE ATOS DE VIOLÊNCIA E NA POTENCIAL INFLUÊNCIA DO EFEITO COPYCAT

Este segmento de pesquisa visa explorar a estreita relação entre a misoginia evidente nos discursos dos grupos masculinistas e a subsequente emergência da violência de gênero, sendo que essa conexão multifacetada frequentemente se manifesta em comunidades online pelos fóruns, em que discursos de ódio são proferidos²⁴⁵.

Observa-se ainda que a interconexão entre misoginia nos discursos masculinistas e a estratégia de violência de gênero em comunidades online é um fenômeno complexo e, deste modo, o estudo se concentra na análise de manifestos de violência em fóruns online anônimos, com o objetivo de compreender como a misoginia propagada por grupos masculinistas e pode se manifestar em atos de violência.²⁴⁶ A investigação busca desvendar as intrincadas ligações que unem

²⁴⁴VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²⁴⁵BELO, Pollyane. Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção1. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:gJAh5tz7o4MJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁴⁶LIBERTADOR, Administrador. Enquete: Qual é o maior realista de todos os tempos?. Legado

misoginia e violência, revelando como esses elementos se entrelaçam e moldam a sociedade contemporânea.

A presença de misoginia nos discursos dos grupos masculinistas está inextricavelmente ligada à disseminação da violência de gênero. Essa conexão se manifesta de diversas maneiras em fóruns online²⁴⁷, seja por discursos de ódio que difamam as mulheres, pela desqualificação das preocupações femininas ou mesmo por reações violentas em resposta à percepção de perda de poder, status ou privilégios.

Deste modo, a análise em questão visa aprofundar a compreensão dessas complexas conexões entre misoginia e violência, destacando seus impactos na sociedade contemporânea.²⁴⁸

Exemplos notáveis de manifestações dessa relação incluem o manifesto no Canadá, onde mulheres foram alvejadas intimidação no intuito de que parassem de ingressar na universidade²⁴⁹, o Massacre de Isla Vista na Califórnia, perpetrado por Elliot Rodger em 2014²⁵⁰ que resultou na morte de sete pessoas e deixou outras 13 feridas. Elliot Rodger publicou um vídeo no YouTube um dia antes do ataque, em que anunciava a sua vingança contra as mulheres, alegando que elas o rejeitaram e, ele permanecia virgem. Rodger se identificava como Incel.²⁵¹

-
- Realista. **Homem Honrado**. 2019. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/showthread.php?tid=3939> Acesso: 01 Out. 2023
- ²⁴⁷ PATON, Nathalie. Radicalização: Uma consequência das injunções à individualização? Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:6d_YNxroKFJs:scholar.google.com/+mass+acres+ligados+a+foruns+online&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023
- ²⁴⁸ VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023
- ²⁴⁹ TORNQUIST, Carmen Susana. Em nome dos filhos ou" o retorno da lei do pai": entrevista com Martin Dufresne. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 613-629, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cBWTTBbGRq4L9dgP6wRgDFh/?lang=pt> Acesso: 20 Ago. 2023
- ²⁵⁰ VLANGMAN, Peter. Elliot Rodger: An Analysis. *The Journal of Campus Behavioral Intervention*, v. 2, p. 5-19, 2014. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:AczBYMaoBLcJ:scholar.google.com/+elliott+rodger+masculinism&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023
- ²⁵¹ VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

Além desses exemplos, ocorreram outros ataques em todo o mundo²⁵², mas no Brasil, o primeiro manifesto diretamente relacionado à misoginia online foi o Massacre de Realengo, No Rio de Janeiro, em 2011, ocorreu uma tragédia na Escola Municipal Tasso Silveira, resultando na perda de 12 vidas, sendo 10 delas meninas. O ataque planejado por um frequentador de fóruns conhecidos como “Homens Sanctos”.²⁵³ O atirador deixou uma carta escrita onde inferiorizava o sexo feminino²⁵⁴. O segundo manifesto ligado ao ódio cultivado online ocorreu em Suzano²⁵⁵ resultando em 10 mortos e 11 feridos. Os perpetradores faziam parte da comunidade online conhecida como “Fórum Dogolachan”²⁵⁶ fundado em 2013 e mantido por membros da cultura Incel.²⁵⁷

Esses crimes foram meticulosamente planejados em fóruns anônimos que endossam comportamentos violentos e compartilham semelhanças com outros casos de tiroteios em massa. São crimes emblemáticos de como a misoginia, quando nutrida em fóruns online pode culminar em tragédias comparáveis a outros casos de tiroteios em massa. É alarmante constatar o envolvimento dos atiradores em fóruns online que promovem apologia à violência contra mulheres, negros e nordestinos²⁵⁸.

²⁵²PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *Dialogia*, n. 33, p. 178-191, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790> Acesso: 03 Out. 2023

²⁵³VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²⁵⁴GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁵⁵PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *Dialogia*, n. 33, p. 178-191, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790> Acesso: 03 Out. 2023

²⁵⁶VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²⁵⁷GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁵⁸CARVALHO, Patrícia Fossatti de. A notoriedade dada aos atiradores na imprensa: um estudo do massacre de Suzano na reportagem da revista Veja. 2020. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1950> Acesso: 03 Out. 2023

Além disso, a assistência que receberam de outros usuários no planejamento dessas chacinas, armas utilizadas e a disposição disposta pelos participantes em contribuir para tais atos sangrentos são indicativos claros de planejamento detalhado na orquestração da morte do próximo, destacando como essa violência é concebida coletivamente.²⁵⁹

Outros ataques que seguem uma tendência semelhante aos manifestos online incluem os trágicos eventos de 2023, o que ocorreu em Santa Catarina, na cidade de Blumenau. Luiz de Lima, um indivíduo de 25 anos, invadiu uma creche armado com uma machadinha, resultando na morte de quatro vítimas com idades entre 5 e 7 anos. Durante o ataque, o agressor chegou a tirar fotos, e em sua página do Facebook, após a chacina, publicou: “Policia! Fabio Matos que comandou o ataque, resistência manda um salve”.²⁶⁰

Além disso, dias antes desse evento, um adolescente de 13 anos matou uma professora e feriu outras três com golpes de faca na Vila Sônia, em São Paulo. Na semana que antecedeu o ataque, observou-se que o adolescente utilizava sua conta no Twitter fazendo referência aos atiradores que perpetraram o atentado em Suzano (SP), onde sete pessoas foram mortas.²⁶¹

Em depoimento, a mãe do rapaz relatou saber que o autor do ataque conversava sobre “massacres escolares” com um colega nas redes sociais²⁶², sendo que esses episódios são emblemáticos da tendência preocupante de indivíduos que buscam notoriedade através de atos de violência e, muitas vezes, encontram estímulo ou validação em comunidades online.

²⁵⁹ BELO, Pollyane. Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção1. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:gJAh5tz7o4MJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁶⁰ LIMA, Caique. Autor de chacina em creche de Blumenau (SC) publicou mensagem enigmática nas redes. 2023. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/autor-de-chacina-em-creche-de-blumenau-sc-publicou-mensagem-enigmatica-nas-redes/> Acesso: 05 Out. 2023

²⁶¹ LIMA, Caique. Policia investiga se assassino de Blumenau fazia desafio em jogo online. 2023. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/policia-investiga-se-assassino-de-blumenau-fazia-desafio-em-jogo-online/> Acesso: 05 Out. 2023

²⁶² G1. Mãe de autor de ataque em escola de SP diz que sabia de conversas do filho com temática de “massacres” em redes sociais. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/28/mae-de-autor-de-ataque-em-escola-de-sp-diz-que-sabia-de-conversas-do-filho-com-tematica-de-massacres-em-redes-sociais.ghtml> Acesso: 05 Out. 2023

Os ataques ocorridos em várias partes do Brasil, todos motivados pelo mesmo ideal perverso de disseminar ódio e violência, encontram um triste incentivo e auxílio nos fóruns online. Esses eventos trágicos, em vez de serem repudiados pela sociedade, acabam por se tornar ícones para a comunidade masculinista.²⁶³ Após esses ataques, nos cantos obscuros da internet, como os “chans” na deep web, onde as postagens podem ser feitas anonimamente, os massacres são celebrados com mensagens como “Descobriram o perfil do herói”²⁶⁴. Nesses espaços sombrios, notícias sobre feminicídios são frequentemente recebidas com comemorações.

Além disso, em plataformas como o Discord, esses massacres em escolas são incentivados, criando uma espécie de competição mórbida entre os indivíduos para ver quem consegue causar mais mortes e chamar mais atenção. O alarmante é que esses movimentos, principalmente os autointitulados “Incels” que promovem a misoginia, estão expandindo seu alcance para outras plataformas de conversa para além da deep web.²⁶⁵

A interligação complexa entre a misoginia e a estratégia de violência de gênero em ambientes online se manifesta como formas de controle.

Analisar o perfil dos frequentadores dos fóruns online anônimos para examinar a ligação desses chans com os casos de discursos de ódio, apoio aos manifestos de violência e feminicídio como consequências reais dessas interações entre os grupos masculinistas mais radicais. Nesse sentido, estudar o caso de feminicídio e sua conexão com esses fóruns é crucial para essa análise.

²⁶³ GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+forums+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁶⁴ BELO, Pollyane. Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção1. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:gJAh5tz7o4MJ:scholar.google.com/+forums+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁶⁵ GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+forums+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

3.3.1 ESTUDO DE CASO: FEMINICÍDIO E SUA CONEXÃO COM A PARTICIPAÇÃO EM FÓRUMS ONLINE MASCULINISTAS

O estudo de caso específico de feminicídio é uma abordagem importante para analisar como a participação em fóruns online masculinistas pode estar relacionada a atos extremos de violência de gênero.

Feminicídio se refere ao assassinato de mulheres devido ao seu gênero, muitas vezes após um histórico de abuso e ameaças, essa categoria de violência é um dos exemplos mais extremos da misoginia que pode ser amplificado por discursos de ódio online.²⁶⁶

Em 2021, ocorreu um trágico homicídio envolvendo a jogadora profissional Ingrid Bueno, de 19 anos, vítima de assassinato por parte de Guilherme Costa, um indivíduo com ligações com um *chan* misógino. Antes de sua prisão, Costa enviou um e-mail onde expressava seu profundo ódio pelas mulheres. O destinatário desse e-mail era Lola Aronovich, ativista que, desde 2011, denuncia ataques e ameaças provenientes de grupos masculinistas em seu Blog “Escreva Lola, Escreva”, onde são discutidos temas relacionados ao feminismo.²⁶⁷

Esse episódio se insere nesse contexto maior de violência e misoginia online que merece investigações e responsabilização não só do autor como também das plataformas.

Nesse sentido, este estudo de caso exemplifica a perigosa interconexão entre os discursos de ódio, misoginia online e atos de violência de gênero que ultrapassam o online para o mundo real.

Assim se destaca a urgência em analisar as manifestações, os discursos e os perfis dos usuários de Fóruns Online.

²⁶⁶VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²⁶⁷VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

3.3.2 INVESTIGAÇÃO E DENÚNCIAS: PERFIL DOS USUÁRIOS DE FÓRUNS ONLINE ANÔNIMOS (*CHANS*) E CASOS DE CRIME DE ÓDIO

Os fóruns online anônimos, frequentemente associados a termos como "chans", são ambientes onde os usuários podem postar conteúdo sem revelar suas identidades e, essas plataformas oferecem um espaço relativamente livre de restrições, o que permite a disseminação de conteúdos misóginos, racistas, homofóbicos e outros discursos de ódio.²⁶⁸

A pesquisa²⁶⁹ realizada revela um perfil predominante entre os frequentadores dos *chans*, composto em sua maioria por homens heterossexuais com idades variando entre 14 e 40 anos. Nota-se um aumento significativo na faixa etária de jovens entre 20 e 24 anos²⁷⁰.

Esses indivíduos tendem a se identificar com posições políticas conservadoras, enfrentam dificuldades socioafetivas e experienciam sentimentos de fracasso e rejeição, especialmente relacionados às mulheres. Suas interações online frequentemente incorporam expressões racistas e machistas, evidenciando um vocabulário permeado por posicionamentos misóginos e incitação à violência, através de termos como "churrascar" (significando morrer) e "raid" (significando expor intimidades), sendo utilizados com regularidade²⁷¹.

²⁶⁸ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁶⁹ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁷⁰ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁷¹ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

Nesses fóruns é possível analisar entre as postagens de seus membros a celebração por quem comete atos de violência. Incentivando e criando uma espécie de competição entre os indivíduos.²⁷²

A pesquisa também destaca uma demanda considerável por conteúdos envolvendo meninas menores de idade, referidas como “novinhas” e “Jail Bait” (isca de cadeia), que correspondem a 36% dos *posts* mapeados²⁷³

Um caso notório é o de Marcelo Valle Silveira Mello, assumidamente masculinista²⁷⁴ e frequentador de fóruns online. Em 2009, ele foi condenado por racismo em um fórum do Orkut, mas não chegou a ser preso. Em 2011 foi deflagrado pela Polícia Federal na “Operação Intolerância” o qual se deu a investigação de site e fórum online anônimo que continha mensagens de apologia à violência, sobretudo contra as mulheres, negros, homossexuais, nordestinos, judeus, incitação do abuso sexual de menores, e além de apoiarem o massacre de crianças de Realengo em 2011.²⁷⁵

Em 2013, foi flagrado planejando um manifesto contra alunos de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, sendo solto um ano depois e, em 2018, voltou a ser preso durante a Operação Bravata²⁷⁶ da Polícia Federal, acusado de praticar crimes de ódio. Esse caso ilustra a seriedade das ameaças e do potencial violento associado aos frequentadores desses espaços online anônimos.

²⁷²BELO, Pollyane. Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção1. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:gJAh5tz7o4MJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

²⁷³GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contramulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁷⁴VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021 Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703/15230 Acesso: 03 Out. 2023

²⁷⁵KOERICH, Silvio. O Perdedor Mais Foda Do Mundo. 2007. Disponível em: <https://www.mediafire.com/?p6pohrm971h9wj1> Acesso: 01 Out. 2023

²⁷⁶VALENTE, Mariana G. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Internet. A liberdade de expressão e as novas mídias. Organização e introdução de José Eduardo Faria. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Y5gqzL58OyUJ:scholar.google.com/+oper%C3%A7%C3%A3o+bravata&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

O estudo da composição dessas comunidades online revelou o perfil dos usuários e os casos de crime de ódio frequentemente exposto.

Nesse sentido, cabe analisar os riscos associados à ampla divulgação de atos de violência, o efeito do COPYCAT e a responsabilidade da mídia na cobertura desses eventos.

3.3.3 O EFEITO COPYCAT E A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA: OS RISCOS DA AMPLA DIVULGAÇÃO DE ATOS DE VIOLÊNCIA

O termo "Efeito Copycat" se refere ao fenômeno em que a ampla divulgação de atos de violência, como assassinatos ou massacres, inspira outras pessoas a cometerem atos semelhantes, tratando-se de uma preocupação real e séria, dado que a cobertura excessiva e sensacionalista da mídia pode romantizar ou glorificar os perpetradores, atraindo a atenção de indivíduos vulneráveis e instáveis que buscam notoriedade ou reconhecimento.²⁷⁷

No contexto da misoginia e da violência de gênero, o Efeito Copycat pode se manifestar quando crimes de ódio ou assassinatos de mulheres são amplamente divulgados pela mídia. Isso pode incentivar outros a cometerem atos semelhantes, perpetuando um ciclo perigoso de violência.²⁷⁸

O 12.º Batalhão da Polícia Militar (BPM) de Balneário Camboriú, em Santa Catarina, por sua iniciativa de capacitação digital para escolas na região, destaca a preocupante questão da ampla divulgação de atos de violência pela mídia e redes sociais. Essa disseminação irresponsável pode desencadear o fenômeno conhecido como 'Efeito Copycat', estimulando o surgimento de novos incidentes similares. A visibilidade conferida aos agressores é frequentemente encarada como uma espécie de troféu por indivíduos e comunidades que propagam o ódio.²⁷⁹

²⁷⁷ 12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view Acesso: 08 Out. 2023

²⁷⁸ 12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view Acesso: 08 Out. 2023

²⁷⁹ 12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em:

Este alerta se tornou ainda mais premente após o trágico ataque ocorrido em 4 de maio de 2021 no município de Saudades, SC, onde um jovem de 18 anos ceifou a vida de 5 pessoas, incluindo crianças com menos de 2 anos.²⁸⁰ O caso ganhou repercussão nacional e internacional, desencadeando uma série de incidentes subsequentes: em São Paulo no dia 10 de maio de 2021, um jovem foi preso por planejar um ataque semelhante ao ocorrido em SC; em 21 de maio de 2021, no Distrito Federal, a polícia cumpriu mandados de busca e apreensão contra um jovem suspeito de planejar um atentado em Brasília; em 28 de maio de 2021, em Goiás, três adolescentes foram apreendidos sob suspeita de planejar um ataque a uma escola; em 2 de junho de 2021, também em Goiás, um adolescente foi preso por planejar um atentado em uma escola de Goiânia; e, em 3 de junho de 2021, no Paraná, um adolescente foi preso sob suspeita de planejar e orientar ataques a escolas. Estas ocorrências evidenciam a importância de se compreender o Efeito Copycat e a necessidade de a imprensa adotar práticas responsáveis para evitar a ampla divulgação de tais eventos.²⁸¹

Nesse estudo foi abordado a importância da abordagem ética e responsável das mídias que tem um papel significativo na influência de equilibrar o direito à informação com a responsabilidade social ao relatar os atos de violência.

Assim, se faz necessário examinar a disseminação dos conteúdos online direcionados a criar ambientes online mais seguros e respeitosos.

https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view Acesso: 08 Out. 2023

²⁸⁰ SOUSA, José Edir Paixão de et al. Atirador em Massa: ações para sobrevivência de civis. 2021. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/5702> Acesso: 08 Out. 2023

²⁸¹ 12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view Acesso: 08 Out. 2023

3.4 ENFRENTANDO O DISCURSO DE ÓDIO E A VIOLÊNCIA ONLINE: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E INVESTIMENTOS PARA O COMBATE DA DISSEMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA

O discurso de ódio e a violência online têm se tornado uma ameaça real à segurança e ao bem-estar das pessoas, especialmente quando se trata de questões de gênero e violência contra as mulheres²⁸².

A violência online, em sua natureza, engloba ameaças, assédio, intimidação e perseguição virtual, sendo as mulheres frequentemente alvos de violência, o que pode acarretar sérias consequências para sua segurança emocional, mental e física. Esta forma de violência tem o potencial de causar efeitos profundos na vida das vítimas.²⁸³

A crescente preocupação com a disseminação do discurso de ódio e da violência online enfatiza a urgência de ações efetivas para combater esses fenômenos. Além disso, destaca a importância de educar e conscientizar a sociedade sobre os perigos representados por esses grupos extremistas e os danos devastadores que podem causar. A análise conduzida pela Liga “Anti-Difamação” entre 2015 e 2018 revela dados alarmantes, que levaram algumas plataformas online como Facebook a investir em estratégias de combate à intolerância online.²⁸⁴

Em certas instâncias, esses grupos se autodenominam “acionadores da morte”,²⁸⁵ o que amplifica ainda mais a gravidade dessas situações. As tragédias decorrentes desses discursos de ódio e misoginia ressaltam a

²⁸² GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁸³ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁸⁴ SILVA, Luiz Rogério Lopes et al. A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. **Revista ibero-americana de ciência da informação**, v. 12, n. 2, p. 470-492, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RIC/article/view/22025/21351> Acesso: 05 Out. 2023

²⁸⁵ CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-incel-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contra-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

necessidade urgente de ações concretas para conter a disseminação desse ódio e violência em comunidades online.

Além disso, destacam a importância de identificar e abordar as raízes profundas da misoginia e da violência de gênero.²⁸⁶

Nesse contexto, é alarmante o cenário apontado pelos dados digitais da pesquisa “Misoginia e Violência contra as Mulheres na Internet”, realizada pela consultoria Timelens entre 2021 e 2023, por encomenda do Instituto Avon. A pesquisa analisou 9,5 milhões de posts em 10 chans (fóruns anônimos) e 47 aplicativos de mensagens que excluem a presença de mulheres. Os resultados revelam que quase metade (46%) das discussões sobre mulheres nos fóruns anônimos emprega termos violentos para se referir a elas. Nas discussões relacionadas à pornografia, esse índice sobe para alarmantes 69%. Isso indica um aumento significativo no volume de mensagens nesses fóruns anônimos, passando de 19 por semana para 228 por hora entre 2021 e 2023, totalizando 38,3 mil posts por semana. Esses espaços estão se tornando cada vez mais populares no Brasil, e seus frequentadores também organizam ataques direcionados a influenciadoras, celebridades e pessoas com maior visibilidade online, algumas das quais chegam a receber ameaças de morte.²⁸⁷

Diante do exposto, torna-se evidente o potencial desses discursos de ódio nos fóruns online desencadear violência real, manifestada através de ataques planejados por seus membros. Isso denota a necessidade de uma transformação cultural que precede os atos violentos e que envolve a desumanização da mulher. Nos fóruns anônimos, esse ódio é alimentado e propagado, muitas vezes radicalizando os jovens e os incentivando a criar situações para migrar para o mundo real de maneira violenta.²⁸⁸

²⁸⁶TOSTA, Giselle Ferreira da Silva et al. Análise da violência contra a mulher nos estados brasileiros no período de 2016 a 2020. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5522> Acesso: 05 Out. 2023

²⁸⁷GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁸⁸GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out.

A importância de abordar os desafios relacionados aos discursos de ódio e à violência online enfatiza a necessidade de estratégias de pesquisa e investimentos tecnológicos para mitigar a disseminação de conteúdos violentos para proteger a sociedade contra os riscos associados a essas manifestações.²⁸⁹

Diante disso, cabe analisar o papel ativismo feminista e das políticas públicas na luta contra a misoginia, a violência de gênero e o discurso de ódio online.

3.5 PROMOVENDO A IGUALDADE DE GÊNERO: O PAPEL DO ATIVISMO FEMINISTA E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COMBATE À MISOGINIA, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO E OS MANIFESTOS DE ÓDIO

O ativismo feminista desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade de gênero, o qual luta pelos direitos das mulheres, pela eliminação de desigualdades de gênero e pela desconstrução de estereótipos prejudiciais, vindo ser realizado por várias ações que busca conscientizar, expor a defesa de Direitos, abordar sobre as Políticas Públicas, e Legislações antiviolaência especialmente da responsabilização legal.²⁹⁰

No contexto do “agosto lilás” de 2023,²⁹¹ mês dedicado ao combate à violência contra a mulher, e diante do alarmante aumento dos casos de feminicídio no país, o Ministério das Mulheres lançou uma significativa campanha de enfrentamento à misoginia, intitulada “Brasil sem Violência Contra a Mulher. Brasil com Respeito”.

Essa campanha pretende a divulgação de mensagens em diversas mídias, incluindo concessionárias do Ministério dos Transportes, Correios e

2023

²⁸⁹CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-inceal-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contra-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

²⁹⁰SILVA, Jardson et al. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O AGOSTO LILÁS. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/31413> Acesso: 05 Out. 2023

²⁹¹PIMENTEL, Carolina. Campanha quer mobilizar sociedade contra misoginia. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-08/campanha-quer-mobilizar-sociedade-contra-misoginia> Acesso: 05 Out. 2023

secretarias estaduais da mulher. A iniciativa enfatiza que a misoginia é a raiz de todas as formas de violência contra as mulheres, bem como das desigualdades de gênero.²⁹²

Lola, que se tornou uma destacada ativista na luta contra as manifestações de ódio na internet, colheu frutos significativos de seu ativismo em 2018, quando a Lei Lola, de número 13.642/18, foi aprovada pelo Congresso e sancionada pelo então presidente Michel Temer. Esta legislação estabelece que “crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino” devem ser investigados pela Polícia Federal. A Lei Lola, portanto, tornou-se parte integral do ordenamento jurídico brasileiro, atribuindo à Polícia Federal a responsabilidade pela investigação de discursos de ódio.²⁹³

O ativismo feminista destaca seu importante papel frente as políticas públicas na busca por uma sociedade mais igualitária e mais segura, sendo que, diante disso, cabe adiante analisar com foco específico na legislação a eficácia das medidas legais e o impacto da Lei Maria da Penha e nas implicações da reação masculina diante das trágicas consequências do aumento do feminicídio.

3.6 A LEI MARIA DA PENHA E SEU IMPACTO: ANÁLISE DA REAÇÃO MASCULINA E O CRESCIMENTO DO FEMINICÍDIO

Fica evidente que as estruturas sociais desempenham um papel fundamental na construção da hierarquia masculina, e os movimentos masculinistas radicais têm contribuído para discursos que não apenas endossam a violência, mas também se traduzem em manifestos que promovem ideias misóginas, minando, assim, a luta pela igualdade de gênero.²⁹⁴ Além de que se migra para o mundo real com violência extrema.²⁹⁵

²⁹²SILVA, Jardson et al. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O AGOSTO LILÁS. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/31413> Acesso: 05 Out. 2023

²⁹³VALENTE, Mariana G. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Internet. A liberdade de expressão e as novas mídias. Organização e introdução de José Eduardo Faria. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Y5ggzL58OyUJ:scholar.google.com/+opera%C3%A7%C3%A3o+bravata&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

²⁹⁴TRASFERETTI, José Antonio. Misoginia e a Violência Contra a Mulher. **Teologia em Questão**, n.

As ideias disseminadas por esses movimentos sustentam a supremacia masculina e criticam o feminismo, muitas vezes rotulando os privilégios das mulheres como ameaças à masculinidade. Tais ideias, de forma objetiva ou subjetiva, perpetuam a misoginia e contribuem para a desigualdade de gênero, com a violência servindo como uma das ferramentas de manutenção do controle.²⁹⁶

As vertentes dos grupos masculinistas abrangem desde aqueles que buscam reformular os padrões da masculinidade hegemônica para promover relações de gênero mais igualitárias até aqueles que adotam uma visão antifeminista, interpretando o comportamento feminino como uma estratégia de manipulação. Essas abordagens têm implicações distintas na misoginia, no debate de gênero e na luta pela igualdade.²⁹⁷

Quanto à Lei Maria da Penha, surge uma teoria intrigante: o aumento no número de homicídios de mulheres poderia ser uma resposta à sua implementação em 2006. Isso nos leva a questionar se a política pública está tendo sucesso ao identificar de maneira mais clara o que constitui violência ou se está falhando, dado que a violência parece aumentar.²⁹⁸

Uma década antes, em 2006, com a introdução da lei Maria da Penha⁹, previa-se uma redução no número de ocorrências de violência contra as mulheres em todo o território nacional (Brasil). No entanto, tal expectativa não se concretizou, conforme apontam os dados do „Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil“, em que se observa um aumento de casos entre 2008 e 2013”²⁹⁹

35, p. 92-109, 2019. Disponível em: <http://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/262/223> Acesso: 02 Out. 2023

²⁹⁵ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

²⁹⁶ ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. Revista Iberoamericana de Psicologia, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577/1534> Acesso: 05 Out. 2023

²⁹⁷ SILVA, Reinaldo Ramos Da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 01 Out. 2023

²⁹⁸ DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

²⁹⁹ DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível

Portanto, o aumento no feminicídio pode também estar relacionado à identificação mais precisa do crime, que passava anteriormente despercebido, e à exposição desses números com maior clareza. Isso pode levar a uma análise mais cuidadosa das estatísticas. Entretanto, também é necessário considerar a possibilidade de reações adversas a essas novas leis. Por exemplo, em 9 de março de 2015, a lei alterou o artigo 121 do Código Penal Brasileiro para incluir o feminicídio como qualificadora do crime de homicídio, prevendo penas mais rigorosas.³⁰⁰

A qualificadora do feminicídio ressalta a importância da motivação de gênero, onde o agente muitas vezes atua sob a premissa de superioridade em relação à vítima, enxergando-a como propriedade ou objeto seu, reforçando a nociva ideia de superioridade masculina. Entretanto, é notável que, apesar de as medidas legais implementadas para conter a violência de gênero, o feminicídio persiste sem diminuir. Esse cenário suscita questionamentos legítimos sobre a eficácia dessas políticas e sua capacidade de abordar as raízes profundas do problema.³⁰¹

Ainda que a identificação mais precisa dos crimes de gênero e o aumento na conscientização sobre o feminicídio tenham contribuído para uma análise mais criteriosa dos dados, é inegável que há desafios substanciais a serem enfrentados. A resposta à violência de gênero não pode ser meramente reativa, mas deve envolver esforços multidisciplinares, começando com o autodesenvolvimento, educação, prevenção e transformação cultural para abordar as causas subjacentes.³⁰²

O debate sobre o impacto da Lei Maria da Penha e iniciativas similares deve continuar, buscando aprimorar estratégias de combate à violência de gênero e assegurar que as políticas públicas sejam efetivas na proteção das

em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

³⁰⁰ DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

³⁰¹ ALMEIDA, Maria Carolina Caraméz. Do feminicídio e de sua (in) compatibilidade com as qualificadoras subjetivas do homicídio. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/6382> Acesso: 05 Out. 2023

³⁰² LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis. Homens, gênero e violência contra a mulher. Saúde e sociedade, v. 17, p. 69-81, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8cXqsYThdjHpPZm3PBtWCQC/> Acesso: 05 Out. 2023

mulheres. Na busca pela promoção da igualdade de gênero e pela erradicação da misoginia que alimenta essa violência devastadora, é essencial adotar uma abordagem multifacetada. O enfrentamento do feminicídio não pode depender unicamente da legislação existente, mas deve se apoiar em estratégias amplas que abordem as causas profundas dessa violência.³⁰³

Além disso, a era digital impõe desafios adicionais, exigindo um esforço conjunto que envolva a responsabilidade das plataformas digitais. Essas empresas estão em uma posição privilegiada para coibir a disseminação de discursos de ódio e misoginia, visto que possuem controle sobre o conteúdo compartilhado em suas redes. Portanto, é imperativo que assumam a responsabilidade de combater a ilicitude do conteúdo inserido por terceiros, promovendo um ambiente online mais seguro e respeitoso para todos os usuários.³⁰⁴

A luta contra o feminicídio e a misoginia requer ações consertadas em múltiplas frentes: legislativa, educacional, cultural e tecnológica. Somente por uma abordagem abrangente e da colaboração entre governo, sociedade civil e empresas digitais podemos esperar avançar em direção a um futuro onde a igualdade de gênero seja uma realidade, e a violência de gênero seja erradicada de nossa sociedade.³⁰⁵

A análise profunda da eficácia da Lei Maria da Penha em um contexto de aumento de casos de feminicídio permeando sobre a reação masculina a essa legislação, destaca a necessidade de investigar e fortalecer as estratégias legais para enfrentar a violência de gênero.

Diante dessa questão crítica, é necessário o aprofundamento dos mecanismos legais e sua ineficácia no combate a violência.

³⁰³TOSTA, Giselle Ferreira da Silva et al. Análise da violência contra a mulher nos estados brasileiros no período de 2016 a 2020. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5522> Acesso: 05 Out. 2023

³⁰⁴VALENTE, Mariana G. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Internet. A liberdade de expressão e as novas mídias. Organização e introdução de José Eduardo Faria. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Y5ggzL58OyUJ:scholar.google.com/+responsabilidade+das+plataformas+digitais+sobre+a+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 05 Out. 2023

³⁰⁵SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Edições Sesc SP, 2022.

3.7 ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ANÁLISE DOS MECANISMOS LEGAIS DA RESPONSABILIDADE DOS AGRESSORES E DA INEFICÁCIA DA LEI MARIA DA PENHA

No contexto brasileiro, a Lei Maria da Penha, é uma das medidas jurídica mais significativa atual para combater a violência de gênero, a qual leva o nome de Maria da Penha Maia Fernandes, uma vítima de violência doméstica que ficou paraplégica após ser baleada pelo marido³⁰⁶.

Destaca-se que a referida lei estabelece mecanismos legais para prevenir, punir e erradicar a violência contra as mulheres. No entanto, a eficácia da Lei Maria da Penha tem sido objeto de debate e análise crítica, sendo que embora tenha sido um passo importante na promoção dos direitos das mulheres e na punição dos agressores, a lei enfrenta desafios em sua implementação.³⁰⁷

Em meio a essa intrincada rede de questões que envolvem a misoginia e a violência de gênero na esfera digital, é de extrema relevância compreender como o sistema jurídico brasileiro e as políticas públicas desempenham um papel crucial nesse contexto. A Lei 11.340/2006, Maria da Penha, promulgada em 2006, representou um marco importante na tentativa de proteger as mulheres contra a violência doméstica e de gênero. Contudo, a eficácia dessa lei tem sido objeto de questionamento, especialmente à luz do aumento dos casos de feminicídio no país.³⁰⁸

Uma década após a promulgação da Lei Maria da Penha, observa-se um alarmante aumento nos homicídios de mulheres no Brasil, o que lança uma sombra sobre a efetividade dessa legislação no combate à violência de gênero. A Lei Maria da Penha foi criada como uma resposta necessária a um dano histórico e sistemático que foi negligenciado pelo Estado brasileiro. Por séculos, a mulher foi tratada como um ser secundário e muitas vezes como mero objeto, em

³⁰⁶MISTRETTA, Daniele. Lei Maria da Penha: por que ela ainda não é suficiente?. Revista LEVS, n. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/1641> Acesso: 06 Out. 2023

³⁰⁷MISTRETTA, Daniele. Lei Maria da Penha: por que ela ainda não é suficiente?. Revista LEVS, n. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/1641> Acesso: 06 Out. 2023

³⁰⁸MISTRETTA, Daniele. Lei Maria da Penha: por que ela ainda não é suficiente?. Revista LEVS, n. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/1641> Acesso: 06 Out. 2023

uma legislação que, desde os tempos da Colônia, adotou o patriarcado como modelo, estabelecendo uma estrutura de poder que posicionava o homem como dominador e a mulher como dominada.³⁰⁹

Essa herança histórica de desigualdade e subjugação se refletiu nas relações de gênero e na violência contra a mulher, o que culminou na necessidade de uma legislação específica para combater essa realidade. No entanto, a persistência dos altos índices de feminicídio no país questiona até que ponto a Lei Maria da Penha tem conseguido desafiar e transformar essas estruturas profundamente enraizadas. Portanto, a discussão sobre a eficácia da Lei Maria da Penha não se limita apenas a sua capacidade de punir os agressores, mas também envolve a necessidade de uma mudança cultural profunda para dismantelar as estruturas de poder patriarcais que perpetuam a violência de gênero.³¹⁰

Os mecanismos jurídicos existentes para enfrentar a violência de gênero que embora demonstre avanços legais, a ineficácia em combater a violência de gênero requer uma avaliação das políticas públicas e estratégias jurídicas.

No contexto do mundo contemporâneo, onde a disseminação da misoginia leva a violência de gênero no mundo real, cabe analisar em detalhes as disposições jurídicas relacionados a este problema, como a Lei Lola e seu impacto potencial na segurança das mulheres e seu papel na evolução das estruturas legais de combate à violência de gênero na era digital.

³⁰⁹MARIN, Sabrina Lozer et al. A ineficácia da lei Maria da Penha e sua contribuição para a perpetuação do ciclo de violência doméstica contra a mulher, sob a ótica da dominação masculina em Pierre Bourdieu. 2019. Disponível em: <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/778> Acesso: 06 Out. 2023

³¹⁰OLIVEIRA, FMA al et al. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão, 2016. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Mo25LHj_xY0J:scholar.google.com/+LEI+maria+da+penha+e+sua+ineficacia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 06 Out. 2023

3.7.1 PROTEÇÃO JURÍDICA DA MULHER NO AMBIENTO DIGITAL E COMBATE A MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: A LEI LOLA E O PROJETO DE LEI 872/23

Visto que o Código Penal Brasileiro ainda não tipifica diretamente a misoginia, a 2.^a Câmara de Coordenação e Revisão Criminal do Ministério Público Federal, em 2018, identificou os principais crimes cometidos em um contexto misógino na internet. Estes crimes incluem crimes contra a honra (arts. 138 – 140, CP), ultraje a culto (art. 208, CP), incitação ao crime (art. 286, CP), apologia de crime ou criminoso (art. 287, CP), divulgação de segredo (art. 153, CP), invasão de dispositivo informático (art. 154-A, lei 12.737/2012, Carolina Dieckmann), constrangimento ilegal (art. 146, CP), ameaça (art. 147, CP), falsa identidade (art. 307, CP), associação criminosa (art. 288, CP), e comunicação falsa de crime ou contravenção (art. 340, CP).³¹¹

Desde 2017, está tramitando o Projeto de Lei 872/2023 o qual fora apresentado em 3 de março de 2023 para alterar a Lei n.º 7.716/1989 que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, para incluir e tipificar a misoginia. O projeto criminaliza a misoginia definida como a manifestação que inferiorize, degrade ou desumane a mulher, baseada em preconceito contra pessoas do sexo feminino ou argumentos de supremacia masculina.³¹²

A Lei Lola, no que lhe concerne, considerada a primeira lei no Brasil que reconhece a variável de gênero, introduziu um importante instrumento legal ao atribuir à Polícia Federal a responsabilidade e a autonomia necessárias para investigar crimes cometidos por meio da internet que contenham conteúdo misógino. Essa legislação representa um esforço significativo para conter os discursos de ódio online direcionados às mulheres.³¹³

³¹¹BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

³¹²Câmara dos Deputados. PL 8992/2017.. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2159968> Acesso: 06 Out. 2023

³¹³MAZARO, Juliana Luiza; DE OLIVEIRA ANDRADE, Bruna; DE OLIVEIRA, José Sebastião. PROTEÇÃO JURÍDICA DA MULHER NA ERA DA TECNOLOGIA E INTERNET: SEXTORSÃO, PORNOGRAFIA DE VINGANÇA E A LEI LOLA. **Revistas de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**, v. 25, n. 1, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/juridica/article/view/9118> Acesso: 06 Out. 2023

Esses ataques misóginos continuam a se proliferar pela internet, com as mulheres frequentemente se tornando alvos dessas manifestações de ódio. No entanto, a promulgação da Lei Lola, 13.642/2018, em 2018, conferiu à Polícia Federal a capacidade de investigar esses crimes cometidos online,³¹⁴ desde que preencham determinados requisitos, como a prática de um ou mais crimes, a repercussão interestadual ou internacional que exija uma repressão uniforme, o uso da internet como meio para a prática desses crimes e a disseminação de conteúdo misógeno.³¹⁵

É crucial reconhecer, no entanto, que o sistema criminal enfrenta desafios significativos. O poder punitivo muitas vezes é seletivo e não aborda de forma adequada as complexas questões sociais subjacentes à violência de gênero.³¹⁶ Para verdadeiramente combater essa forma de violência, é necessário adotar uma abordagem mais ampla, que vá além do sistema penal e se concentre na desconstrução das estruturas de poder que perpetuam a misoginia

Nesse contexto, as políticas públicas e o movimento feminista desempenham um papel essencial. O feminismo, desde sua origem, procura a desconstrução dos padrões de dominação masculina que moldam a visão androcêntrica da sociedade. Representando uma resistência à imposição de uma única "normalidade" baseada na dominação masculina, que historicamente invisibiliza as mulheres e estabelece uma hierarquia de gênero. A luta feminista desafia essa visão androcêntrica, que frequentemente categoriza aspectos humanos em dicotomias hierárquicas, como sujeito-objeto, razão-emoção e espírito-corpo, atribuindo características masculinas ao primeiro termo e características femininas

³¹⁴DE SOUZA, Luanna Tomaz; PETROLI, Danielle Pinto; MAGALHÃES, Letícia Vitória Nascimento. A LEI LOLA E OS USOS ACADÊMICOS DA MISOGINIA NO BRASIL. **Revista Paradigma**, v. 31, n. 2, p. 231-257, 2022. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1482> Acesso: 06 Out. 2023

³¹⁵BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

³¹⁶ESPINOZA, Olga. A prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, v. 1, n. 1, p. 35-59, 2002. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:A_MFY9TdKbcJ:scholar.google.com/+quais+s%C3%A3o+os+questionamentos+feminista+frente+ao+masculino&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 19 Set. 2023

ao segundo. Para avançar em direção a uma sociedade mais igualitária, é essencial desafiar e desconstruir essas estruturas de poder profundamente arraigadas.³¹⁷

A proteção jurídica da mulher no ambiente digital é um dos passos cruciais para combater a misoginia e a violência de gênero. A lei Lola e o Projeto de Lei 872/23 representam avanços nessa direção.

Nesse sentido, se faz necessário explorar soluções e estratégias para enfrentar a misoginia e sua conexão com a violência de gênero no mundo real.

3.8 SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS PARA ENFRENTAMENTO DA MISOGINIA E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO MUNDO REAL: CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA

Para enfrentar a misoginia online e a violência de gênero, é fundamental adotar abordagens abrangentes e orientadas por dados através de tecnologia. O conhecimento do perfil dos agressores digitais e a compreensão da dinâmica dos grupos envolvidos são passos cruciais para desenvolver estratégias eficazes de enfrentamento. Estudos revelam que esses agressores muitas vezes buscam reconhecimento da própria masculinidade e exaltação de si através da mídia, poder e superioridade através de agressões verbais, morais, física, armas, fatores sociais e emocionais. Além disso, as experiências de sofrimento, como bullying, isolamento social e rejeição, contribuem para a motivação desses indivíduos, levando a comportamentos violentos e até mesmo atos extremos, como atiradores em massa.³¹⁸

A gravidade da misoginia online e seus efeitos prejudiciais são inegáveis, tornando necessária uma abordagem mais incisiva e disciplinada. Diante do aumento alarmante da violência de gênero e da misoginia, o caminho a ser

³¹⁷ESPINOZA, Olga. A prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, v. 1, n. 1, p. 35-59, 2002. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:A_MFY9TdKbcJ:scholar.google.com/+quais+s%C3%A3o+os+questionamentos+feminista+frente+ao+masculino&hl=pt-BR&as_sdt=0,5
Acesso: 19 Set. 2023

³¹⁸GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+forum+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

percorrido deve ser diferenciado, ostensivo, disciplinador, como também autodesenvolvimento psíquico e per si.³¹⁹

É imperativo entender que a eficácia da Lei Maria da Penha não se limita apenas à punição dos agressores, mas também à necessidade de uma transformação cultural profunda para dismantelar as estruturas de poder patriarcais que perpetuam a violência de gênero.³²⁰

O sistema penal, por si só, não é suficiente para resolver as complexas crises sociais relacionadas à violência de gênero.³²¹

Fica evidente que há um trabalho contínuo para alcançar uma sociedade mais igualitária. Exige esforços abrangentes que vão desde a legislação, educação, saúde, da conscientização até a aplicação da prática.

Nesse sentido, importante analisar como o impacto das novas tecnologias e inovações podem desempenhar um papel vital nesse processo.

3.8.1 O IMPACTO DA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NA MITIGAÇÃO DA MISOGINIA, VIOLÊNCIA DE GÊNERO, MANIFESTOS DE VIOLÊNCIA E NA PREVENÇÃO DO EFEITO COPYCAT

As empresas de tecnologia, por estarem em posição privilegiada para controlar o conteúdo compartilhado em suas redes, têm a responsabilidade fundamental de combater a disseminação de discursos de ódio e misoginia, criando um ambiente online mais seguro e respeitoso para todos os usuários.³²²

³¹⁹DO AMARAL MOTA, Taciane Cavalcanti. ENTENDENDO A MISOGINA ONLINE: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS. Publicações, 2023. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/70/79> Acesso: 02 Out. 2023

³²⁰MARIN, Sabrina Lozer et al. A ineficácia da lei Maria da Penha e sua contribuição para a perpetuação do ciclo de violência doméstica contra a mulher, sob a ótica da dominação masculina em Pierre Bourdieu. 2019. Disponível em: <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/778> Acesso: 06 Out. 2023

³²¹ESPINOZA, Olga. A prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, v. 1, n. 1, p. 35-59, 2002. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:A_MFY9TdKbcJ:scholar.google.com/+quais+s%C3%A3o+os+questionamentos+feminista+frente+ao+masculino&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 19 Set. 2023

³²²VALENTE, Mariana G. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Internet. A liberdade de expressão e as novas mídias. Organização e introdução de José Eduardo Faria. 1ª ed. São Paulo:

As plataformas digitais desempenham um papel crucial na solução do enfrentamento da misoginia online. Desse modo, é imperativo responsabilizá-las com base em análises avançadas de dados e tecnologia sofisticada para reduzir drasticamente o conteúdo misógino e a objetificação das mulheres. Isso inclui combater práticas que promovem exclusão social, discriminação sexual, hostilidade, patriarcado, ideias de privilégio masculino, depreciação das mulheres e violência contra elas.³²³

Destaca-se a relevância de implementar leis que estabeleçam responsabilidades claras para as mídias em relação à ampla divulgação de ataques e homicídios relacionados aos discursos de ódio. Essas medidas são cruciais não apenas para coibir a disseminação desses eventos, mas também para promover a responsabilidade jornalística e a proteção da sociedade contra a influência negativa das notícias sensacionalistas e prejudiciais.³²⁴

A evolução da tecnologia precisam ser inovadoras para combater os avanços da violência online, desempenhando um papel fundamental e significativo na luta contra a misoginia, a violência de gênero, os manifestos de ódio e a prevenção do efeito COPYCAT, sendo essencial explorar como a tecnologia pode ser uma aliada na investigação e na propagação da promoção da igualdade gênero e na mitigação desses problemas complexos.

Assim, se faz necessário analisar como a abordagem multidisciplinar na saúde pode contribuir para o desenvolvimento humano e a prevenção da misoginia e da violência.

Perspectiva, 2020. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Y5gqzL58OyUJ:scholar.google.com/+responsabilidade+das+plataformas+digitais+sobre+a+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 05 Out. 2023

³²³ GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

³²⁴ 12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view Acesso: 08 Out. 2023

3.8.2 ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PREVENINDO A MISOGINIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

No contexto das violências e doméstica, é essencial adotar uma abordagem interdisciplinar e intersetorial, forçando o setor de saúde a estabelecer atendimentos multidisciplinares de forma ostensiva e disciplinada para as famílias que enfrentam situações de violência doméstica.³²⁵ Isso requer a ampliação e especialização de setores específicos para lidar com vivências de violência de forma abrangente, e especializado no masculino.

No âmbito da saúde e bem-estar, é imperativo reconhecer o potencial das profissões multidisciplinares para desenvolver intervenções eficazes na promoção do combate e da prevenção da misoginia e da violência de gênero.

Esta forma de violência é um crescente e significativo problema de saúde pública, com repercussões a curto e longo prazo que afetam não apenas indivíduos, mas também famílias, comunidades e todo o país.³²⁶

Os programas analisados até o momento destacam que a violência perpetrada por homens contra mulheres muitas vezes está enraizada em experiências passadas, como o abuso na infância ou presenciado outras formas de violência. Isso aponta para a necessidade de abordagens que visem não apenas punir agressores, mas também abordar as raízes psicológicas e emocionais desses comportamentos.³²⁷

Nesse sentido, é fundamental contar com profissionais da psicologia que auxiliem no desenvolvimento de uma identidade masculina saudável e na promoção de uma autoestima de qualidade. Propondo a ter um olhar diferenciado sobre a realidade, ampliando a visão de mundo e a relação com ele,

³²⁵MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2007-2016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3kCPCWfBzqh8mzBnMhxmYj/?format=html> Acesso: 02 Out. 2023

³²⁶TOSTA, Giselle Ferreira da Silva et al. Análise da violência contra a mulher nos estados brasileiros no período de 2016 a 2020. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5522> Acesso: 05 Out. 2023

³²⁷LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis. Homens, gênero e violência contra a mulher. *Saúde e sociedade*, v. 17, p. 69-81, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8cXqsYThdjHpPZm3PBtWCQC/> Acesso: 05 Out. 2023

valorizando os potenciais humanos, lado emocional, racional, corporal, etc. Essa abordagem holística, que considera tanto os aspectos individuais quanto os sociais, é essencial para promover uma mudança cultural profunda que desmantelará as estruturas de poder patriarcais e, assim, contribuirá para a erradicação da misoginia e da violência de gênero em nossa sociedade.³²⁸

O presente estudo explorou a complexa interseção entre a misoginia, a violência de gênero e as manifestações de ódio nos ambientes online que migram para o mundo real. Desde as raízes históricas desses problemas até as tentativas legislativas e tecnológicas para combater esses atos de violência, buscando entender as nuances que envolvem a perpetuação da misoginia e da violência de gênero na sociedade contemporânea.

Ficou claro ao longo desta análise que a misoginia online representa uma ameaça real, com consequências profundas para as mulheres e para a sociedade através dos manifestos de violência, discurso de ódio, e a disseminação de estereótipos de gênero que prejudicam as vítimas diretas e a sociedade, visto que a misoginia é, em última instância, um sintoma de estruturas do poder desiguais que precisam ser desafiadas e transformadas.

Buscou-se ainda discorrer e refletir quanto as políticas públicas e as legislações vigentes como a Lei Maria da Penha, a Lei Lola e o projeto de Lei 872/23 desempenham um papel importante na proteção das mulheres. No entanto, a eficácia dessas medidas legislativas deve ser continuamente avaliadas e melhoradas, frente o crescimento alarmante do feminicídio no Brasil.

No que diz respeito, à tecnologia, esta pesquisa destacou como a inovação pode ser usada tanto para o combate à misoginia quanto para a sua propagação e, nesse sentido, as plataformas digitais e a mídia desempenham um papel crucial na ampla divulgação de informações, o que faz imperativo que esses atores assumam a responsabilidade de promover a ética na informatização desses conteúdos para combater o discurso de ódio e evitar o COPYCAT.

³²⁸ JORGE, Maria Salete Bessa et al. Reabilitação psicossocial: visão da equipe de saúde mental. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 59, p. 734-739, 2006. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:RM3hTVBYO3kJ:scholar.google.com/+olha+holistico+combate+violencia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 06 Out. 2023

O caminho para uma sociedade mais igualitária requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo áreas da saúde, psicologia no desenvolvimento humano, educação, envolvendo instituições, ativistas e a sociedade em geral para que a violência se tornem relíquias do passado em direção a um mundo mais inclusivo e igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, teve como objetivo estudar as Complexas questões da misoginia, violência de gênero, manifestos de violência e o papel dos movimentos masculinistas na sociedade contemporânea.

Para seu desenvolvimento lógico o trabalho foi dividido em **três capítulos**.

O **primeiro**, tratou do conceito da Hierarquia Masculina para melhor compreensão, sua inclusão desde os primeiros historiadores que relataram os primórdios da humanidade.

A constante presença da hierarquia masculina na história da humanidade moldou a sociedade de maneira a relegar as mulheres a um papel subalterno.

Conforme disposto naquele capítulo, a hierarquia masculina é uma constante em função da hegemonia masculina, moldando a sociedade de maneira que despreza as mulheres a um papel secundário.

Essa análise ressaltou a importância de compreender as origens históricas da desigualdade de gênero.

O **segundo capítulo** foi destinado a estudar os movimentos masculinistas e dos movimentos feministas. Destacando as diversidades de ideologias e objetivos presentes nesses movimentos.

Considerando que os movimentos masculinistas não são monolíticos, variando desde aqueles que buscam desafiar as normas tradicionais de masculinidade até os que adotam posturas antifeministas e promovem discursos misóginos e violentos, sendo que essa diversidade de ideologias trouxe uma profunda compreensão das implicações para a sociedade, a disseminação dos discursos de ódio e da violência.

Conforme disposto naquele capítulo, ao analisar a diversidade de ideologias e objetivos dentro desses movimentos tornou essencial uma análise crítica e uma compreensão profunda de suas implicações para a sociedade. Os movimentos masculinistas abordam literaturas com conteúdos misóginos, e consideram a mulher como um ser demoníaco disseminando desinformações e ideologias de gênero que perpetuam a violência.

No **terceiro e último capítulo**, o tema abordado foi a responsabilidade dos movimentos masculinistas e das plataformas e mídias na era digital.

Nesse contexto, a internet se tornou um terreno fértil para a disseminação de discursos de ódio e misoginia, sendo que as redes sociais, fóruns online anônimos, outras plataformas e mídias sociais foram identificadas como espaços onde manifestações de violência são comuns.

Neste capítulo verificou-se ainda que a internet deu voz a uma variedade de movimentos masculinistas que utilizam essa plataforma para disseminar discursos de ódio e misoginia.

Nesse sentido, as plataformas digitais têm a responsabilidade de combater essas manifestações e criar ambientes online mais seguros e respeitosos. A análise do perfil dos frequentadores pode informar estratégias de prevenção, enquanto a assistência interdisciplinar na área da saúde com o intuito de promover soluções, as estratégias de multidisciplinares para enfrentar a misoginia e

a violência de gênero requer uma abordagem multiprofissionais para oferecer apoio às vítimas e contribuir para a prevenção da violência através de desenvolvimento humano.

Dentro desses conhecimentos a análise do perfil dos agressores pode informar estratégias de prevenção, enquanto a assistência interdisciplinar na área da saúde pode oferecer apoio às vítimas e autodesenvolvimento dos homens para a prevenção da violência. As profissões multidisciplinares desempenham um papel crucial no desenvolvimento de intervenções eficazes.

Somado a isso, o desafio cultural profundo, das medidas práticas, a mudança cultural é essencial. O combate à misoginia e à violência de gênero não se limita apenas à capacidade de punir os agressores, mas envolve uma transformação profunda das estruturas de poder patriarcais que perpetuam esses problemas.

Essa mudança cultural é um desafio de longo prazo que requer esforços contínuos. Esta pesquisa destaca a urgência de abordar a misoginia e a violência de gênero em todas as suas manifestações.

Ademais, o papel dos movimentos masculinistas, das plataformas digitais, das políticas públicas e das profissões multidisciplinares é fundamental para enfrentar esse problema social complexo, trata-se de um chamado para a sociedade para unir na promoção da igualdade de gênero e na erradicação da misoginia, visando a construção de um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas.

Por fim, retomam-se as **hipóteses básicas** da pesquisa:

a) Os movimentos masculinistas podem desempenhar um papel significativo na disseminação da misoginia, da violência de gênero e no incentivo aos manifestos de violência.

Diante da análise detalhada realizada neste estudo, torna-se claro que os movimentos masculinistas podem, de fato, desempenhar um papel

significativo na disseminação da misoginia, da violência de gênero e até mesmo no incentivo a atos extremos, como massacres e atos de violência.

Embora seja importante reconhecer a diversidade nos movimentos masculinistas, há segmentos radicais que promovem discursos que desvalorizam as mulheres, perpetuam ideias de superioridade masculina se opondo ao avanço das políticas de igualdade de gênero.

Sendo assim, a **hipótese** básica foi **confirmada** pelo resultado da pesquisa.

b) O Direito Penal Brasileiro e as políticas públicas relacionadas à misoginia online e à violência de gênero são insuficientes e carecem de medidas eficazes de prevenção e combate.

Essa constatação reforça a importância de soluções e estratégias eficazes para enfrentar a misoginia e a violência.

Monitorar e compreender esses movimentos masculinistas, a fim de identificar e combater eficazmente a disseminação de discursos misóginos e prejudiciais.

Além disso, destaca a necessidade de promover uma educação baseada na igualdade de gênero desde cedo, visando a desconstrução de estereótipos prejudiciais e a promoção de relacionamentos saudáveis e respeitosos entre homens e mulheres.

A prevenção da misoginia e da violência de gênero requer uma abordagem multifacetada que envolve não apenas ações no âmbito do Poder Punitivo, mas também a educação, a conscientização e a responsabilização das plataformas digitais, se fazendo essencial reconhecer que a responsabilidade não recai apenas sobre os movimentos masculinistas, mas sobre toda a sociedade, incluindo as instituições governamentais, as organizações não governamentais e os cidadãos em geral.

Sendo assim, a **hipótese** básica foi **confirmada** pelo resultado da pesquisa.

c) Soluções eficazes para enfrentar a misoginia e a violência de gênero online requerem uma abordagem multidisciplinar que envolva a sociedade, as plataformas digitais, o sistema legal e políticas públicas mais abrangentes.

Nota-se que para o enfrentamento dos conteúdos misóginos para combater a disseminação de violência é necessário tecnologias e inovações, além de uma abordagem profissional multidisciplinar envolvendo a responsabilização das plataformas digitais e mídias na informatização de conteúdos com ética para evitar o efeito COPYCAT.

Sendo assim, a **hipótese** básica restou **confirmada** pelo resultado da pesquisa.

Portanto, resta finalizado o trabalho de pesquisa sobre os movimentos masculinistas onde pode-se compreender que desempenham um papel significativo na disseminação da misoginia, da violência de gênero e no incentivo aos atos de violência.

Verificou-se ainda que se aborde essa questão com seriedade e dedicação, e ao final, possíveis soluções que promovam a igualdade de gênero e um ambiente seguro para todas as pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero para elucidação e conclusão do trabalho de forma objetiva.

REFERÊNCIA DAS FONTES CITADAS

ADAID, Felipe. Homofobia e misoginia na Pré-História: Genealogia da violência. **Revista Ártemis**, PUC/Campinas. pp. 27-36, jan-jul. 2016. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/f5c298df115cab775685e5cd80cfcda1/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 01 jun. 2023.

ALITA, Nessahan. A guerra da Paixão. As artimanhas e os truques ardilosos das mulheres no amor. 1ª edição. 2005. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

ALITA, Nessahan. Como lidar com mulheres, apontamentos sobre o perfil comportamental feminino nas relações com o homem. 1ª edição. 2004. Virtual independente. Disponível em: <https://nessahanalita.com/> Acesso: 01 Set. 2023

ALMEIDA, Maria Carolina Caraméz. Do feminicídio e de sua (in) compatibilidade com as qualificadoras subjetivas do hominídio. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6382> Acesso: 05 Out. 2023

ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. “A culpa é toda delas”: analisando a naturalização do discurso dos celibatários involuntários (incels) no Brasil. Revista Iberoamericana de Psicologia, v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ribpsi/article/view/2577/1534> Acesso: 05 Out. 2023

ANDRIOLI, Liria Ângela. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. Ijuí: UNI-JUÍ, 2006. p.1-4 E-book. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/13018>. Acesso em: 24 maio. 2023.

ARONOVICH, Lola. Guest Post Bomba: Guru mascu pede desculpas. **Escreva Lola Escreva**. 201. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/06/guest-post-bomba-guru-mascu-pede.html> Acesso: 01 Set. 2023

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pelo significado da mulher no feminismo . 2019. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/70/79https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1090697> Acesso: 16 Out. 2023

BARÃOZIN. Bem-vindo ao deserto do real. **Canal Do Búfalo**. 2011. Disponível em: <http://canal.bufalo.info/chegando-agora/> Acesso: 01 Set. 2023

BARBOSA, Karina Gomes; BARBOSA, Yasmine Feital Calçado. Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no G1. **LÍBERO**, n. 48, p. 51-72, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1445> Acesso: 31 Ago. 2023

BARROS, Ana Maria Dinardi Barbosa; ALVES, Lorrane Paraviso; LIMA, Rafaela Nascimento Alves. Misoginia e a sua proteção jurídica. **II COPGRAD UBM**, v. 1, n. 02, p. 15-24, 2022. Disponível em: <https://revista.ubm.br/index.php/copgrad2/article/view/1409/378> Acesso: 29 Ago. 2023

BELO, Pollyane. Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção1. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:gJAh5tz7o4MJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

BICKLE, Travis. Guia do homem honrado. Fênix Realista. Virtual independente. Disponível em: <https://fenixrealista.wordpress.com/2015/10/12/guia-do-homem-honrado-parte-03-falsas-amizades/> Acesso: 01 Out. 2023

BIRMAN, Joel. Gramáticas do erotismo. Editora José Olympio, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=nosBDgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 08 ago. 2023.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; BLOC, Lucas Guimarães; TEÓFILO, Magno César Carvalho. Os rituais da construção da subjetividade masculina. **O público e o privado**, v. 10, n. 19 jan. jun, p. 17-32, 2012. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2627>. Acesso em: 14 out. 2023.

BREDER, Debora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu: a construção hierárquica da diferença masculino/feminino. **Cadernos de Campo. São Paulo**. p. 35-45. Out. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/43286/46909>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras, profissionais de prestígio. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 01-02, p. 09-24, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11950>. Acesso em: 09 ago. 2023.

BUCO, Cristiane et al. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Pi, Brasil. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 23, p. 245-273, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/19220> Acesso em: 27 jun. 2023.

Câmara dos Deputados. PL 8992/2017.. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2159968> Acesso: 06 Out. 2023

CARVALHO, Jess. De Incel a Red Pill: A falta de efetivação da Lei Lola contra a misoginia na internet. Blog Catarinas. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/de-incele-a-red-pill-a-falta-de-efetivacao-da-lei-lola-contra-a-misoginia-na-internet/> Acesso: 04 Out. 2023

CARVALHO, Patrícia Fossatti de. A notoriedade dada aos atiradores na imprensa: um estudo do massacre de Suzano na reportagem da revista Veja. 2020. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/1950> Acesso: 03 Out. 2023

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. FGV Editora, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=hZ-wsn-vTI2oC&oi=fnd&pg=PA5&dq=conel+masculinidades&ots=sdEMU9j37o&sig=IdLXnOtWSUgSdnPsSyu3EKwW4OY#v=onepage&q=conel%20masculinidades&f=false> Acesso em: 08 ago. 2023.

CHAI, Cássius Guimarães. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DETERMINANTES SOCIAIS E DIREITO. Violência de Género e seus Determinantes Sociais, 2021. Disponível em: <https://cdn-0.mpm.br/publicacoes/15321/4737cccaf14b0923d04929eae1d551d2.pdf#page=7> Acesso: 29 Ago. 2023

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282. Abr. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CRUZ, Charis D. A História da Real. Blog. 2016. Virtual independente. Disponível em: <http://charisdacruz.blogspot.com/2016/06/a-historia-da-real.html> Acesso: 30 Set. 2023

DA ROSA, Joseana Stringini. Subalternidade Feminina: Violência contra a mulher em o outro pé da sereia, de Mia Couto. **Revista Entre Parênteses**, UFSM/PPGL. Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/795>. Acesso em: 06 jun. 2023.

DA SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical–pensamento e movimento. Textura, v. 3, n. 1, p. 24-34, 2008. Disponível em: <https://textura.emnuvens.com.br/textura/article/view/251> Acesso: 06 Out. 2023

DA SILVA GOMES, Fábio. Vivência sexual de algumas civilizações antigas ocidentais: gregos, romanos, povos nativos da América Portuguesa e de partes da África. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 3, n. 9, p. 27-49, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11007> Acesso em: 16 out. 2023.

DA SILVA, Sergio Gomes. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**. v. 26 p. 118-131. **Jan-mar**. 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-480547>. Acesso em: 09 jun. 2023

DA SILVA, Vinícios; LONDERO, Josirene Candido. DO MATRIARCALISMO AO PATRIARCALISMO: formas de controle e opressão das mulheres. 2011. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31484>. Acesso em: 16 out. 2023.

DE AGUIAR, Rodrigo Queiroz; PELÁ, Márcia Cristina Hizim. MISOGINIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ORIGEM, FATORES E COTIDIANO. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7760478> Acesso: 27 Ago. 2023

DE AZEVEDO, Janaina Leite. NAS SOMBRAS DA INTERNET E DO NÃO-ESTADO: REFLEXÕES SOBRE A ASCENSÃO DE GRUPOS EXTREMISTAS NA DEEP WEB NO BRASIL. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:1vL8O_DF3MIJ:scholar.google.com/+movimentos+masculinistas+na+deep+web&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 29 Set. 2023

DE JESUS, Fabrício Veloso. Identificação e Classificação Automática de Misoginia em Redes Sociais. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:cA4_BVpxEMEJ:scholar.google.com/+defini%C3%A7%C3%A3o+de+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 29 Ago. 2023

DE OLIVEIRA GUIMARÃES, Carolina. Percepções sobre masculinidade e violência. 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/130982>. Acesso em: 09 ago. 2023.

DE OLIVEIRA, Andréa do Carmo Briel; HEERDT, Bettina. Discursos em relação a homens e mulheres da pré-história: possíveis implicações no ensino de Biologia. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 17, n. 38, p. 71-87, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8091870>. Acesso em: 22 jun. 2023.

DE OLIVEIRA, Rosane Cristina; DA SILVA, Renato. 122. Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl., p. 1609-25, 2021. Disponível em: <https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/988> Acesso: 16 Out. 2023

DE SOUZA, Aline Fernandes. “O papel das mulheres na sociedade faraônica: a igualdade em discussão.”. In: ST 70 – Corpo, violência e poder na antiguidade e no medievo em perspectiva interdisciplinar, 2008, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: PPGH – UFF, 2008. p. 1-04 E-book. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/o-papel-das-mulheres-na-sociedade-faraonica-a-igualdade/9159208/> Acesso em: 01 jun. 2023.

DE SOUZA, Itamar. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. **Revista Uni-RN**, v. 2, n. 2, p. 111-111, 2003. Disponível em: <http://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/view/81/93> Acesso em: 16 out. 2023

DE SOUZA, Luanna Tomaz; PETROLI, Danielle Pinto; MAGALHÃES, Letícia Vitória Nascimento. A LEI LOLA E OS USOS ACADÊMICOS DA MISOGINIA NO BRASIL. **Revista Paradigma**, v. 31, n. 2, p. 231-257, 2022. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1482> Acesso: 06 Out. 2023

DINIZ, Carmen Regina Bauer. Movimentos feministas da década de sessenta e suas manifestações na arte contemporânea. **18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais–21 a**, v. 26, p. 1541-1555. Set. 2009. Disponível em: www.anpap.org.br/anais. Acesso em: 09 jun. 2023.

DINIZ, Mariana. Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso. **Promotora, Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade do Algarve**, n. 4, p. 37-51, 2006. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/7136>. Acesso em: 22 jun. 2023.

DO AMARAL MOTA, Taciane Cavalcanti. ENTENDENDO A MISOGINIA ONLINE: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS. Publicações, 2023. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/issue/view/70/79> Acesso: 02 Out. 2023

DOS SANTOS ESTEVES, Natacha; DOS SANTOS COQUEIRO, Wilma. “A CURA NÃO EXISTE”: DEPRESSÃO, MELANCOLIA E SUICÍDIO NO ROMANCE O PESO DO PÁSSARO MORTO, DE ALINE BEI. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 17, p. 107-116, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3829> Acesso: 16 Out. 2023

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia. pp. 93-97, jun. 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:07KvC3bqZfYJ:scholar.google.com/+ECCO,+Cl%C3%B3vis.+A+fun%C3%A7%C3%A3o+da+religi%C3%A3o+na+constru%C3%A7%C3%A3o+social+da+masculinidade.+Revista+da+Abordagem+Gest%C3%A1ltica:+Phenomenological+Studies,+&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 01 jun. 2023.

ESPINOZA, Olga. A prisão feminina desde um olhar da criminologia feminista. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, v. 1, n. 1, p. 35-59, 2002. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:A_MFY9TdKbcJ:scholar.google.com/+quais+s%C3%A3o+os+questionamentos+feminista+frente+ao+masculino&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 19 Set. 2023

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, p. 379-394, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WGzgV8McnFxXdy3wndy4F/> Acesso: 01 Set. 2023

FERNANDES, Nathaly Cristina; DA NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino. A naturalização da violência contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/17903/14503> Acesso: 01 Set. 2023

FLORES, Paula; BROWNE, Rodrigo. Jóvenes y patriarcado en la sociedad TIC: Una reflexión desde la violencia simbólica de género en redes sociales. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 15, n. 1, p. 147-160, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2017000100009. Acesso: 22 Jun. 2023

FRANÇOIA, Carla Regina et al. Configurações de Masculinidade (s) e Bem-estar Psicológico dos Homens. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 98-133, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37790/26371>. Acesso em: 20 jun. 2023.

G1. Mãe de autor de ataque em escola de SP diz que sabia de conversas do filho com temática de “massacres” em redes sociais. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/28/mae-de-autor-de-ataque-em-escola-de-sp-diz-que-sabia-de-conversas-do-filho-com-tematica-de-massacres-em-redes-sociais.ghtml> Acesso: 05 Out. 2023

GRANDRA, Alana. Fóruns anônimos propagam conteúdos que incitam violência contra mulher. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/foruns-anonimos-propagam-conteudos-que-incitam-violencia-contra-mulher> Acesso: 05 Out. 2023

GUIMARÃES, AUGUSTTO DE PAULA; BARBOSA, BEATRIZ DA SILVA QUEIROZ. A ESCOLA COMO PALCO DE MASSACRES E ATENTADOS ARMADOS. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xHy8dE_eQ1YJ:scholar.google.com/+foruns+online+atentados&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 04 Out. 2023

GOMES, Magda Soraia da Costa. Desafios e metaestereótipos no percurso empreendedor: crenças de autoeficácia e autoconfiança em mulheres fundadoras de startups. Portugal: UCP, 2019. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30037>. Acesso em: 09 jun. 2023.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos. Tradução de CristianBrayner. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada>. Acesso em 06 jun. 2023

HARRY, Angry. Mulheres e chimpanzés – Parte 1. **Canal Do Búfalo**. 2011. Disponível em: <http://canal.bufalo.info/2011/12/mulheres-e-chimpanzes-parte-1/> Acesso: 01 Set. 2023

HEILBORN, Maria Luiza, RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. Net, Rio de Janeiro, out. 2018. **APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/download/4547/3591>. Acesso em: 31 maio. 2023.

JORGE, Maria Salete Bessa et al. Reabilitação psicossocial: visão da equipe de saúde mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, p. 734-739, 2006. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:RM3hTVBYO3kJ:scholar.google.com/+olha+holistico+combate+violencia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 06 Out. 2023

KOERICH, Silvio. O Perdedor Mais Foda Do Mundo. 2007. Disponível em: <https://www.mediafire.com/?p6pohrm971h9wj1> Acesso: 01 Out. 2023

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. São Paulo: O homem pré-histórico também era uma mulher, 2020. Edição 159 versão online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-homem-pre-historico-tambem-era-uma-mulher/> Acesso em: 06 jun. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. BOD GmbH DE, 2019. p. 43-45 Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n8OpEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=%C3%A1+ca%C3%A7a+eram+para+homens+e+organiza%C3%A7%C3%A3o+para+mulheres&ots=jAJgxXqjCs&sig=YGEI75j3EIY5gvqessnWPmpydCE#v=onepage&q=%C3%A1%20ca%C3%A7a%20e+ram%20para%20homens%20e%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20para%20mulheres&f=false>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LEONE, Eugenia Troncoso; BALTAR, Paulo. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. **Revista Brasileira de Estudos de população**, v. 23, p. 355-367, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/VQG4bzGkXzqJdVFKWSVWsLB/?format=html&lang=pt> Acesso em: 10 set. 2023.

LEVY, Lídia; GOMES, Isabel Cristina. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 163-172, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/s9h6jTnp7LyMcG5GPVdJg8h/> Acesso: 01 Set. 2023

LEYKIS, Tom. Sobrevivência no mundo vaginante. Legado Realista. **Homem Honrado**. 2022. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/forumdisplay.php?fid=87> Acesso: 01 Out. 2023

LIBERTADOR, Administrador. Enquete: Qual é o maior realista de todos os tempos. Legado Realista. **Homem Honrado**. 2019. Disponível em: <https://legadorealista.net/forum/showthread.php?tid=3939> Acesso: 01 Out. 2023

LIMA, Caique. Autor de chacina em creche de Blumenau (SC) publicou mensagem enigmática nas redes. 2023. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/autor-de-chacina-em-creche-de-blumenau-sc-publicou-mensagem-enigmatica-nas-redes/> Acesso: 05 Out. 2023

LIMA, Daniel Costa; BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis. Homens, gênero e violência contra a mulher. Saúde e sociedade, v. 17, p. 69-81, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8cXqsYThdjHpPZm3PBtWCQC/> Acesso: 05 Out. 2023

LOPES, Amanda Rezende. Misoginia nas comunicações on-line: crimes de ódio entre relações de poder12. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:3io9bsU9V2EJ:scholar.google.com/+Misoginia+nas+comunica%C3%A7%C3%B5es+on-line:+crimes+de+%C3%B3dio+entre+rela%C3%A7%C3%B5es+de+poder12&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

MACHADO, Bruna Farias. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos, de Fabrício Carpinejar. **Mosaico**, v. 7, n. 11, p. 49-63, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/64777/62713>. Acesso em: 09 ago. 2023.

MACHADO, Evelyn Cláudio Ruvieri et al. MISOGINIA: O DISCURSO DE ÓDIO E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA MULHER. TCC-Psicologia, 2022. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1455> Acesso: 02 Out. 2023

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2001. Disponível em: <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000713777>. Acesso em: 09 ago. 2023.

MACHADO, Vanderlei. As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis. **Revista Estudos Feministas**. UFSC/Florianópolis. p. 196-199. Ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100017>. Acesso em: 07 jun. 2023.

MALDONADO MANZANO, Rosa Leonor et al. Análise do feminismo radical na sociedade segundo o Método Geral de Resolução de Problemas e o Diagrama de Ishikawa. Dilemas contemporâneos: educação, política e valores, v. 8, não. SPE3, 2021. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2007-78902021000500006&script=sci_arttext Acesso: 16 Out. 2023

MARCONI, Nelson. A evolução do perfil da força de trabalho e das remunerações nos setores público e privado ao longo da década de 1990. 2003. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/1432> Acesso em: 10 set. 2023.

MARIN, Sabrina Lozer et al. A ineficácia da lei Maria da Penha e sua contribuição para a perpetuação do ciclo de violência doméstica contra a mulher, sob a ótica da dominação masculina em Pierre Bourdieu. 2019. Disponível em: <http://191.252.194.60:8080/handle/fdv/778> Acesso: 06 Out. 2023

MARQUES, Jaliane; PINA, Natália; SILVA, Nicolay. O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES/INFLUENCERS USUÁRIAS DO INSTAGRAM. TCC-Psicologia, 2023. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:LFS9L8wsMEIJ:scholar.google.com/+misoginia+na+internet+e+saude+mental&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

MARTINS, Tattiussa Costa et al. Sob à luz dos holofotes: percursos da masculinidade hegemônica e subalternidade feminina na História. 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12686>. Acesso em: 08 ago. 2023.

MATOS, Raquel Silvério; MACHADO, Ana Flávia. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil (1987-2001). **Econômica**. Rio de Janeiro. p. 5-27. **Jun.** 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaeconomica/article/view/34918> Acesso em: 09 jun. 2023

MAZARO, Juliana Luiza; DE OLIVEIRA ANDRADE, Bruna; DE OLIVEIRA, José Sebastião. PROTEÇÃO JURÍDICA DA MULHER NA ERA DA TECNOLOGIA E INTERNET: SEXTORSÃO, PORNOGRAFIA DE VINGANÇA E A LEI LOLA. **Revistas de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**, v. 25, n. 1, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/juridica/article/view/9118> Acesso: 06 Out. 2023

MEIRA, Luís Antônio Alves. Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio. 2021. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15176/clc_ppglimiar_me_Luis_AAM.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso: 31 Ago. 2023

MENDONÇA, Camila. Movimento social em apoio às mulheres. **Revista Educa mais Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo> Acesso: 20 Ago. 2023

MIGUEL, Vinicius Machado; PRIORI, Lucas. Seja Misógino e Fique Rico. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:hDQsluwTtXAJ:scholar.google.com/+nessahan+alita&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 30 Set. 2023

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 2007-2016, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3kCPCWfBzqh8mzBnMhxmYj/?format=html> Acesso: 02 Out. 2023

MISTRETTA, Daniele. Lei Maria da Penha: por que ela ainda não é suficiente?. Revista LEVS, n. 8, 2011. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/1641> Acesso: 06 Out. 2023

MORA LÓPEZ, Óscar Gabriel; OROPEZA ZORRILLA, María Cristina. La política exterior feminista (PEF) de Canadá, 2015-2019. Evaluación y lecciones para México. **Foro internacional**, v. 61, n. 3, p. 767-798, 2021. Disponível em: <https://forointernacional.colmex.mx/index.php/fi/article/view/2758>. Acesso: 26 Set. 2023

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas. *Direito e desenvolvimento*, v. 8, n. 2, p. 261-278, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563>. Acesso em: 17 out. 2023

OLIVEIRA, FMA al et al. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. *Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão*, 2016. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Mo25LHj_xY0J:scholar.google.com/+LEI+maria+da+penha+e+sua+ineficacia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 06 Out. 2023

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 2401-2413, Jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2011.v16n5/2401-2413>. Acesso: 21 Jun. 2023

OLIVEIRA, Marcelo. Xenofobia, intolerância religiosa e misoginia foram os crimes denunciados à Safernet que mais cresceram nas eleições. **Revista SaferNet**, 2022. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/xenofobia-intolerancia-religiosa-e-misoginia-foram-os-crimes-denunciados-a-safernet-que-mais-cresceram-nas-eleicoes#mobile>. Acesso: 21 Ago. 2023

PATON, Nathalie. Radicalização: Uma consequência das injunções à individuação? Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:6d_YNxroKFsJ:scholar.google.com/+massacres+ligados+a+foruns+online&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

PIMENTEL, Carolina. Campanha quer mobilizar sociedade contra misoginia. Agência Brasil. EBC. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-08/campanha-quer-mobilizar-sociedade-contramisoginia> Acesso: 05 Out. 2023

PINTO NETO, Moysés. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *Dialogia*, n. 33, p. 178-191, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13790> Acesso: 03 Out. 2023

POMBO, Mariana. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**. p. 447-470. Set-Dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 jun. 2023

PONCIANO, Jéssica. 2006. "A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista". *Psicologia Ciência e Profissão*. Vol.26, nº 1, p.118-131.

RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo A. **Subjetividades antigas e modernas**. Annablume, 2008.APA Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ui16xXlwtLQC&oi=fnd&pg=PA5&dq=HIERARQUIA+MASCULINA+NAS+CIVILIZA%C3%87%C3%95ES+ANTIGAS&ots=0pkfD6oDVg&sig=yfrF22hvjXHUuxuvMOJ1Po9szX8#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 08 Out. 2023.

RIBEIRO, Nathália Belluzzi; DE SOUZA, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes. Reflexões sobre as redes sociais de suporte de mulheres que sofreram violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo: considerações sobre a percepção do corpo e da sexualidade das mulheres. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 32, n. 1-3, p. e203875-e203875, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/203875/189759> Acesso: 21 Ago. 2023

ROCHA, Telma Brito et al. VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NAS REDES SOCIAIS: O CASO ELAINE PEREZ CAPARRÓZ. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 2, p. 67-82, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7716/3781> Acesso: 21 Ago. 2023

RODRIGUES, Carla. A costela de Adão: diferenças sexuais a partir de Lévinas.. **Revista Estudos Feministas**, PUC/Rio de Janeiro. p. 371-387, Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tcCJz9p9hFjzHhC5XqbspGp/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RODRIGUES, Dagmar. QUAL O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA E NA FILOSOFIA DO ENSINO BÁSICO. **Revista Docentes**, v. 8, n. 21 Dossiê, p. 46-53, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/792/261>. Acesso em: 09 ago. 2023.

ROMIO, Caroline Matos; ROSO, Adriane. TENTATIVAS DE SILENCIAR MULHERES FEMINISTAS: REVISÃO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ANTIFEMINISMO NA INTERNET.**Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1992-2001, 2023. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1167/985>. Acesso em: 09 ago. 2023.

SANTOS, André Villela De Souza Lima et al. Explorando a misoginia online: síntese das evidências qualitativas dos discursos de ódio. 2022. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:vIK7Niy8lvQJ:scholar.google.com/+%E2%80%9Ctrash+talk%E2%80%9D+misoginia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 02 Out. 2023

SCAVONE, Lucila. Religiões, gênero e feminismo. **Rev Estudos da Religião**, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2008. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:psxj82eb7hkJ:scholar.google.com/+hierarquia+masculina+na+religi%C3%A3o&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso em: 16 out. 2023.

SILVA, Jardson et al. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E SUAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O AGOSTO LILÁS. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/31413> Acesso: 05 Out. 2023

SILVA, Luiz Rogério Lopes et al. A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube. **Revista ibero-americana de ciência da informação**, v. 12, n. 2, p. 470-492, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/22025/21351> Acesso: 05 Out. 2023

SILVA, Reinaldo Ramos da. As novas “Novas” Masculinidades: as identidades e as crises do gênero masculino na plataforma Instagram. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/28654> Acesso: 28 Set. 2023

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Edições Sesc SP, 2022.

SIQUEIRA, Silvia Marcia Alves. Entrevista com Silvia Marcia Alves Siqueira: apontamentos para o estudo das representações acerca do masculino e do feminino no Mundo Antigo. **Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 11, p. 10-19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/download/21815/14436>. Acesso em: 08 ago. 2023.

SOUSA, José Edir Paixão de et al. Atirador em Massa: ações para sobrevivência de civis. 2021. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/5702> Acesso: 08 Out. 2023

SOUZA, Thiago. Entenda o Movimento Sufragista: sua história e principais lideranças. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-sufragista/>. Acesso em: 27 set. 2023

STREY, Marlene Neves. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber, p. 47-69, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EgaegHUfNJMC&oi=fnd&pg=PA51&dq=sindrome+do+pequeno+poder+e+violencia&ots=Xumqd4Nzkk&sig=qCAOfjbfytr9h8Bz6MUehPjTQho#v=onepage&q=sindrome%20do%20pequeno%20poder%20e%20violencia&f=false> Acesso: 22 Jun. 2023

THISOTEINE, George Miguel et al. HOMENS, VIOLÊNCIA E CONSUMISMO: ANÁLISE DA MASCULINIDADE NOS GRUPOS VIRTUAIS MGTOW E DO FILME “CLUBE DA LUTA. *Diversidade e Educação*, v. 9, n. 1, p. 540-562, Jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13053/8955> Acesso: 21 Jun. 2023

TOSTA, Giselle Ferreira da Silva et al. Análise da violência contra a mulher nos estados brasileiros no período de 2016 a 2020. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/5522> Acesso: 05 Out. 2023

TRASFERETTI, José Antonio. Misoginia e a Violência Contra a Mulher. **Teologia em Questão**, n. 35, p. 92-109, 2019. Disponível em: <http://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/262/223> Acesso: 02 Out. 2023

TRUTH, The. O keynesianismo Feminista. Blog Questionando o Feminino. 2010. Virtual independente. Disponível em: <http://questionandofeminino.blogspot.com/> Acesso: 01 Out. 2023

VALENTE, Mariana G. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Internet. A liberdade de expressão e as novas mídias. Organização e introdução de José Eduardo Faria. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2020. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Y5gqzL58OyUJ:scholar.google.com/+opera%C3%A7%C3%A3o+bravata&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

VIANNA, Cynthia Semiramis Machado. A reforma sufragista: marco inicial da igualdade de direitos entre mulheres e homens no Brasil. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ASUHL> Acesso: 21 Ago. 2023

VIEIRA, Leonardo de Araújo. He for she: uma análise hermenêutica do discurso de lançamento do programa da ONU mulher pelo engajamento masculino na luta pela igualdade de gênero. 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/16515> Acesso: 26 Set. 2023

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub) culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703 Acesso: 02 Out. 2023

VLANGMAN, Peter. Elliot Rodger: An Analysis. *The Journal of Campus Behavioral Intervention*, v. 2, p. 5-19, 2014. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:AczBYMaoBLcJ:scholar.google.com/+elliott+rodger+masculinism&hl=pt-BR&as_sdt=0,5 Acesso: 03 Out. 2023

VOKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjZQvBzdC9tG/> Acesso: 31 Ago. 2023

12º BPM. Rede de segurança escolar. 2023. 1 vídeo (1h16min). Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1vxzTmjfConLDmue0rgDy4JKMwYY_INYo/view
Acesso: 08 Out. 2023